

LÍDIA craveiro



A Prenda da Noiva

E se a sua vida perfeita de
repente deixasse de existir?

Sopa de Letras Edições



Livros com sentidos



A PRENDA DA NOIVA

Romance
LÍDIA CRAVEIRO

Copyright © 2015 Lída Craveiro

2ª edição revista (2016)

3ª edição revista (2017)

4ª edição revista (2019)

Todos os direitos reservados. Proibida a cópia ou reprodução do texto, parcial ou na totalidade.

Índice

[Matilde](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[ESTEBAN E KRYSTEN](#)

[1](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[OBRIGADO POR LER O MEU LIVRO!](#)

[A AUTORA](#)

[Outros Títulos](#)

Este romance é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é pura coincidência.

Matilde

Nem queria acreditar...mas aconteceu.

*Porque eu, só por ter tido carinho,
pensei que amar é fácil.
Clarice Lispector*

Vou casar com um homem maravilhoso em tudo. Sou uma privilegiada. Mas mereço, oh, se mereço!

Há uma semana que não faço mais nada que preparativos para o grande dia. A minha mãe está esfusiante a pensar em quantas revistas socialite vai sair a reportagem do meu casamento. Coitada. Deixo-a sonhar, porque a última coisa que eu quero é uma quantidade de abutres a dispararem flashes na minha cara e a venderem à minha custa.

António ainda ficou uma semana em Londres e, ontem apareceu lá em casa dos meus pais, com um pacote quadrado de espessura fina, envolto num papel vintage, com um grande laço, e estendeu-mo.

- A tua prenda de casamento – disse-me. -É uma imitação perfeita, mas que vale muito dinheiro, se um dia estiveres pobre, vendes o quadro e ficas confortável durante muito tempo. É um seguro de vida.

Desconfiada – uma característica que me acompanha desde a infância -, rasguei o papel e quando tirei a pequena tela emoldurada numa baguete simples de madeira, fiquei siderada: um Toulouse Lautrec.

- António...é lindo. Mas... ia jurar que era verdadeiro, se tu não me dissesse...este quadro, quer dizer, o original, não foi leiloadado há pouco tempo na Christie's?

- Não sei, talvez. Mas não foi este de certeza - ironizou. - É apenas uma boa imitação, vale umas quinhentas mil libras. Gostaria muito de te

dar o verdadeiro...,mas...

- Nem tanto amor. Fico feliz com este, mas António, copiar pinturas assim não é crime?

O meu lado paranóico estava sempre alerta.

- Claro que não. Só se o fizeres passar pelo original. E como vai apenas ser pendurado numa das paredes da nossa casa, não é crime seguramente.

- Não estou muito segura disso, mas vale pela intenção.

- Amor, eu não sou um vulgar ladrão – disse ele fazendo beicinho.

- Não és não, querido. És o homem mais lindo do mundo e bom, és um ser humano maravilhoso.

E pendurei-me ao seu pescoço dando-lhe um beijo muito sugestivo, ao qual ele correspondeu com o mesmo entusiasmo a que já me habituara. António era um vulcão na cama e eu adorava isso.

Com o pensamento ocupado por lembranças boas e planos para o futuro saí da rua Augusta e entrei no Rossio em direcção à pastelaria Suíça. Atravessei a passadeira, esbarrando em algumas pessoas apressadas e desviando-me a tempo de chocar com outras. Sempre fui um tanto ou quanto desastrada.

Ao lançar o olhar, ao acaso, para o outro lado da praça, pareceu-me ver António junto a um banco de jardim debaixo de uma árvore das que ladeiam a praça do Rossio.

Continuei a andar.

Disparate.

Não era ele.

Em sete anos de namoro, António viajava grande parte do tempo em busca de novas peças para comprar e leiloar, ou angariando clientes para leiloarem as suas peças com a nossa firma. A empresa tinha crescido consideravelmente nos últimos anos, e o volume de trabalho era imenso. Concorríamos directamente com as mais prestigiadas firmas de leilões do mundo.

Voltei a olhar em direcção ao local onde me pareceu ver António e, surpreendida, confirmei - era ele.

Decidi atravessar a praça e dirigir-me a ele, mas, à medida que caminhava na sua direcção, observei que não estava sozinho. Um homem alto, com cabelo louro preso num rabo-de-cavalo curto tapado por um chapéu preto à Humphrey Bogart, estava na sua frente com um ar muito

sério. António gesticulava, parecendo zangado. Estaquei o passo junto às vendedeiras de flores, ciente que não era vista e fiquei a observar.

Não conseguia ver com nitidez o que se passava, António estava a uns vinte metros de distância, quase na direcção da estátua de D. Pedro IV. Caminhei mais uns metros em direcção à fonte, afugentando os pombos que debicavam milho atirado por uma velhota, pisando o milho e fazendo um barulho horrível. Acho que vou cair e estatelar-me ao comprido, sob o olhar reprovador da mulher, que viu os seus pombos afugentados com o meu estardalhaço.

Como um mal nunca vem só, o aroma das rosas e dos manjericos, entraram-me pelas narinas, fazendo-me levar a mão ao nariz, para evitar um daqueles espirros medonhos que costumo dar e, recordei-me que sou alérgica às flores e que me esquecera de tomar o anti-histamínico. Tapei a boca e o nariz com a mão e espirrei fazendo o menor barulho possível, mas, isso era uma tarefa inglória. Cada vez que espirrava os pombos levantavam voo e a mulher chamava-os de novo, olhando-me com reprovação

E lá estavam eles. António gesticulava e o outro homem tinha um ar caído. Algum negócio que correu mal.

Deixa-te de tretas Matilde, fazes com cada figura ridícula.

Resolvi aproximar-me e anunciar a minha presença, decerto António, sempre tão cavalheiro, me apresentava ao amigo e ainda ríamos um bom bocado.

Mas, não sei bem porquê, a sensação de desconforto apareceu de novo antes que eu desse mais um passo. Aquela sensação que me acompanhava sempre que a minha mãe estava para me fazer alguma coisa que eu detestava, o que acontecia com frequência.

Bom, não posso ficar aqui a fazer figuras ridículas mais tempo. Saí de trás da fonte e comecei a atravessar os poucos metros que me faltavam para chegar até eles. Os dois continuavam numa acesa conversa. O homem do chapéu gesticulava e António parecia ter recolhido uma lágrima com o dedo indicador.

Que raio! Então querem lá ver que o meu noivo é um homem mais sensível do que eu imaginava! Ver António de lágrimas nos olhos era a última coisa que esperava, logo ele, que era um pilar sólido, do mais resistente que eu conhecia. António nunca ruía perante fosse o que fosse.

Seria algum amigo de infância?

Levantei o braço para lhe acenar e fazer notar que estava ali, a poucos metros deles. Não fui vista. Mas que coisa mais estranha! Comecei a ficar irritada com o facto de ele não me ver. Logo António que possuía olhos de águia, não me via a cinco metros de distância?

De repente, o meu mundo desabou.

António e o outro homem abraçaram-se e beijaram-se na boca. Um beijo que era tudo menos...amigável.

Incrédula com o que via, levei a mão à boca, reprimi um grito e o vômito, e comecei a recuar até à estátua, onde procurei a protecção do rei.

D. Pedro socorre-me! Tira-me daqui!

Os homens continuavam abraçados, indiferentes aos olhares de quem passava.

Oh! Merda! Estaria a ficar louca? Não, não estava. Voltaram a beijar-se. Parecia uma despedida dolorosa, de dois amantes e, subitamente António, o meu noivo de há sete anos, largou o outro e afastou-se lentamente, em passo pesado, em direcção à Avenida da Liberdade.

Deixei-me escorregar até ao chão e o mundo pareceu-me desaparecer de repente enquanto o outro homem atravessava a praça passando mesmo na minha frente.

Tapei a face com a malinha pequena que tinha ao tiracolo, e virei-me de lado para não ser vista, mas de forma a ver -lhe a cara.

Quem era o desconhecido que beijou o meu noivo na boca? Não era português, ou pelo menos não parecia, quase apostava que era inglês, vestia de forma clássica, camisa branca e calças de ganga, num estilo casual e chique e ostentava uma tatuagem com carpas chinesas em todo o antebraço direito.

Chocada com os meus pensamentos que surgiam cada vez mais nítidos, vi-o afastar-se, indiferente à minha presença, e perder-se no meio das pessoas que por ali passavam a passeio, ou apressadas para qualquer propósito.

Certamente António ia explicar-me, mais tarde, quem era aquele desconhecido e que cena foi aquela. Tudo tinha uma explicação.

Mas...não, não ia perguntar, ia parecer uma intromissão e insegurança da minha parte.

As memórias surgiram-me em catadupa. Aquele não era o meu noivo o homem que conhecia há sete anos. Encostei a cabeça nos joelhos e deixei-me estar. Sentia-me agoniada. De repente vieram-me à memória as

reuniões de sábado à noite em casa da minha amiga e escritora Marta Saverio, a mediática romancista, odiada e vilipendiada pelos seus homónimos, apenas porque era a escritora portuguesa que vendia mais livros. Marta ria-se das palermices que diziam acerca dela e, ocasionalmente deixava cair uma declaração polémica na comunicação social – o que lhe valia durante algum tempo epítetos de burra, desmiolada, fútil, aluada, entre outros nomes requintados – e as suas vendas disparavam mais uma vez. Quem conhecia Marta, como eu, sabia que ela era uma mulher muito inteligente, bela, e que se divertia muito com o seu trabalho. Costumava dizer-nos que além de se divertir, ganhava muito bem com os seus romances traduzidos para várias línguas.

Foi numa dessas reuniões, de sábado á noite, que conheci António Mendonça. O meu António. O homem mais lindo e charmoso que me havia de calhar, depois de todo o género de lixo humano com quem namorei pela noite de Lisboa.

António acompanhava um amigo de Marta, que vivia em Londres e, depois de me observar por um bom bocado, sem eu saber onde me meter; o raio do homem não tirava os olhos de mim, aproximou-se num passo lento, calculado, com um charme de derreter pedras e, com um cálice de Porto na mão, e um sorriso na boca, estendeu-me o copo e alargou o sorriso. António era alto, peito largo, coxas fortes por baixo de uns jeans justos e uma pele morena, a sobressair de uma camisa branca. Um daqueles homens que só existem nas revistas e no cinema. Mas ele era mesmo real. Ah! E tinha uns olhos pretos muito curiosos que percorriam todos à sua volta observando o mais ínfimo detalhe. Naquele dia intimidou-me, confesso.

Há sete anos tinha sido assim:

- Olá. Sou António Mendonça, e tu quem és, menina bonita? – perguntou-me.

Esbocei um sorriso franco e pensei que lá vinha mais um a atirar-se a mim, logo agora que os homens estavam com uma cotação tão baixa na minha vida, depois de ter terminado com o Paulo. Desde que entrei na casa de Marta que o vi a seguir-me com o olhar.

- Simplesmente, Matilde – respondi sem grande enfase na voz.

Não me apetecia mais conversa, apesar de ele ser um pão.

- És sempre assim? – perguntou António enquanto se sentava no banco na minha frente e me estendia o outro cálice de Porto que trazia na

mão.

Aceitei o vinho e, levei-o aos lábios num gesto coquete. Burrice Matilde. Burrice, e se ele tivesse posto uma droga no copo e depois te violasse? Não conheces o homem de lado nenhum.

- Assim como?

- Misteriosa... - disse fazendo charme.- Não! Enigmática, assenta-te melhor.

Encolhi os ombros, não tinha intenção de entrar num jogo de palavras. O homem sentado na minha frente, já tinha passado dos trintas há algum tempo e emanava charme por todos os poros. Homens e mulheres lançavam-lhe longos olhares, cativados pelo seu carisma. Era atraente daqui até à lua e eu tinha noção disso, desde que o apanhei, sucessivamente, ao longo da noite, a comer-me com os olhos.

Não devia ser sacrifício nenhum dar umas voltas com ele – atrevi-me a pensar.

Euzinha que me achava um patinho feio – apesar de os homens me acharem um cisne – estava maravilhada, mas a fazer jogo duro.

O ar quente de Julho, o som da noite, a música de Tom Jobim, dava ao ambiente, um tom de sedução e de mistério. Não fosse ainda estar de luto pelo término recente do namoro com aquele traste do Paulo, e do emprego que perdera recentemente, e estaria feliz, ali, naquele espaço requintado na noite Lisboaeta.

Não estava com disponibilidade para jogos de sedução, mas, no entanto, fui ficando. Parecia hipnotizada.

- Tens algum problema? Noto tristeza no teu olhar, simplesmente Matilde...

Surpreendi-me com a observação dele, mas rapidamente percebi que não estava a fazer nenhum esforço para esconder a minha desilusão com os homens. Ri-me. O raio do homem não era só o homem mais bonito da festa, era também perspicaz. Acrescentei-o à lista dos inteligentes, já que os outros homens – à exceção do meu pai – estavam todos na minha lista negra.

- Sim...és bom observador António...Mendonça. Não, não estou triste, lamento se passei essa impressão – menti. - E tu quem és?

- Sou um homem livre...negoceio em arte, leilões... em Londres – esclareceu-me – e, estou de férias...quer dizer, faço umas escapadinhas por cá muitas vezes, afinal sou português. E tu, que fazes?

- Agora vivo do subsídio de desemprego. Sou licenciada em tradução, mas fiquei desempregada.

Porra que coisa mais humilhante Matilde! Não tinhas nada mais simpático para dizer?

A conversa durou o resto da noite e foi o início de um namoro de sete anos, que me levou a morar em Londres ao fim de pouco tempo de o conhecer e tornar-me na secretária da firma de leilões de arte que ele dirigia com um sócio inglês.

Rapidamente me tornei eficiente na arte de angariar obras de arte para leiloar. Estudei o ofício, fiz um curso de história da arte enquanto trabalhava e depressa me senti recompensada financeiramente. Vivo na City, numa casa caríssima, num dos bairros mais sofisticados de Londres – Fulham- e que António faz questão que a empresa de leilões pague.

Porque podemos pagar, justifica ele.

Será que conheço bem o António? Será que não estou bem da cabeça?

Com as pernas a tremelicar e humilhada, levantei-me. Tenho que chegar ao metro. Comecei a descer as escadas da entrada do metropolitano e o telefone anunciou uma mensagem de texto.

Era de António.

Querida, estou em Sintra com os meus pais a verificar o local do copo de água. Tudo pronto, não te preocupes. Até amanhã, na igreja. Amo-te muito.

Pois estás António. Claro que estás!

Alguma coisa não batia certo e a minha cabeça está quase a dar um nó. Nunca desconfiei que António me mentia. Nunca desconfiei dele.

Mas agora ELE estava a mentir. Sintra? Tinha saído dali há menos de dez minutos! Comecei a sentir-me zozza de novo. Entrei na carruagem atafalhada e segurei-me a uma barra de apoio. Entre encontrões, cheiro a suor e roupa mal lavada misturada com perfumes da mais alta gama à imitação barata, tudo me impelia a sair dali. O alarme das portas soou e estas fecharam-se. Já não consigo sair, mas também quero é ir para casa e em dez minutos estou lá.

ALAMEDA. Que bom, estou em casa. É só subir a Avenida Almirante Reis e estou na Praça de Londres.

As pernas pesam-me toneladas e ainda faltava uns bons metros até casa.

Mal abri a porta e atirei as chaves com força para dentro da taça de cobre, deparei-me com a cabeça da minha mãe a sair da porta da sala.

- Que gesto foi esse, Matilde? Estas bem, filha?

Não conseguia enganar a minha mãe. Conhecia-me tão bem que bastava uma pequena mudança para saber quando eu tinha problemas. As chaves a caírem com estrondo na taça de cobre em cima da credência antiga era um sinal de que algo tinha acontecido.

- Estou bem mãe – e aproximei-me para a beijar.

- Não sei filha, parece-me que não. Estiveste a chorar? Não me digas que te arrependeste? Olha que não arranjas outro homem, como o António! É um genro de ouro.

- Vendido a peso deveria valer bom dinheiro mãe. São perto de noventa quilos. Uma fortuna!

- Tu e o teu sarcasmo. Amanhã vai ser um dia lindo. O meu maior sonho foi casar as minhas filhas com gente de bem e, com um Mendonça, é algo que nunca pensei que me acontecesse. Vai ser um dia memorável. Com um pouco de sorte a Caras e a Nova Gente vão estar presentes para fazer uma reportagem.

- Poupa-me mãe! Sou capaz de me transformar numa leoa se essa gente estiver por lá. Deves estar a brincar! Se pensas que eu sou o teu macaquinho amestrado, estás muito enganada. Se convidaste as revistas, desconvida! – gritei-lhe.

Adoro a minha mãe, mas não suporto o seu snobismo. Deixo-a a falar sozinha e entro no quarto. Precisava de pôr as ideias em ordem e não queria ser submetida a interrogatórios, coisa que ela gostava imenso de fazer com as duas filhas. Talvez telefonasse a Marta. Mas será que ela ia entender? Ou ia dizer-me o que eu não quero ouvir? O mais sensato era esperar pelo dia de amanhã. Uma noite de permeio é o melhor lenitivo para as minhas dúvidas.

**

- Estás linda, minha irmã! – exclamou Rosamaria, a minha querida irmã.

- É dos teus olhos, querida. É porque gostas de mim que me elogias - respondi enquanto ajeitava a grinalda de tule branco, sem a menor vontade de o fazer.

Apetece-me mesmo arrancar aquela porcaria da cabeça e fugir dali.

- Quê? – disse Rosa sem me entender.

Senti-me cansada e com o pensamento lento e a esvoaçar. O meu cérebro inquieto trouxe-me de brinde muitas cenas da série *Spartacus* a série televisiva que eu acompanhei até à segunda temporada, onde cenas eróticas homossexuais abundavam sem que me incomodassem. Vagueei por Roma antiga, entre o povo, nas arenas com gladiadores, e pelas praças em busca de dois homens que fugiam pelas ruelas estreitas. Dois homens a quem eu tinha de perguntar algo com urgência.

A voz de Rosamaria tirou-me do devaneio.

- Maninha, é impressão minha ou estás arrependida? Há alguma coisa que me queiras contar antes de irmos para a igreja? Vá lá Matilde, não subas ao altar com essa cara. Pareces o cordeiro que vai para o sacrifício.

Olhei para Rosamaria sem saber se havia de contar, ou não. Não queria ser injusta com António, mas à medida que pensava no dia anterior as dúvidas cresciam. Não ia contar a Marta porque já sabia o que ia ouvir. Marta era muito pragmática, tal como eu, mas desta vez eu não consigo tomar uma decisão.

Vou contar.

Meia hora depois, Rosamaria estava com uma expressão de assombro no olhar. Era óbvio o que ela pensava. Saltava-me à vista. António era considerado o homem perfeito, o namorado perfeito e segundo a nossa mãe, um genro de sonho: fino de tracto, elegante, cavalheiro e muito atento às minhas necessidades, para além de ser um empresário muito bem-sucedido. E lindo! Esquecera-me dessa parte. António era um Adónis em pessoa.

- Eu sei o que parece, mas não digas por favor. Sei que António tem uma boa explicação, de certeza, e logo, depois de estarmos casados vou rir-me de tudo isto – disse eu antes que ela me destruísse as esperanças e o sonho.

- Tu é que sabes Matilde. Só quero ver-te feliz.

Era claro para mim que a minha irmã estava tão apreensiva como eu.

- Acompanho a mãe à igreja no carro dela e esperamos-te no altar. Não te esqueças que ainda estás a tempo de voltar atrás. Há coisas pelas quais não vale a pena passar, irmãzinha.

Uma hora depois estava na igreja de S. Domingos - junto ao Rossio, na baixa de Lisboa - onde os convidados ansiosos esperavam a minha entrada na grande nave da igreja.

À medida que o carro da década de quarenta, atravessava Lisboa e se aproximava do destino, o meu coração batia em taquicardia e a minha mente dizia-me para fugir.

O meu pai olhava-me com desconfiança.

Saí do carro e ele olhou-me com o sobrolho franzido. Por mais que o pai gostasse de António, não nutria por ele a admiração cega da minha mãe e, amiúde já deixara descair que pensava mesmo que o homem devia ter qualquer segredo bem oculto.

Ninguém era assim tão perfeito.

Eu sabia, que o meu pai sabia.

- Matilde? Tens a certeza? – perguntou-me olhando-me nos olhos.

Conhecia-me demasiado bem para detectar mudanças no meu semblante, por mais que eu tentasse disfarçar.

- Tenho pai.

Não, não tenho. Estou apavorada.

Na verdade não queria admitir, isso seria confrontar-me com mais uma desilusão amorosa e não me sentia capaz de suportar outra. Não agora que tinha trinta e cinco anos e a esperança de ter uma família com filhos estava a escapar-me das mãos.

Enfiei o braço direito no do meu pai e caminhei até à porta antiga de madeira, aberta de par em par. A tia Catarina, de sobreaviso, deu sinal ao organista, que começava a tocar os primeiros acordes da Avé-Maria de Schubert. A voz de um barítono ligeiro entoava as primeiras notas deixando arrepios e lágrimas nos olhos de muitas das pessoas por quem eu ia passando. A igreja composta de uma única nave de dimensões gigantescas, sobrevivente de um incêndio do qual ainda se vêem vestígios nas paredes, tem todas as suas cadeiras ocupadas e há pessoas de pé. O ambiente é de luxo, requintado, digno de um casamento da realeza.

Manuela Vidal, a minha querida mãe fez questão de contratar a empresa de eventos mais prestigiada da cidade para organizar a cerimónia, para além de ter convidado as revistas mundanas a noticiarem o casamento. Felizmente nenhuma estava presente. A minha mãe era uma desconhecida na sociedade lisboeta e não constituía matéria importante para vender revistas.

Estamos prestes a chegar ao altar. Agarro-me com força ao braço do meu pai, que me conforta de imediato afagando-me a mão, e dou um passo em frente pisando com relutância a passadeira vermelha estendida desde a

porta até ao altor mor. A minha amiga de sempre, Marta Saverio companheira de aventuras literárias e outras, estava na primeira fila junto a Rosamaria e às amigas mais próximas dos tempos de infância e faculdade. Elas sorriem-me, mas não consigo retribuir. Tenho o estômago embrulhado e as pernas sem força. As pernas avançavam mas a cabeça diz-me para voltar para trás.

A medo, levantei os olhos para o altar e encontrei os dele. Estava lindo. Era de facto um homem que marcava pela sua presença máscula. Ladeado pelos pais e padrinhos de ambos, esperava-me com um sorriso leve nos lábios. O tenor continuava a entoar versos da oração cantada à virgem Maria. Vi os olhos da minha mãe marejados de lágrimas, ao lado do ar aristocrático dos pais de António, sempre serenos e firmes como se fossem de pedra. Em frente ao altar o Padre Amândio esperava-me para celebrar os votos sagrados do matrimónio. Voltei a olhá-lo nos olhos e, pela primeira vez em tantos anos pareceu-me ver uma sombra de dúvida. Ou serei eu que estou contaminada pelo que aconteceu na véspera?

O meu pai entregou-me a António e eu olhei-o de novo nos olhos inquirindo em silêncio uma resposta que me deixasse sossegada. Queria a confirmação que era a única pessoa na sua vida amorosa. Ele sorriu-me e deu-me o braço para que eu ficasse apoiada nele. Aqueles sapatos com sete centímetros de altura matavam-na e ele sabia disso. António era sempre um cavalheiro à espera de ajudar a sua dama.

António beijou-me ligeiramente na face direita e fez um aceno de cabeça para o canto direito do altor mor, onde estava o órgão eléctrico e o pianista e, de imediato, começaram os acordes de Per Amore, um original de Andrea Bocelli que eu adoro.

Sussurrei-lhe um «obrigado amor» e dispus-me a ouvir a maravilhosa música.

O tenor cantou os primeiros versos da música, «Conheço o teu caminho. Cada passo que farás» e comovi-me, deixando escapar uma lágrima que ficou presa no canto do olho e que segurei com a ponta do dedo, para não borrar a pintura. António preparou-me esta surpresa que não fazia parte do alinhamento da cerimónia, mantendo-a em segredo. Amava-o tanto. Só agora via como ontem fui tonta. Manifestações de carinho entre amigos sempre envolvem beijos - mesmo que sejam na boca - e logo eu, que nunca fui preconceituosa estava a ter uma atitude estranha em mim.

Olhei na direcção em que António focava o olhar e o sangue gelou-se-me nas veias.

O tenor era o mesmo homem de ontem beijava o meu António e não tirava os olhos dele. Os dois pareciam existir apenas um para o outro, apesar de António estar a meu lado, colado a mim.

Será que só eu via como aqueles dois se olhavam?

Virei ligeiramente a cabeça para trás e vislumbrei Marta e a minha irmã sentada, atrás de mim a centímetros de distância.

Rosamaria dizia-me que desistisse, abanando a cabeça ligeiramente. A minha irmãzinha já percebera tudo. Aquela miúda era muito mais sagaz do que eu.

Marta parecia ignorar o que se passava. A música atingia agora o seu auge e eu sentia a rigidez do braço de António. Quanto o homem entoou os últimos versos, estendeu a mão na direcção dos noivos como se nos dedicasse as suas últimas palavras.

Eu sabia a quem ele as dedicava.

Agora sabia.

Era uma despedida entre os dois.

Não posso continuar aqui. A dor atingiu-me no peito como se uma espada o tivesse trespassado. Voltei a olhar para António e, em seguida para o tenor de fato preto, bonito e elegante, talvez com metade da idade de António e, António percebeu finalmente, que eu sabia.

Uma salva de palmas ressoou pela igreja enchendo todo o espaço, enquanto eu decido o que fazer. Estou de cabeça baixa, envergonhada e humilhada. Nenhuma mulher tolera a humilhação de ser trocada. Mas, trocada por um homem?

Quero morrer agora.

O homem, ainda jovem, era dono de uma voz portentosa. Agradecia fazendo pequenas vénias e dedicando-a a nós com um gesto de mão.

Oh! Deus! António tinha bom gosto. Se tinha. Os olhares das minhas amigas estavam todos cravados no tenor. Marta quase babava de tanto olhar. Só Rosamaria se mantinha serena. Era a única que sabia.

Estou perdida!

Senti que não conseguia levar aquela farsa para a frente. Era a minha vida que estava em causa e jamais seria capaz de fechar os olhos e fingir que era feliz. Apertei o braço de António com força, chamando-lhe a

atenção para mim. Ele sorriu-me confortando-me e a voz do padre fez-se ouvir.

- Meus irmãos. Estamos aqui hoje reunidos para celebrar esta união entre Matilde Vidal e António Mendonça...por favor queiram tomar os vossos lugares.

Tenho que travar isto. Não posso continuar.

- Um momento padre...- e fiz-lhe sinal com a mão que me desse a palavra.

O padre acedeu com a cabeça.

Virei-me de frente para o meu noivo, olhei profundamente nos seus olhos e elevei a voz.

- Deus – aponte para o céu -, as minhas amigas, a minha família, e tu...- fiz uma pausa com a voz embargada- são testemunhas do meu amor por ti. Sempre te amei. Amo-te António.

António sorriu e acenou em sinal de concordância, não entendendo onde eu queria chegar. Pobre querido! Oh deveria dizer pobre traste?

- Mas não posso continuar...desculpa...desculpem-me todos – e levantei mais a voz dirigindo-se aos pais e aos padrinhos-, serás mais feliz sem mim.

- Matilde...- disse António na esperança que eu voltasse atrás na decisão.

- Não vale a pena, tu sabes porquê – e olhei disfarçadamente na direcção do tenor que tinha um olhar de triunfo e um sorriso nos lábios.

Peguei na cauda do vestido para não tropeçar, larguei o bouquet de peónias rosa no chão, e saí a correr pela passadeira vermelha, com os sapatos na mão. Pelo caminho vermelho e fofo ouvi o grito da minha mãe «nãoooo», alto e a denotar dor, mas nem me voltei para trás. Não era ali o meu lugar. Tudo não passara de um equívoco. A minha vida com António era um equívoco.

Corri para a rua de braço estendido, disposta a fazer parar o primeiro táxi que me levasse a casa.

Ouvi um chiado de pneus.

Um carro parou junto a mim e nem verifiquei quem era. Abri a porta e disse:

- Leve-me à praça de Londres por favor.

As lágrimas correm-me em fio. O motorista não fez perguntas e limitou-se a responder:

- Claro, menina. É para já.

Só quando o carro parou é que percebi que não tinha dinheiro para pagar a viagem.

- Desculpe. Não tenho carteira. Espere aqui que eu já volto com o dinheiro.

- Deixe estar menina. Paga-me de outra vez. Deve ser muito grave o que aconteceu para fugir da igreja assim. Vá lá resolver a sua vida.

- Obrigado – agradeço.

E sai do carro, apressada. Tinha que sair de Lisboa quanto antes.

A última coisa que queria era ouvir os lamentos da minha mãe. Sabia que se ia fazer de vítima e dizer que não tinha sorte na vida e mais um chorriho de asneiras que não faziam sentido. O meu pai que a acalmasse.

Nem tenho chave de casa!

Toco à campainha da porteira. A porta abriu-se e entro no hall do prédio, sem largar os sapatos e a cauda do vestido. Grito para o primeiro andar.

- Dona Alice. Sou eu a Matilde. Abra-me a porta com a chave suplente por favor.

- Meus Deus! – ouvi a mulher proferir a admiração e surpresa por eu estar ali.

Sem coragem para me interrogar a mulher de meia-idade, com o cabelo apanhado num carrapito e uma face a dar para a meia-lua abriu-me a porta, dando-me passagem.

O meu iphone não parava de dar sinal de chamada. Despi o frágil vestido de noiva com raiva. O tecido rasgou-se junto ao fecho éclair.

Quero lá saber! Desenvencilhei-me dele deixando-o cair no chão. Não contente com deixar três mil euros esparramados no chão, pisei-o aos pés juntos enquanto abria o roupeiro.

Grito até me doer a garganta. O vestido não tinha culpa, era um objecto, mas estava a um fio de rebentar de raiva e nada melhor do que este desperdício de dinheiro para pagar a conta.

Depois de ter dado vários pulos aos pés juntos sobre a seda bege cravejada de perolas de água, uma criação caríssima que a minha madrinha me tinha oferecido conforme a tradição portuguesa, dei-me por satisfeita. Mande as emoções para o fundo da minha mente, tapei-as com a raiva e concentrei-me em planear a fuga nos poucos minutos que me restavam.

Sim, vou fugir para longe de todos. Tirei a mala de viagem onde tinha guardadas as roupas para a lua-de-mel cujo destino era a Índia, e abri-a para tirar algumas coisas supérfluas logo ali ao cimo da roupa.

Lá fora o céu carregado de nuvens que já ameaçava chuva quando eu saí da igreja, desaba finalmente numa bâtega de água com relâmpagos e trovões.

Era só o que me faltava para o dia ser perfeito! Rapidamente, enfiei uns jeans e uma t-shirt, calcei os ténis e desprendi os apanhados do cabelo deixando-o solto. À pressa fui tirando calças, blusas, saias e vestidos, juntando sapatos e produtos de toilette dentro da mala e carreguei com força na tampa para a fechar. Gesto inútil. A mala não cedia. Com raiva, sentei-me – ah bendita raiva - em cima da mala e ouvi o clic dos fechos. Batalha vencida. Peguei no portátil, no iPad e na mala de mão, onde tinha toda a documentação e saí pela porta fechando-a atrás de mim com força, como se quisesse encerrar um ciclo da minha vida, ali mesmo naquele momento. O iphone não parava de dar sinal de mensagens a caírem na caixa. A ideia de o pôr no lixo passou-me pela mente, mas contive-me. Deitar oitocentos euros para o lixo doía-me.

Desci do quinto andar pelo elevador e dirigi-me novamente à praça de táxis arrastando a mala com rodinhas atrás de mim, correndo para me proteger da chuva.

A mãe dizia-me no dia anterior- sobre as previsões de chuva para o dia de hoje- que uma boda de casamento molhada era abençoada para o resto da vida, mas no meu caso foi um prenúncio do fim do casamento. Pobre mãe. Conhece mal o prenúncio das águas. Devia estar inconsolável a esta altura, como se fosse ela a grande vítima de tudo.

Entrei no táxi, anunciei o meu destino e, fui verificar se tinha dinheiro na carteira. Poderia não ter tanta sorte e já não estava vestida de noiva para inspirar pena ao motorista. O trânsito rolava com dificuldade por causa da chuva intensa e, ansiosa e sem nada melhor para fazer que me amenizasse o stress, peguei no telefone para o desligar. A caixa de mensagens indicava mais de vinte mensagens e outras tantas chamadas. Abri a primeira. Era da minha mãe.

Como foste capaz de me fazeres uma coisa destas? Nunca mais vou ter coragem de enfrentar a sociedade Lisboeta. Desgraçaste-me a vida.

Pobre mãe. Aquilo soava-me como um grito. Os gritos da mãe, quando eu, a Rosamaria, e o meu pai não lhe satisfazíamos as vontades. A

minha mãe tinha a mania que pertencia à fina flor Lisboaeta só porque era esposa de um dos advogados mais prestigiados da cidade. O meu pai relevava as tontices dela. Amava-a como no primeiro dia que a conheceu e estava-lhe grato por ter abdicado da carreira de advogada para se dedicar às filhas. Pobre mãe, tão dramática.

Apaguei a mensagem. Tinha apenas uma chamada do meu pai que responderia depois e uma mensagem de Marta e outra da minha irmã. E uma mensagem de António. As outras mensagens, nem quero saber de quem são. Abri a de António.

Temos que falar muito seriamente. Procuro-te amanhã. Vou voltar para Londres e gostava de esclarecer tudo contigo o mais brevemente possível. António Mendonça.

Nem um pedido de desculpas, nem uma interrogação sobre o que tinha acontecido. Nada. De repente parecia outro homem. Uma gota de água da chuva escorreu-me pela face fazendo-me arrepiar.

- Está um dia horrível. Quem diria que este dia que começou com sol ainda ia trazer um dilúvio – disse o taxista.

- É verdade – anui, para não parecer pedante e calei-me.

Não me apetece conversar com um estranho.

Eu, melhor que ninguém posso dizer que este dia é horrível. Era o dia do meu casamento e tornou-se o dia mais trágico da minha vida, até aqui.

Digitei uma mensagem para Marta e Rosamaria, para que ficassem descansadas em relação aos meus instintos suicidas e carreguei no enviar. A seguir mandei outra ao pai a agradecer-lhe por ter percebido que eu não estava bem e desliguei o telemóvel.

Durante muito tempo não quero ouvir ninguém. Está na hora de fazer um retiro, num sítio calmo, isolado e onde possa ser anónima.

- Chegamos senhora – disse o homem do táxi. – Estamos no Sheraton.

- Obrigado – tirei a carteira, paguei e saí em direcção à recepção atrás do jovem empregado que carregava a minha pesada mala de viagem, até ao balcão de atendimento.

Agora vou planear as minhas férias a sós. Morri para o mundo. Que se lixem os António's desta vida!

Finalmente Matilde estava na cidade de Palma de Maiorca e pode descontrair. Era estranho mas a distância de Lisboa, proporcionava-lhe algum sossego. Não tinha medo que António viesse atrás dela, mas não estava preparada para o enfrentar agora. Sentia-se capaz de o esganar se o apanhasse na sua frente. A noite passou-a em claro e a resistir à tentação de ligar o telemóvel, pois sabia de antemão, que ia receber umas quantas chamadas às quais não queria responder: a mãe, Marta, e especialmente António.

Tirou a mala no tapete rolante e encaminhou-se para a saída do aeroporto à procura de um táxi que a levasse ao destino. Entrou no primeiro da fila e disse o nome do hotel num espanhol quase perfeito. Hotel Continental. Um hotel de cinco estrelas superior, situado na zona antiga da cidade a cinco minutos do centro. Queria ficar bem instalada, porque merecia. Estava de férias sozinha, quando deveria estar num avião a caminho da Índia com o marido para uma lua-de-mel de sonho, por isso ia mimar-se o mais que pudesse e o dinheiro lhe permitisse.

O dinheiro de António claro! Quem mandara dar-lhe o cartão de crédito para as mãos?

Pousou a mala e resolveu ligar o iphone para avisar os pais onde estava. Enquanto ouvia o toque de chamada preparou-se mentalmente para o pior. Lá vinham as recriminações da mãe.

- Estou sim, fala Manuela Vidal – era a voz da mãe que ficou em silêncio à espera.

Que reacção mais estúpida! Como se não soubesse que era ela, a sua filha.

Matilde sentiu um formigueiro de irritação a subir-lhe pelo corpo. Arrependeu-se de ter ligado, mas tinha que enfrentar o assunto de uma vez por todas.

- Boa tarde mãe. Liguei só para dizer ...

Manuela interrompeu-a de imediato.

- Já sei filha. Não precisas de explicar nada.

Matilde ficou surpreendida pela reacção adulta da mãe. Estava à espera de tudo menos desta compreensão.

- Mas como assim mãe? Não estás furiosa porque deixei o meu noivo no altar?

- Não. Depois de Rosamaria nos ter explicado. Ela achou por bem dizer-nos. Estou chocada filha. Estamos todos chocados.

- Só isso? Todos quem? Não andaram a espalhar a notícia? Pois não? Não quero a minha vida nem a de António exposta. – disse com firmeza. - Tenha medo dos seus excessos de zelo, mãe.

- Fazes muito mau juízo de mim, filha. Só nós os três é que sabemos, eu o pai e a tua irmã. Nem à Marta dissemos.

- Agradeço a compreensão, e por favor mantenham isto em segredo. Digam que endoideci. Qualquer coisa menos a verdade. Até porque não sei qual é a verdade. Estou na ilha de Maiorca, em Espanha. Vou ficar aqui todas as minhas férias. Quero estar sozinha e pensar na minha vida. Não se preocupem.

- Matilde?

- Sim mãe? – sabia que a mãe estava sempre a maquinar qualquer coisa.

- Queres que vá aí ter contigo?

- Não! – disse mais alto do que era suposto. – Não quero. Agradeço, mas quero mesmo ficar só. Vou telefonando – e desligou.

Missão cumprida. Faltava António, mas não seria ela que ia telefonar, ele é que lhe devia explicações. Não sabia ainda se estava zangada ou se a zanga ainda não tinha chegado. Sentia as emoções entorpecidas, mas queria uma explicação. Era obrigação dele. Ou será que ele não sabia porque tinha sido abandonado no altar? Talvez não soubesse e pensasse que a ia enganar a vida inteira.

Abriu a larga varanda com vista para o mar Mediterrâneo e encheu os pulmões. O cheiro a maresia tinha um efeito calmante. Ao fundo o porto marítimo ostentando quatro portentosos barcos de cruzeiro - um deles, gigantesco – era um regalo para os seus olhos cansados. Deixou a porta da varanda aberta e sentou-se na cama. Foi num impulso que tomou a decisão

de vir para cá e não tinha planos para nada, nem para o próximo passo. Onde ficar e o que fazer era algo que ainda tinha que decidir.

As emoções surgiam contraditórias e os pensamentos em flaches. A tarde ia a meio e sentia-se cansada. Não dormiu de noite e embarcou cedo para Madrid. Depois teve algumas horas de espera no aeroporto de Madrid até embarcar para Palma e deambulou pelas lojas, observou os casais que circulavam por ali, de mãos dadas, aos beijos, como ela devia estar a fazer com António. Adivinhava-se que iam partir para a lua-de-mel.

Só se perguntava porquê? Porque é que António fizera aquilo com ela. Que raio de mulher era para que os homens a tomassem por otária? Era a segunda vez que era abandonada. Abandonada não, porque se não tivesse presenciado aquela cena no Rossio, nunca saberia que o noivo era bissexual. Pensando bem em tudo o que se passou entre eles durante todos estes anos, não podia dizer que ele não era apaixonado por ela. António era um amante exímio. Amava-a com ardor. Com o mesmo ardor que beijou aquele inglês. Já nem conseguia chorar, mas adivinhava que o pior estava para chegar. Queria esquecer António. Não era mulher para partilhar o marido com mais ninguém, fosse homem ou mulher. A falta de sinceridade dele, durante todos aqueles anos, era algo que não lhe perdoava. Agora sim, o assunto homens era encerrado de vez. Se Manuela Vidal queria ser avó tinha que contar apenas com Rosamaria, ou esperar que ela adoptasse uma criança.

Despiu a roupa da viagem e dirigiu-se à luxuosa casa de banho para tentar relaxar na banheira de hidromassagem. Abriu a torneira de água quente e despejou um pote de sais de banho com cheiro a lavanda para o seu interior, pago com o cartão de crédito de António. Sentiu um prazer enorme em o fazer, era a primeira indemnização por danos morais que ele lhe pagava. Nestas alturas dava jeito ter uma memória de dígitos espantosa como ela tinha. Sabia o número do cartão dele de cor desde que lhe reservava as viagens de negócios desde há quase sete anos.

**

Depois de quase meia hora dentro da banheira a espalhar o cansaço, saiu do hotel com a intenção de explorar a zona antiga da cidade e jantar por alguma esplanada que lhe permitisse descontraír um pouco. O ar daquela tarde de Maio estava ameno com os seus vinte graus e Matilde optou por uma roupa leve. Vestiu umas calças brancas justas, que lhe realçavam as curvas e uma blusa de seda cor de tijolo, a completar com

um casaco de fibra às riscas em tons de castanho e umas sabrinhas castanhas. Às costas uma mochila *Acessorize* beje. Apesar de se sentir muito triste, tão triste que não conseguia ainda chorar, apetecia-lhe ser anónima e, ali, na paradisíaca ilha de Maiorca – Mallorca com dizem os espanhóis - dificilmente encontraria alguém conhecido, naquela época do ano. Caminhou pelas ruas das lojas das marcas de costureiros famosos, e outras mais vocacionadas para o cidadão comum, e foi consultando o mapa que retirara do balcão do hotel. O seu destino era a Praça Major, era ali que queria sentar-se numa esplanada a comer uma deliciosa paelha. Mas, há medida que ia percorrendo as ruas ouviu vários turistas ingleses falarem nos preços altos e decidiu procurar um restaurante fora da Praça. Passou por uma casa de tapas e o bom aspecto dos pratos dispostos nas mesas fê-la mudar de ideias. Parou em frente da esplanada e prontamente um garçon lhe indicou uma mesa.

- Por favor signõra – e indicou-lhe uma mesa vaga no meio das outras.

- Gracias – agradeceu e dirigiu-se à mesa.

Os clientes, na maioria casais, conversavam alegremente em espanhol, alto como era típico do povo. Sendo filha de uma espanhola sabia muito bem como era.

A esplanada era pequena e Matilde pensou não haver lugar para ela. Olhou em redor procurando uma mesa vazia e, na última mesa da quarta fila, um homem pousou os olhos nela. Matilde sustentou-lhe o olhar, e teve a vaga sensação de o conhecer de algum lado. Ele acenou-lhe com a cabeça, um sinal cavalheiresco de cumprimento e ela sorriu. Ao passar por ele reparou nuns olhos castanhos doces, sofridos e no cabelo já grisalho, num rosto com aparência dura, mas que não deixavam ninguém indiferente.

Era bonito.

Vestia um fato castanho-escuro, e uma camisa branca. Intimidada pelo olhar insistente do homem- que parecia estar a divertir-se com ela – baixou os olhos e reparou nos sapatos caros que ele calçava. Sentindo-se desajeitada e desconfortável, - aquela cena trouxe-lhe à memória a forma como conheceu António – desequilibrou-se momentaneamente em direcção à mesa onde o homem estava sentado e, um copo de vinho voou, aterrando em cima das calças do desconhecido, tão elegante e charmoso.

O homem levantou-se prontamente com o cenho franzido e disse:

- Oh, que torpe! – e de imediato começou a secar as calças com guardanapos de papel fazendo uma cara carrancuda.

Ao olhar para os estragos da sua acção, Matilde, paralisada pelo choque, desejou ser uma avestruz e enviar a cabeça na areia. Falta de tacto, a sua!

- Lo siento, señor.

E virou as costas correndo pela rua em direcção à Praça Maior. Ainda ouviu a voz do homem a chamá-la, mas prosseguiu em direcção a um lado qualquer que a afastasse dali.

Desorientada, correu uns metros com quanta força tinha e, mais à frente, julgando-se segura da fúria do desconhecido, parou porque as lágrimas cegavam-na. Sentiu-se a pessoa mais estúpida do planeta. Uma mulher de trinta e cinco anos, a correr pela rua e a chorar, só mesmo numa cena de algum filme de Hollywood, e neste caso era mesmo de Bollywood.

Secou as lágrimas com a costa da mão e começou a andar mais devagar. Não voltava a sentar-se – pelo menos esta noite – num restaurante enquanto estivesse tão cansada. Tinha tendência para ser desastrada quando estava cansada. Parou junto a uma casa de sandes para pedir algo que comer e um homem com uma série de malas coloridas, enfiadas no braço, convidou-a a observar a mercadoria.

- São verdadeiras, minha senhora. Veja a qualidade. Quer comprar. Vendo-lhe duas por cinquenta euros. E estendeu-lhe duas malas com o símbolo da Gucci. Uma azul e outra verde.

- Não obrigado. Não quero comprar – disse de forma firme.

- Vá lá, minha senhora. São as últimas, compre que não se arrepende, são verdadeiras – insistia o homem alto com cabelo encaracolado preto e uma tez morena deixando adivinhar a sua origem magrebina.

A praça àquela hora do dia era o paraíso dos vendedores de rua.

Matilde começou a desesperar. Não estava com paciência para ser assediada por um vendedor de rua, e que tinha dificuldade em aceitar um não.

- Não quero, obrigado – voltou a frisar. E desistiu de pedir o bocadillo de presunto.

Afastou-se pela rua, maldizendo a sorte e a vida em silêncio, mas, o homem continuou a segui-la. Viu nela uma potencial cliente para as suas vistosas imitações. Matilde acelerava o passo e deixou de ouvir o que o

homem lhe dizia. As pessoas passavam indiferentes ao drama que ela estava a viver. Assustada, com o coração quase a saltar-lhe pela boca, começou a olhar em todas as direcções em busca de um polícia. A praça parecia ainda longe e o homem subitamente agarrou-a por um braço, puxando-a para um canto da rua movimentada. Matilde esbracejou e quando ia a dar um safanão no homem, uma figura alta e distinta interpôs-se entre ela e o vendedor de malas. Assustada, gritou alto. As pernas ficaram bambas e a cabeça girou. Ia desmaiar. O pânico consumiu-a. Sentiu um braço a rodear-lhe os ombros, e uma voz forte soou-lhe quase aos ouvidos apesar de estar meio desfalecida.

- Creio que a senhora já disse que não queria ser incomodada.

- Ora senhor, só queria vender-lhe uma mala. Não faço mal a ninguém.

Vendo dois polícias a caminharem na direcção deles o vendedor correu, desaparecendo nas ruas estreitas.

Um dos polícias aproximou-se para averiguar o que se passava enquanto outro foi no encalço do vendedor.

Uma mulher estendeu-lhe uma garrafa de água e Matilde recusou educadamente, desenhando-se do braço do homem que a amparava. Devia estar muito mal-encarada porque as pessoas à sua volta ofereciam ajuda. Umas diziam-lhe que fosse ao hospital, parecia em choque, outras que se sentasse um pouco para recuperar.

- No pasa nada, todo está bien, gracias – disse o homem para o grupo que os rodeava.

As pessoas dispersaram e ele voltou-se para ela e disse:

- Vamos, yo te ayudaré.

Matilde olhou finalmente para o rosto dele e levou um choque. De seguida olhou para as calças dele e confirmou que era o mesmo homem.

- Gracias, tengo que pedir disculpas, ya causado suficiente daño, perdóname... – tentou remediar a situação visivelmente embaraçada.

- Deixe lá isso. As calças lavam-se. Desculpe a intromissão, mas não me parece bem. Os vendedores de imitações são inconvenientes, mas não são perigosos. Assustou-se?

- Muito. Não sei que me deu.

E olhou para o rosto do homem com curiosidade.

- Seguiu-me para me pedir que lhe pagasse o estrago? Faço questão de lhe pagar um par de calças novo. Desculpe mais uma vez, não costumo

ser assim. Nem sei porque lhe estou a dizer isto tudo.

O homem sorriu mostrando uma fileira de dentes brancos bem cuidados. Matilde mais uma vez ficou com a sensação de o conhecer de algum lado mas não o referiu. Já chegava de fazer figuras tristes.

- Vamos sentar-nos numa esplanada, a Praça Mayor é já ali. Não terminei a minha refeição, e seguramente, você também não. Faça-me companhia? – e começou a caminhar em direcção à praça onde já se viam os mimos e os homens estátuas, entre muitos artistas de rua que por ali proliferavam.

Matilde seguiu-o e percorreram alguns metros até se sentarem. O empregado sorriu-lhes cumprimentou-o como se o conhecesse e deu-lhes duas ementas.

Matilde, na frente dele, sentiu-se intimidada. Era um homem que transpirava masculinidade por todos os poros e cheirava bem. O cheiro a perfume caro, suave, que não agredia o olfacto, entrava-lhe pelas narinas chegando até ao centro de prazer do seu cérebro. Os olhos castanhos dele encontraram-se com os dela e por instantes esqueceu o motivo por que estava ali.

Esqueceu António por alguns segundos.

- Não é espanhola, pois não? – questionou-a. – Oh desculpe, não me apresentei. Chamo-me ...Carlos. – e estendeu-lhe a mão por cima da mesa para a cumprimentar.

Uma mão macia e quente, mas com algumas zonas ásperas, apertou a sua com uma pressão agradável.

- Prazer, sou a Matilde. Sou portuguesa.

- Permita-me que lhe diga que é muito bonita. Não leve a mal, ser galanteador não faz o meu estilo, mas tinha que lhe dizer isto.

- Vou considerá-lo um cumprimento – e sorriu timidamente.

Estavam bem presentes as palavras de António há sete anos quando lhe dissera o mesmo, mas refreou o impulso de responder de forma menos agradável. O sujeito não tinha culpa da infelicidade dela.

Hoje não se reconhecia. Onde estava aquela Matilde forte, decidida e combativa que regateava obras de arte para leiloar? Estava anestesiada, senão o que estaria a fazer ali sentada com um desconhecido a quem entornara um copo de vinho nas calças e que dizia chamar-se Carlos, mas que ela tinha a certeza que ele mentia. Não sabia porquê mas o nome dele era outro.

- E que faz por aqui? – perguntou-lhe enquanto lhe estendia a ementa que o empregado acabara de trazer.

- Estou de férias, mas... por engano. Devia estar a chegar à Índia e depois às ilhas Maldivas. É uma longa história. Não quero falar disso – disse peremptória.

- Desculpe a curiosidade. Vamos escolher – e ele apontou para a ementa. Se ficou ofendido com a resposta rude, não demonstrou.

- Vou pedir um prato de tapas, a fome passou-me.

- Então são dois pratos de tapas com pão e vinho.

Quando ele disse a palavra vinho riram-se os dois, e inevitavelmente olharam para a mancha nas calças. Matilde estava a ficar mais descontrainda e, não sabia explicar porquê, mas ele inspirava-lhe confiança, mesmo sabendo que o nome dele era outro. A curiosidade sobre aquele homem que a ajudou num momento de confusão mental provocado pela exaustão surgiu de repente.

- E que faz por aqui Carlos, vive na ilha?

- Sim vivo, mas não aqui na cidade. Trabalho na cidade, sou professor. E agora é a sua vez – e olhou-a com curiosidade.

- Trabalho em leilões de arte em Londres, mas não por vocação, foi por falta de alternativas, sou licenciada em línguas e literatura.

- Curioso – disse ele pensativo.

- O quê?

- Também trabalho nessa área. Literatura.

Seguiu-se o silêncio. Carlos não adiantou mais e Matilde não perguntou, embora tivesse notado uma tristeza no olhar dele quando falou da área de trabalho. Notou-lhe um ar cansado para além do brilho inicial no olhar quando o viu sentado na mesa no restaurante, antes de lhe entornar um copo de vinho em cima.

É sem dúvida um homem interessante, viril e misterioso, mas não queria saber mais. Basta de homens! A mágoa com António a quem considerava perfeito estava presente.

De repente uma dúvida assaltou-a. E se estava a ser injusta com António? E se tudo não passou de um mal-entendido e ele tinha uma boa explicação? Afinal não chegou a confrontá-lo com o facto de ter presenciado aquela... cena horrível.

- Um euro pelos seus pensamentos.

- Desculpe? – disse Matilde completamente apanhada desprevenida enquanto mastigava a última fatia de presunto.

- Estava distante, parecia ter um ar de sofrimento no rosto. Passa-se alguma coisa que eu possa ajudar?

- Não obrigado. Desculpe mais uma vez.

Nesse instante achou que estava na hora de regressar ao hotel. Queria conversar com alguém que a pudesse entender. Marta. Sim, estava na hora de contar a Marta.

- Agradeço a companhia, a compreensão e aceite as minhas desculpas pela falta de jeito da minha parte.

Abriu a carteira, tirou trinta euros e colocou-os em cima da mesa.

- Faço questão de lhe pagar o jantar, é o mínimo que posso fazer. E por favor aceite, eu não ficaria bem se não aceitasse. – disse ela com veemência.

Carlos assentiu com a cabeça e, não querendo perder a oportunidade de a voltar a ver disse:

- Vou estar em Palma até quarta-feira. Posso convidá-la para jantar amanhã? Posso dar-lhe o meu número de telefone?

Pressentindo o perigo de uma aproximação - não queria envolvimento com homens, nem uma simples amizade- recusou.

- Agradeço, mas amanhã já cá não estarei. Vou viajar pela ilha e ainda não sei para onde. Vou deambular por aí – e fez um gesto vago em direcção ao infinito.

- Sugiro-lhe as praias da zona sudeste. Cala D’Or tem umas praias fantásticas e nesta altura do ano ainda estão quase desertas. É uma zona muito bonita.

Ia oferecer-se como guia, mas percebeu a tempo a tolice do acto. Ela ia rejeitar de novo. Ficou tão impressionado com ela que estava a ponto de fazer um disparate. Não sabia o suficiente para se aproximar mais, e, de uma coisa tinha a certeza: ela fugia de alguém e, ele também não queria expor-se a uma desconhecida assim sem mais nem menos.

Vendo que não conseguia convencê-la desistiu.

- Desejo-lhe uma boa estadia na ilha e quem sabe voltamos a cruzar-nos um dia – e nisto pegou-lhe na mão apertando-a entre as suas num gesto de carinho.

Matilde sentiu a quentura e macieza das mãos dele e agradeceu mais uma vez. Hoje sentia-se especialmente parva. Não parava de agradecer por

tudo e por nada.

- Obrigado por tudo e até ...que o destino nos cruze de novo.

Pegou na mochila, colocou-a as costas, e tomou a direcção do hotel, atravessando a Praça Mayor desviando-se dos artistas de rua que a abordavam para inúmeras solicitações, como tirar fotos ou comprar alguma coisa. Ele viu-a partir e ficou a pensar que mágoa transportava aquela linda rapariga, linda com a sua pele de alabastro e com um corpo de fazer derreter qualquer homem. Ficou surpreso consigo próprio. Há tanto tempo que uma mulher não lhe chamava a atenção que julgou estar a começar a viver de novo, ou a ver um fantasma. Pensando bem, a segunda hipótese era a mais viável. Esteve na presença de um fantasma. O fantasma da falecida esposa.

O tempo em que estiveram juntos na esplanada a comer as tapas, foi agradável, mas não estava disposta a travar conhecimento com ninguém. Estava desaparecida para o mundo, e assim ia continuar. Entrou no luxuoso quarto do hotel Continental e ligou o telefone. O sinal de mensagens tocava sem parar. Matilde apagou-as sem as ler.

Mais mensagens das amigas, de Allen o sócio de António, da mãe, da irmã e de Marta. Mais tarde iria responder a algumas.

Aproximou-se da varanda e ao longe avistou a marina. No negrume da noite sobressaía a iluminação dos barcos de cruzeiro. As lágrimas caíram pela face encostada ao vidro frio da janela. Apesar da dor da traição amava-o. Não sabia como ia suportar a vida sem ele. Eram cúmplices em tanta coisa, e os planos para formar uma família com filhos era a sua primeira prioridade. Teriam um, e depois logo outro e outro... ficou para ali a matutar em tudo o que tinham planeado, perdendo a noção do tempo.

Sobressaltou-se quando ouviu o telefone.

Era António. Durante segundos travou uma guerra interna consigo própria. Atendia, não atendia? Não ia ser pacífica aquela conversa. Pegou no iphone que largara em cima do toucador e atendeu:

- Sim... – não teve coragem de dizer mais nada e esperou que ele falasse. Sentia-se paralisada.

- Matilde, amor! Fazes ideia de como estou preocupado contigo? O que se passou? Volta por favor, onde estás?

Ele não fazia ideia que ela tinha presenciado a cena, tal como ela já esperava.

Encheu o peito de ar para tomar coragem e perguntou-lhe.

- António...há coisas que não me contaste...não há?

- Que coisas amor? Acaso tens dúvidas sobre o que sinto por ti? Depois destes anos todos! E os nossos planos de formar família, onde ficam? É o compromisso do papel assinado que te assusta?

Estava a começar a sentir um formigueiro de irritação a percorrer-lhe o corpo. Estava a tomá-la por otária! Será que ele imaginava que ela não sabia de nada?

- António, escuta...- sentou-se na cama, sentiu a cabeça a rodar. – Não tenho dúvidas do que sentes por mim, a questão é que não sou a única pessoa na tua vida...pois não?

- Acaso estás a insinuar que tenho outra mulher?- disse irritado, coisa que Matilde nunca vira nele. António era a calma em pessoa.

- Não António. Estou a dizer-te que tens outra pessoa na tua vida, mas... não é uma mulher...

Do outro lado o silêncio total. Matilde entendeu-o como uma confirmação e expressou a sua zanga.

- Algum dia ias dizer-me António, ou ias passar a vida toda a enganar-me?

- Escuta Matilde...como é que soubeste? – perguntou curioso.

- Coincidências. Estava no sítio certo à hora certa, senão, nunca saberia. A propósito, ele canta muito bem.

- Matilde casa comigo. Não tens ideia do quanto te amo.

- Compreendo António, mas eu não quero partilhar-te com outra pessoa, devias ter-me perguntado. Quando me conheceste já tinhas outros...quer dizer...outras pessoas na tua vida? Outros homens! Merda António, porque não me disseste?

Mais uma vez o silêncio dele.

- Sim – respondeu sincero.

- Não sei se algum dia te vou perdoar. Não é justo comigo depois de tantos anos de...- e calou-se, não valia a pena continuar.

- Gostava de te ver, onde estás?

- Não António – disse perentória. – Acabamos aqui. Deixa-me primeiro curar as feridas e, quem sabe um dia eu consiga voltar a falar contigo.

- Estive com os teus pais...sabes que gosto muito deles. Matilde... volta por favor – implorou.

- Não António, não metas a minha família nisto. Deixa ficar assim. Adeus.

E desligou o telefone. Não queria ouvir falar mais nele até a dor passar. Ser trocada por uma mulher era horrível, mas por um homem era indescritível. Tinha uma mente aberta, mas não o suficiente para o que ele pretendia. A sua voz interior, o seu alter-ego apareceu como sempre, quando estava com um dilema.

Devias estar a chorar e a sofrer Matilde. Porque não choras? Devias odiá-lo. Já sei, não consegues. Sempre foste assim, guardas tudo durante um tempo e depois apagas os registos danificados da tua memória e segues em frente.

Despiu-se e ficou apenas com a roupa interior, umas minúsculas calcinhas de renda e um soutien. Colocou a roupa em cima da cadeira cuidadosamente arrumada como sempre fazia, e sentou-se na cama com o portátil. Tinha de decidir o que iria fazer durante um mês, ou melhor, onde é que ia ficar. Queria praia, sossego e mimar-se muito. Sim, mimar-se era a sua prioridade.

António e o tenor dele, que fossem para o inferno. Começou a pesquisar hotéis na praia na costa sudoeste, a mais quente e com praias de areia branca, e de repente veio-lhe à mente o desconhecido Carlos e as cenas das últimas três horas. Riu-se de si própria. Não era desastrada por natureza, pelo contrário, mas atendendo ao seu estado de cansaço só podia fazer asneiras e confundir as coisas. Era sempre assim. Cansada, era um perigo. Coitado do homem. Além das calças estragadas, protegeu-a do vendedor insistente e ainda a aturou ao jantar.

Em maio a ilha estava pouco lotada – ao contrário dos meses de Verão – e, uma estadia na praia, era perfeita para se restabelecer. Procurou na web e acabou por marcar um hotel em Cala D'or, no sul da ilha, como Carlos lhe tinha recomendado. Pelas imagens observadas no Google, era uma zona muito bonita, com praias pequenas, rodeadas de rochas escarpadas, areia branca e um mar azul-turquesa. Iria ficar por lá duas semanas e depois decidia o que fazer a seguir. Alugou um carro num rent-a-car e no dia a seguir partiria rumo à praia.

Satisfeita com as suas decisões, deitou-se na cama grande e confortável, ligou o televisor e fez um zapping pelos canais disponíveis. Não encontrou nada que lhe despertasse a atenção e o cansaço venceu-a.

Fechou os olhos. Exausta.

**

A noite foi tranquila e o sono reparador, o contrário do que esperava, depois de tanta ansiedade vivida nos dois últimos dias. Vestiu-se de forma simples, calça de ganga, camisa branca e um casaco vermelho que realçava a cor preta do seu cabelo e calçou os ténis. Arrumou a mala, desceu à recepção, pagou a conta e pediu para lhe guardarem a mala até às catorze horas.

Ao pequeno-almoço deliciou-se com fruta, pão e compotas, presunto e café, a primeira refeição decente e com apetite, dos últimos três dias. A fome voltou. Sempre fora assim desde criança. A mãe costumava dizer que a filha era uma muralha de aço, não deixava que nada a afectasse. Não era verdade, Matilde sabia que não lhe podia contar as suas aflições, a mãe era frágil e com pouca tolerância aos problemas. Manuela sofria dos nervos, todos sabiam disso, mas na realidade Matilde achava que a mãe fazia teatros para conseguir levar os outros onde queria. Foi assim com António quando o conheceu. Encantou-se com a posição social do homem de negócios que ele era, e bajulou-o sempre. António achava-lhe piada e tinha imensa paciência para ela. Mas Matilde não. Havia dias que quase lhe apetecia mandar calar a mãe. Irritava-a a mania das grandezas que ela tinha, embora entendesse os motivos.

Os pensamentos invariavelmente iam parar a António. Por mais desiludida que estivesse não conseguia tirar da mente as noites de sexo nos fins-de-semana que passavam juntos, e férias em países tropicais. António passava horas a beijá-la chamando-lhe princesa grega ao ouvido e depois, envolvia o corpo dela com o seu e fazia-lhe todas aquelas coisas maravilhosas que a levavam ao êxtase e a amá-lo mais ainda.

A pele de António, ainda estava muito colada à sua, mas não conseguia esquecer o olhar apaixonado do outro homem na direção de António, como se estivesse a despedir-se. Amavam-se realmente. Então que ficassem juntos!

Matilde conhecia-se bem. Passada a fase do choque, estava em negação. Sabia que ele era bissexual e, se ela não descobrisse ia continuar a ter uma vida dupla, quem sabe se para sempre, como muitos casos que já ouvira falar. Não tinha nada contra. Cada um vivia como podia, mas não queria viver a partilhar marido. Moderna, mas não tanto.

Dali a dias, quando caísse nela ia chorar até expulsar todo o sofrimento e raiva. Para fazer o luto armou-se em turista, e era para isso

que ali estava. Curiosamente conhecia países em quatro continentes, mas nunca estivera nas ilhas Baleares.

Queria visitar a Catedral de Palma e, de mapa na mão, embrenhou-se nas ruas estreitas para visitar o monumento gótico. Não se atrevia a tirar os óculos escuros para que não lhe vissem os olhos pisados pelo cansaço. Admirou os palácios com as suas portas quinhentistas, chapeadas a prata trazida da América do Sul por Colombo, e apreciou as montras que expunham roupas vistosas e bem femininas. Palma era uma cidade encantadora.

Entrou numa livraria para comprar alguns livros para ler nos dias que ia passar estendida ao sol – ainda que a temperatura do ar não convidasse a banhos – e reparou num título de um escritor espanhol, que fez furor nos top's há uns anos atrás. Conhecido pela forma fluida de escrever, pelas metáforas, e pelos cenários e histórias assombrosas era um autor amado e desprezado ao mesmo tempo. Havia quem dissertasse maravilhas acerca dele e quem não conseguisse terminar os seus livros por achar que os enredos eram demasiado intricados. Esteban de La Vega, não lançava um título novo há muito tempo.

O pensamento fugiu-lhe de novo para o verão em que conheceu António, num dos serões literários que Marta organizava, um pretexto para reunir as pessoas, onde alguém tinha lido um trecho do seu livro mais polémico que apresentava a guerra civil espanhola de uma outra perspectiva.

Pegou no livro, abriu a contra capa à procura da foto do autor, mas não existia. Constava na imprensa que não dava entrevistas e que não queria ser fotografado. Pagou o livro, colocou-o na mochila e saiu em direcção à catedral, que distava apenas uma centena de metros da livraria. Estava por sua conta e livre que nem um passarinho. Era suposto sentir-se bem com este pensamento, mas não conseguiu.

Há duas semanas que estava em Cala D'Or num hotel, aproveitando a solidão e o sossego da praia. Era uma bênção o hotel estar pouco lotado, e por consequência, a pequena praia estar também, quase deserta.

Matilde dormia, chorava, ia até à marina ver os iates e passava longas horas na praia a ler, para além dos passeios que fazia pela ilha.

Na verdade, passara muitas horas a chorar. Alguns dias depois de ter chegado à ilha, quando finalmente parara para pensar no que acontecera, o desgosto invadiu-a, e as lágrimas caíam-lhe pela cara muitas vezes sem que as conseguisse controlar. Quando o sofrimento era demasiado do que podia suportar pegava no carro alugado, e percorria a ilha de praia em praia, sem conseguir estar muito tempo sossegada. Ficava surpreendida pela beleza da costa sulcada por iates de luxo e catamarans que percorriam o mar Mediterrâneo de cidade em cidade em volta da ilha. O interior fazia-lhe lembrar o Algarve. Terreno arenoso na zona sudeste, onde as amendoeiras em flor e as figueiras eram rainhas do espaço rural - tal como no Algarve - também uma herança do domínio árabe e, no interior, um enorme vale fértil completamente cultivado das mais variadas sementeiras.

Por vezes tinha a sensação de não estar numa ilha pela sua imensidão.

Recebia um telefonema da família todos os dias, e muitos conselhos de Marta em relação a homens. Marta tinha sentido de humor e já lhe dissera que da próxima vez que encontrasse algum charmoso como António, que devia perguntar primeiro qual a sua orientação sexual. Teve que rir, só mesmo ela para se lembrar de semelhante coisa. Não perdoava a António tê-la enganado. O que o teria levado a pensar que ela nunca iria descobrir, sobretudo quando colocou o tenor no altar a cantar para eles? Para ele.

Por vezes a raiva ainda a cegava.

Pousou o livro e viu o visor do telefone a piscar. Era Allen, o sócio de António. Estranhou o telefonema mas atendeu, talvez tivesse acontecido alguma coisa a António. Talvez ele tivesse cortado os pulsos por sua causa,

ou atirasse com o carro por uma ravina da Cornualha, onde costumavam passar os fins-de-semana numa casinha típica da zona. O seu coração ainda pulsava por António, não conseguia expulsá-lo com facilidade.

- Olá Allen. Aconteceu alguma coisa a António? – perguntou cautelosa.

- Matilde! Tens que regressar, preciso de ti a trabalhar de imediato. O António está óptimo. – disse com alguma rudeza, coisa que não era habitual. Allen era sempre muito polido.

Que afronta! Há ano e meio que não fazia férias para poder fazer a viagem de lua-de-mel com mais tempo e ele ainda lhe vinha com exigências absurdas.

- Oh Allen, não me parece que vá trabalhar. Como sabes estou de férias. – firmou a sua posição.

- Sim, mas como não houve casamento, duas semanas são suficientes, tiras férias depois, mais tarde. Há um quadro que vai ser leiloado e queremos que tu contactes o proprietário para o leiloar connosco. Sabes que esse trabalho tem sido teu.

Estranhou a insistência descabida e o tom de voz autoritário. Allen fora sempre muito correto.

Por outro lado, Matilde estava farta dos leilões, de Londres e sobretudo não queria voltar para perto de António. Sempre alimentara o sonho de trabalhar no meio dos livros e só não o fez porque a crise económica afectou o ramo. Talvez estivesse na altura de tentar a sorte nas traduções e, quem sabe, mais tarde se dedicasse a escrever também.

- Olha Allen, estou de férias, vou continuar de férias e se quiserem despeçam-me, não sei se vou voltar a trabalhar com vocês. Adeus.

Será que era ela que estava louca ou não conhecia o patrão depois de sete anos de trabalho? O noivo não conhecia, mas o patrão também fazia parte do pacote de mentiras?

Allen continuou.

- Matilde, o leilão é daqui a uma semana, tens três dias para decidir se voltas ou não.

- Pois que seja, três dias. – respondeu Matilde. – Hei-de dizer-te alguma coisa em breve.

Desligou a chamada e de imediato caiu uma mensagem de António.

«Precisamos de falar, há assuntos a resolver que estão pendentes, como a casa e a devolução das prendas, isso, se não reconsiderares a tua

posição.»

Que raiva! É preciso não ter respeito nenhum para a estar a incomodar. Respondeu-lhe.

«Gostaria de passar o resto das férias, descansada. Resolve tu. Por mim está bem. Não quero nada.»

Irritada com o telefonema e a mensagem, vestiu o fato de banho e foi para o SPA do hotel. Precisava de uma boa massagem e de um jacúzi para relaxar.

**

Matilde juntou um bom pé-de-meia durante os sete anos em que trabalhou com a leiloeira Spencer & Mendonça, pagavam-lhe um salário acima da média e não ficaria a morrer à fome se rescindisse o contrato. O que tinha amealhado dava-lhe para viver quase dois anos sem trabalhar.

O pensamento acelerado não lhe permitiu dormir, mas deu-lhe tempo para reflectir na vida e tomar uma decisão sem consultar ninguém. Não ia voltar para Londres, ou melhor não ia voltar a trabalhar com a leiloeira. A proximidade com António estava fora de questão.

Levantou-se, vestiu o fato de banho e uma túnica longa e fluida e preparou-se para tomar o pequeno-almoço na sala de refeições do hotel. Mas antes tinha uma tarefa a cumprir. Ligou o telefone e, apesar de ser cedo - sabia que Allen madrugava- ligou-lhe.

Do outro lado uma voz suave e simpática – bem diferente da tonalidade do dia anterior - atendeu.

- Olá querida. Pensaste no meu pedido?

- Pensei Allen. Vou mandar-te a carta com a rescisão de contrato, ainda hoje, em correio especial. Obrigado por tudo, mas como deves calcular não quero continuar a trabalhar com António. A propósito, sabias que existia outra pessoa na vida dele, não sabias?

- Ora, Matilde! Não me meto na vida do António. Mas escuta, ele deu-te uma boa prenda de casamento, que pensas fazer-lhe? Também a vais devolver?

- Que prenda Allen? Não sei do que falas?

- A cópia do Lautrec.

- Ah! Já nem me lembrava do quadro. Talvez devolva, mas como ainda vale alguma coisa, pensando bem, é uma indemnização por danos morais, se bem que, ainda quero perceber melhor como é que uma cópia,

mesmo que seja de um quadro de um pintor consagrado, e quase perfeita, pode valer alguma coisa. Isso não é ilegal?

- Claro...claro que sim. Mas foi uma encomenda rejeitada por um cliente que guardou o original num cofre e...bem, queria estar descansado que não era assaltado e se fosse não levariam nada valioso. Bom então não me resta senão desejar-te boa sorte.

- Obrigado.

A raiva e a frustração começavam a aflorar ainda mais com estes telefonemas. As lágrimas caíam-lhe pela cara. Oh! Raio de sorte a sua com os homens!

Deitou-se em cima da cama com pouca vontade de sair. Ainda tinha momentos de muita dor quando pensava nele, nos planos que fizeram, na casa no campo pronta para receberem os filhos, na forma com se amavam. Tudo não passava de uma mentira.

O telefone tocou de novo e, ao olhar para o visor, Matilde levou as mãos à cara em sinal de desespero. Não queria acreditar. Era António. Atendeu com brusquidão na voz, já não conseguia disfarçar a mágoa. Legítima. Ele não tinha o direito de a incomodar mais.

- Mas o que foi agora? Não vais convencer-me a voltar para trabalhar com vocês pois não? Acabei de me despedir, não quero voltar a trabalhar em leilões. Já me justifiquei ao Allen.

- Calma amor. Bom dia.

- Amor? Tu estás bom da cabeça ou és o gajo mais perverso que eu conheço?

- Desculpa Matilde. É que é difícil habituar-me a tratar-te de outra forma. Estou em Madrid. Estou aí na ilha daqui a quatro horas. Quero estar contigo. Há coisas para resolver.

- O quê? Estás onde? Mas como é que me descobriste? Foi a minha mãe que te disse?

- Desta vez não. Sempre soube onde estavas. Pelo iphone. Está ligado com o meu, lembras-te? Sei sempre onde tu estás através da Google.

- Que burra que eu sou! Devia tê-lo atirado ao lixo em Lisboa. E que vens fazer cá?

- Quero conversar contigo uma última vez. Quero explicar-me. Por favor dá-me essa oportunidade!

- Não achas que é um pouco tarde?

- Sim, é um pouco tarde. Eu sei.

Matilde carregou no botão vermelho e desligou a chamada. Dali a umas horas iam confrontar-se.

Matilde, ainda o amas. Não devias. Até porque ele não é quem parecia ser. Enganou-te e usou-te.

Pegou na mochila das caminhadas, nas chaves do carro e saiu do quarto pronta a ir explorar a ilha mais a norte. Precisava de sol, ar fresco e solidão.

Aquelas duas horas de conversa com António estavam a ser dolorosas.

- Matilde, não quero que duvides nunca que eu te amo.
- Como é que podes ser tão hipócrita! Amas-me a mim e ao ...
- Steve...é o nome dele.

Nunca imaginou ter aquela conversa e, apesar de ouvir falar em casos de mulheres que viviam uma vida inteira casadas com maridos que tinham vida dupla, pensava que isso só acontecia aos outros.

- Só te quero fazer uma pergunta? – e olhou-o nos olhos para ter a certeza que ele não ia mentir.

- Faz – respondeu sereno.

- Se eu não os estivesse visto no Rossio naquele dia, tinhas casado comigo e ia decorrer tudo como se não existisse outra pessoa, ou outras pessoas? Mas afinal tu és o quê? Homossexual, bissexual? Desculpa é demais para a minha cabeça.

- Sempre tive sucesso com ambos os sexos e sinto-me bem com homens e mulheres – disse sereno. – Estou a ser sincero. Gosto de pessoas e não importa o sexo, mas se me estás a perguntar se sou promíscuo, a resposta é não. Amo-te de igual forma como amo Steve, não consigo abdicar de nenhum. E quero ter filhos.

Depois do choque inicial conseguiu responder.

- Acredito em ti, António. Não sei porquê, mas acredito. Mas não sei se consigo perdoar-te. Não sou mulher para partilhar o meu namorado com outras pessoas. Posso ser antiquada mas comigo é assim. Não sou capaz.

- Entendo, mas queria tanto ter uma família, filhos e, para dizer a verdade não iria suportar a rejeição dos meus pais. Sei que eles me iriam rejeitar, o meu pai cortava relações comigo, é velho e antiquado. Morria de desgosto se soubesse que o filho que ele tanto admira e se orgulha, é bissexual. – disse pesaroso.

- Não te preocupes com isso. Por mim não vai saber. Fui eu que fiquei com as culpas, fui eu que te deixei no altar, portanto não tens nada a temer e, o facto de morares em Londres, também ajuda. Vais viver com esse Steve?

- Acho que não. Steve é muito ciumento. Acho que vou ficar sozinho e esperar que tu me perdoes. Volta comigo?

- Não posso, não quero e não seria capaz de conviver contigo. Ainda não te arranquei do meu peito. Nem é pelo facto de seres...isso – disse sem jeito -, é porque não consigo mesmo ser uma segunda escolha na vida de outra pessoa. Não ia viver descansada, adoecia de tristeza. Não posso António. Entende.

Ele afagou-lhe a face e beijou-a ao de leve nos lábios.

Perderam a noção do tempo. Estavam sentados numa praia deserta, onde apenas o som do mar a fustigar a areia, e as gaivotas que debicavam os pedaços de peixe deixados pelos pescadores, se ouviam.

Ele estava lindo. Vestia calças de ganga a modelarem-lhe o corpo e uma camisa branca que lhe realçava o negro dos olhos e do cabelo. Levantou-se da rocha onde estava sentado e abriu os braços, olhando para ela com carinho.

- Vem cá princesa. Deixa-me mimar-te com um abraço. Desculpa o meu egoísmo. Talvez devesse pensar na minha vida de outra forma, mas já me conheço e sei que mais cedo ou mais tarde ia fazer uma asneira.

Matilde levantou-se e aconchegou-se naquele corpo que conhecia tão bem. Deixou-se abraçar, mas já não sentiu o mesmo, qualquer coisa se tinha quebrado dentro dela. Perdeu a confiança em si e talvez nos homens. As lágrimas caíram-lhe pela face e molharam a camisa dele. Sentia pena pelos dois. Dificilmente voltaria a confiar num homem e sabia que as hipóteses de algum dia ter filhos, era remota.

Ele afrouxou o abraço, limpou-lhe as lágrimas, deu-lhe um beijo leve nos lábios, e pegou-lhe na mão.

- Vamos jantar e conversar sobre ti. Quero ajudar-te a refazer a tua vida profissional já que não queres voltar para Londres.

Era este homem que ela ainda amava: lindo e infinitamente generoso, mas que a tinha atraído.

**

Três horas depois despediram-se à porta do quarto do hotel onde Matilde estava hospedada. Se fosse há uns tempos seguia-se uma noite de amor, recordou-se quando o viu afastar-se em direcção ao carro alugado. Ambos tinham um apetite voraz, mas esses tempos tinham terminado, não voltaria a fazer amor com ele, por mais que sentisse a sua falta. Ainda tinha que passar algum tempo, até conseguir ser apenas sua amiga.

António mimou-a muito durante todo o tempo de namoro, mas entendia agora as longas ausências de Londres quando ele dizia que ia em negócios. Quantos Steve's teriam existido na vida dele?

A dúvida atormentava-a.

Por momentos esqueceu-se que já não eram namorados. Quando chegou à sala de refeições ele já a esperava. Levantou-se quando a viu chegar, como cavalheiro que sempre foi e cumprimentou-a com o beijo na face. Matilde não conseguiu evitar estremecer. António tinha um efeito nela que nunca soube explicar, mesmo ao fim de tantos anos. Seria amor? Paixão? As duas? Agora já não tinha importância.

- Dormiste bem?

- Sim - respondeu ela.

Conversa de circunstância de quem se sentia pouco confortável com a situação.

Foram servir os pratos no bufete da sala de refeições do hotel e quando se sentaram, António olhou-a profundamente – ainda tinha esperança que ela reconsiderasse – e disse:

- Ontem ainda fiz uns telefonemas. Um amigo disse-me que um escritor espanhol, que por coincidência vive aqui em Maiorca, pôs um anúncio na internet a pedir um revisor e editor, com regime de exclusividade. Queres concorrer? Talvez ele te contrate. Como falas e escreves em espanhol, talvez consigas.

- Obrigado. Mas porque te deste ao trabalho? Tenho tempo e posso passar um tempo sem trabalhar.

- Eu sei. Mas queres voltar para Portugal?

- Agora não, nem para Londres.

- Então porque não tentas? E estendeu-lhe o anúncio impresso numa folha A4.

Matilde leu-o enquanto comia os ovos mexidos e percebeu que dificilmente a contratariam. Pediam experiência, que ela não tinha. Mas não custava tentar. Estava a gostar da ilha, ficava perto de Lisboa e também suficientemente afastada, para que pudesse ter alguma paz. Nesta altura da vida não conseguia voltar a viver com os pais e sabia que a mãe não lhe dava tréguas. Se voltasse para Lisboa ia monopolizar a sua vida, ao ponto de chegarem a um ruptura temporária, como já acontecera outras vezes.

- Está bem, vou concorrer. Não diz quem é o escritor. Tem pouca informação. Diz apenas que exige exclusividade – observou Matilde enquanto voltava a ler o papel.

- Mas eu sei quem é o escritor. Tenho as minhas fontes de informação.

- É. Já me tinha esquecido que davas um bom detetive – conseguiu rir um pouco depois de todo o dramatismo que viveram.

- É Esteban de La Vega – disse António com toda a calma do mundo como se estivesse a falar de um ser comum.

- O quê! Sério? Adoro esse escritor. Há anos que não publica nada, desde que a mulher morreu num trágico acidente. Parece que a amava muito.

E olhou para António que estava com o olhar fixo nela, aquele olhar que tão bem conhecia.

Ao redor deles os hóspedes começavam a encher a sala com imenso barulho. Eram sobretudo russos que faziam uma algazarra enorme e empurravam as pessoas nas filas, tomando o lugar delas, sem qualquer pedido de desculpa.

- O que foi? – perguntou Matilde.

- Não me conformo em perder-te.

- Não posso fazer nada, sabes bem. Já te disse qual é a minha decisão, por mais que isso me custe. Mas seria insuportável viver contigo sempre com dúvidas a pairarem sobre mim. Podes garantir-me exclusividade?

António baixou a cabeça. O sinal que ela precisava.

- Obrigado pela sinceridade.

Ele anuiu com a cabeça, e um olhar triste.

- Bom, vou pagar a conta e vou-me embora. Promete que concorres ao lugar? Ficava muito satisfeito que o conseguisses.

Matilde estranhou a insistência dele, sobretudo sabendo que as hipóteses de conseguir aquele trabalho eram remotas. Quem iria contratar

uma estrangeira para uma tarefa tão específica? Duvidava que isso fosse possível.

Meia hora mais tarde António estava para entrar num táxi que o levaria ao aeroporto rumo a Londres.

Deu-lhe um abraço longo, disse-lhe que ia ter saudades dela e já dentro do carro perguntou-lhe:

- O que fizeste à cópia do Lautrec que te ofereci? Ainda a queres?

- Claro que quero. Está em casa dos meus pais. Quando tiver uma casa minha vou pendurá-lo na sala – e pela primeira vez em quase duas semanas riu-se. – Representa um marco na minha vida – brincou.

António começou a fechar o vidro do carro e despediu-se.

- Adeus querida. Quando chegar telefono-te.

Matilde sabia que acabara ali a história dos dois. Sentia-se magoada, muito ferida, mas de consciência tranquila. Viu o táxi dobrar a esquina e António a fazer-lhe adeus por entre o vidro aberto. O sonho acabava ali.

O dia estava quente, não havia vento e os autocarros das agências de turismo começavam a chegar aos hotéis carregados de turistas ingleses, alemães e russos. Talvez estivesse na altura de sair dali. Sabia, por amigas que passaram férias na ilha nos meses de verão que as estadias nos hotéis tornava-se um inferno: os ingleses ocupavam a piscina massivamente e só saíam no final do dia, impossibilitando outros hóspedes de a usarem e os russos e alemães ocupavam as minúsculas praias desde que o sol nascia até ao ocaso. Pouco espaço para um turismo massivo.

Mas hoje ia à praia. Entrou no seu alojamento de rés de chão e ligou o computador. Verificou o site de onde António tinha retirado o anúncio, confirmou a autenticidade da informação, mas achou estranho não falava do escritor. António sabia sempre tanta coisa que os outros desconheciam que por vezes chegou a pensar que ele tinha poderes sobrenaturais. Não se conheciam fotos recentes, publicadas na imprensa ou na internet de Esteban. A esposa era uma atriz americana conhecida e ele fazia questão de não aparecer nos jornais. Nem os livros traziam qualquer foto do autor e, na sobrecapa constava apenas uma breve biografia. Respondeu ao anúncio em espanhol, anexou uma cópia digitalizada do seu curriculum e do diploma da Universidade de Lisboa e manifestou disponibilidade imediata. Pegou na toalha, num livro, nos óculos de sol e desceu à praia privada do hotel, quase deserta ainda.

Apenas uma família, pai mãe e dois filhos, brincavam na água fria no canto norte, e um homem permanecia deitado numa cama de praia a uns metros dela. Curiosamente a ler também. Matilde mediu a distância entre a cadeira onde ele estava e a dela e sentiu que ali era seguro. Queria estar sozinha.

Ajeitou a espreguiçadeira para ficar na posição de sentada, colocou protector solar na cara e nas pernas, e abriu o livro na página onde tinha ficado. Descobrira Carlos Ruiz Zafon recentemente, e estava a gostar de ler a “ Sombra do Vento”, tinha uma escrita rica, cheia de metáforas e cenários místicos, muito idêntico ao que já lera de Esteban Vega. Apenas as personagens lhe pareciam um tanto estranhas, quase como se fossem etéreas, mas esse pormenor não a impedia de apreciar a leitura do livro.

O azul-turquesa do mar dava-lhe a serenidade que precisava. Ao largo, a uma centena de metros da praia escondida no relevo das rochas, passava um iate em passeio. Uma ou outra gaivota esvoaçava em busca de algum pedaço de comida que as crianças espalhavam na areia e faziam uma algazarra, brigando pela posse do alimento. As famílias começavam a descer à praia com crianças que corriam para a água - a maioria estrangeiras como ela - e distinguiu várias línguas: russo, inglês, alemão e até italiano. Olhou na direcção do homem e tentou ver o que ele estava a ler. Como todas as pessoas era curiosa quanto às leituras dos outros e, não resistia a ver o título e o autor, quando via um livro na mão de alguém, fosse na praia, no avião, no autocarro ou até no metro. Era uma indelicadeza fazer isso e detestava quando lho faziam, mas não conseguia evitar. Não conhecia nem o título nem o autor. Mas a língua parecia alemão. Atento a ela o homem fez-lhe adeus com um leve aceno. Matilde devolveu o cumprimento com um aceno de cabeça e desviou a atenção de novo para a leitura. Parecia-lhe já ter visto aquele homem no hotel há vários dias, mas talvez fosse impressão sua.

Sentiu passos na areia em direcção a si, mal voltou a atenção, de novo, para o seu livro.

- Hello! English? - perguntou o homem parado junto à cadeira de Matilde.

- No.- respondeu. – Mas falo inglês, sim. – respondeu pensando que ele queria alguma informação.

O homem era alto, louro, musculado, e com um sorriso fácil num rosto agradável. Devia ter uns quarenta anos.

- Desculpe incomodá-la mas verifiquei que está sozinha aqui no hotel, como eu. Posso conversar consigo um pouco. – disse em inglês, arrastando os erres com um sotaque a denunciar a origem alemã.

Matilde assentiu com a cabeça – embora lhe apetecesse dizer que não –, tirou os óculos escuros e fechou o livro colocando-o em cima da cadeira. O homem sentou-se na cadeira ao lado da sua e, sorrindo-lhe começou por se apresentar.

- Sou Stef Frank e estou aqui de férias, sozinho. Nós alemães consideramos a ilha quase uma colónia nossa. Todos os dias chegam e partem charters com conterrâneos meus, desde há muitos anos. – disse com alguma presunção.

Nada que Matilde não soubesse, mas não fez comentários.

- Matilde Vidal, de férias também.

Simpático além de charmoso e com um corpo bem torneado, chamava a atenção mesmo a alguns metros de distância. Foi essa imagem, que a fez olhar várias vezes na direcção dele, o que o encorajou certamente. A primeira ideia que lhe ocorreu foi a de um gigolo em busca de ganhar algum dinheiro. Sacudiu a ideia da mente porque reconheceu que estava a começar a ver fantasmas em todos os homens. Que mal podia surgir se entabulasse conversa com um desconhecido? Não tinha que passar daí. A

reclusão em que ficou desde que conheceu António, fizera-lhe mal. Deixou de saber lidar com o sexo masculino.

**

Passada uma hora, em que trocaram experiências de viagens – as de Matilde foram quase todas com António, mas não falou nele – riam e bebiam Martini sentados nas cadeiras de praia enquanto entardecia. A boa disposição invadiu-a quase de repente. O álcool estava a desinibi-la, e ele contava episódios da sua vida profissional, que a faziam rir apesar de parecerem inverosímeis. Era arquitecto e viajava pelo mundo inteiro para acompanhar os projectos do gabinete onde trabalhava. Em plena crise europeia era um sortudo, por ter trabalho.

Convidou-a para jantar e Matilde aceitou. Nesse dia ia dispensar o «tudo incluído» do hotel, para experimentar um fantástico jantar de marisco que ele lhe prometera.

Arranjou-se como se fosse para um encontro. O despeito fê-la projectar naquele desconhecido simpático, as suas frustrações com os homens. Matilde estava ligeiramente bronzada do sol de final de Maio - mas que ali no meio do Mediterrâneo era suficiente para lhe dar uma cor mais morena -, e optou por vestir um vestido branco de decote cavado na frente e nas costas, um daqueles vestidos que tinha reservado para sair à noite, com António, na lua-de-mel. Calçou sapatos pretos de salto alto, soltou o cabelo que lhe caiu em cachos sobre os ombros, aplicou uma maquilhagem ligeira e dirigiu-se ao átrio do hotel onde ele já a esperava.

Stef estava lindo. Vestido de forma casual chique, e com roupas que custavam mais que um salário mínimo, cada peça, sorriu-lhe assim que a viu e aproximou-se, beijando-lhe as duas mãos de imediato. Matilde deixou que ele o fizesse mas a sensação foi desconfortável. Nesse exacto momento começou a questionar se devia ter aceitado o convite. A última coisa que queria agora era um admirador a persegui-la ou um novo envolvimento amoroso.

Stef olhou-a apreciando-a de forma descarada, e sorriu-lhe de novo.

- Está linda. Como é que uma mulher como você está sozinha aqui?

- É uma longa história da qual não quero falar. Vamos aproveitar o jantar? – sugeriu para desviar o assunto e colocar um limite em qualquer elação que ele pudesse tirar acerca da sua disponibilidade.

- Claro. Vamos a pé. O restaurante é a duzentos metros daqui, e a noite está agradável. – disse ele.

Stef ofereceu-lhe o braço e ela aceitou como se fosse a coisa mais natural do mundo, mas, de novo começou a ter a sensação de estar a fazer o maior disparate da sua vida. Que mulher aceitaria um convite de um desconhecido para jantar, depois de ter terminado um noivado há duas semanas? Sacudiu a ideia com rapidez e resolveu aproveitar ao máximo aquele jantar de marisco, pitéu que adorava. Reconheceu que estava a ser antiquada e preconceituosa.

A noite estava amena e os turistas começavam a circular pelas ruas em busca de um restaurante para jantar. Pequenos grupos de bolivianos, tocavam música dos Andes na rua, junto aos restaurantes, para atrair clientes. Stef ia em silêncio e ela também. Mas Matilde não esperava outra coisa. O efeito dos martinis bebidos na praia à tarde já tinha passado e, a ela refreou-lhe a língua. A vontade de falar passara.

- É aqui – apontou ele.

E subiram as escadas de um edifício pequeno, junto ao mar e com uma inscrição numa placa de madeira tosca presa por grossas correntes “Bungalow”. À primeira vista não parecia nada sofisticado.

- Parece simples, e é, mas é o restaurante que serve o peixe e o marisco mais fresco da zona.

Isso deixou-a mais descansada.

Um empregado conduziu-os à mesa reservada na esplanada, com o mar como vista de fundo. Um paraíso se estivesse com António.

Stef escolheu um prato sortido de mariscos para os dois e um vinho português branco “Quinta da Aveleda”. O empregado abriu a garrafa, colocou um pouco no copo de Stef, ele provou e assentiu com um aceno de cabeça. A garrafa foi colocada no frappé e Stef ergueu o copo na sua direcção.

- À nossa saúde.

Matilde riu-se e levantou o copo, tocando no dele levemente.

Lembrou-se de Carlos e do copo de vinho entornado.

Sem conseguir conter-se deu uma gargalhada.

- Desculpa. Estou a lembrar-me de uma cena que aconteceu em Palma no dia que cheguei à ilha, também ao fim da tarde, por esta hora – e começou a contar-lhe o que tinha sucedido.

Acabaram por rir os dois, Stef era uma boa companhia, ria com facilidade, e um bom ouvinte. Matilde falava de si há mais de uma hora sem que ele desse sinal de enfado.

O cheiro a mar deixava-lhe os sentidos despertados e, uma das vantagens de morar em Lisboa, era poder chegar perto do mar em pouco mais de meia hora, quando a marginal costeira de Cascais tinha pouco trânsito e, assim, usufruir do sossego e da solidão da praia. Levava um livro e passava horas dentro do carro a ler e a ver as ondas fortes do Guincho a rebentarem na areia, sempre trazendo e levando alguns surfistas com a ondulação, mesmo em pleno inverno quando a água estava gelada. Ao contrário das outras pessoas Matilde gostava de ir para a beira-mar no inverno, por isso adorava os fins-de-semana de chuva e vento na Cornualha, quando morava em Inglaterra. E lá vinha de novo as lembranças que a transportavam para os tempos em que julgava ser feliz com o homem que amava.

As travessas de marisco chegaram e eram um regalo para os olhos: pedaços de sapateira, búzios, percebes e camarão, acompanhados com pickles e maionese. Era demasiada comida para uma só pessoa. Stef ia enchendo o copo de Matilde e aos poucos a boa disposição dela voltava, e o silêncio deixou de ser incomodativo. Matilde tinha uma relação cordial com o álcool, não gostava de bebidas destiladas, apenas consumia vinho em ocasiões especiais e de forma moderada. Stef observava-a e aos poucos ia-lhe conquistando a confiança, enquanto lhe enchia o copo.

- Então queres contar a tal história que te trouxe aqui sozinha?

A verdade é que Matilde já sentia a língua muito solta. E porque não contar? Não ia vê-lo nunca mais e ao menos desabafava com um homem, era importante ter a perspectiva de alguém que não a conhecia.

Matilde foi contando como conheceu António, como se apaixonou por ele, como ele era maravilhoso e, enquanto ela falava Stef afagava-lha a mão estendida por cima da mesa. Quando finalmente contou a verdadeira razão de ter terminado o casamento, Stef mostrou-se bem compreensivo e consolou-a, dizendo que o noivo tinha sido um canalha por a ter enganado todos estes anos.

Terminaram a refeição e Matilde estava desejando de chegar ao quarto e dormir. O vinho tinha o poder de a por sonolenta, e clamava por um bom sono.

- Levas-me ao hotel? Com estes saltos sinto que desabo a qualquer momento e não quero ficar com um olho roxo de ter caído, ou então vou descalça. – disse com um ar muito despreocupado, a rir-se de uma forma que já denotava algum álcool a mais na corrente sanguínea.

- Claro que te levo.

Passada uma hora Matilde não se lembrava como chegou ao quarto, mas estava nua com ele a beijá-la e a tocar-lhe por todo o corpo. Um pensamento fugaz levou-a a querer levantar-se da cama, mas esse pensamento desapareceu em segundos e deixou-se levar pelas caricias que ele lhe fazia. A sua mente dizia-lhe para acabar com aquilo, mas o corpo não. Sentiu-o a sugar-lhe os seios e a dizer-lhe como era linda a tocar-lhe na sua intimidade, com os dedos, com a língua e, sentia-se no céu e a perder os sentidos. Lutava para se manter acordada, mas os olhos fechavam-se sem que ela conseguisse evitá-lo. Matilde sentiu um peso tão grande nas pálpebras que nem uma grua potente os conseguiria levantar. Tinha que dormir. Queria dormir. Lentamente, fechou os olhos e deixou de ter noção de si.

Sentia um peso nas pálpebras como se tivesse uma pedra com alguns quilos em cima de cada olho. Tentou abrir os olhos mas não conseguia. Ouviu sons de crianças a brincar em grande algazarra, e perdeu os sentidos por momentos. Voltou a si novamente, aos poucos, a tentar recordar-se de onde estava e o que lhe tinha sucedido. A cabeça doía-lhe, pesada, e sentia a cama a girar a uma velocidade louca. Tentou levantar-se mas os braços e as pernas estavam bambos e não obedeciam ao cérebro. Caiu no sono novamente mas a sua mente não parou. Homens a seduzirem-na e a ridicularizarem-na num grande anfiteatro com muitos espectadores a rirem à gargalhada, Marta e Rosamaria, a chamarem-na da porta do quarto, e a gritarem que fugisse, invadiam-lhe a vida onírica e, lá no alto de um prédio com muitos andares a mãe apontava-lhe o dedo e acusava-a de lhe ter arruinado a reputação.

A filha de Vasco Vidal não podia ter abandonado o noivo no altar. Matilde defendia-se e dizia que o noivo não era quem eles pensavam e a multidão sentada nos bancos de um estádio de futebol, gritava-lhe e riam encolhendo-se e retorcendo-se de tanto riso. Sentia o suor a correr-lhe pelo corpo e a mente a gritar-lhe que acordasse. A aflição crescia sem que ela conseguisse sair daquele recinto e finalmente decidiu sair do estádio e começar a correr para a saída. Derrubou a mãe, passou por Marta e pela irmã, sem olhar para trás. Correu com tanta velocidade que chegou ao final do prédio de quarenta andares, onde só avistava arranha-céus. Um homem vestido de fraque preto e outro tatuado perseguiam-na. Não tinha alternativa. Ou saltava ou era apanhada. Colocou um pé em cima do parapeito do telhado e fechou os olhos lançando-se no vazio.

O grito ecoava pela cidade e, quando finalmente embateu no chão, abriu os olhos, alagada em transpiração e com o cabelo colado à cabeça. Atordoada percebeu que tinha sido um pesadelo, talvez o mais horrível de que se lembrava.

Apoiou-se nos cotovelos e conseguiu erguer-se na cama. O seu olhar incidiu no vestido branco colocado em cima da cadeira e, no chão os sapatos pretos de salto alto alinhados. Levou a mão aos seios e viu que estava nua, integralmente.

O jantar e o alemão Stef. Recordou-se de repente. As ideias começaram a ficar claras, aos poucos. Recordava-se apenas de ter bebido meia garrafa de vinho branco, de não conseguir segurar-se nas pernas e, vagamente, de Stef a ter levado ao quarto e ter entrado com ela.

Beijos...oh! Deus! Ele tinha feito qualquer coisa com ela...devia estar muito bêbada para não se recordar. Sentiu uma vergonha enorme a crescer no seu interior. Tinha bebido e ido para a cama com um desconhecido e feito...talvez tudo. Mas algo não estava bem, havia um buraco temporal por preencher. Não se recordava de quase nada. E nem sinal de Stef. Será que a sua imaginação lhe tinha pregado uma partida?

Ergueu-se com dificuldade e com uma enorme dor de cabeça entrou no chuveiro ligando a água fria. Gritou. O choque da água a bater-lhe no corpo foi arrepiador, mas revigorante. Aos poucos abriu a água quente e ficou uma enormidade de tempo debaixo do chuveiro deixando o líquido quente correr-lhe pelo corpo. O estomago fez um barulho estranho. Não sabia que horas eram, mas pela intensidade da luz que entrava nas janelas devia ser perto da hora do almoço.

Uma hora depois estava sentada na sala de refeições do hotel, confusa, e muito surpreendida consigo própria. Comportamentos daquele género não eram um hábito seu. Marta até lhe costumava chamar a senhora certinha. Será que o alemão existiu mesmo ou ela tinha sonhado?

Terminado o almoço foi para o quarto, ligou o computador e começou a equacionar a hipótese de sair daquela zona. Talvez experimentar outra praia mais a norte fosse bom. Se Stef existia mesmo não queria correr o risco de voltar a encontrá-lo. Mas, o que mais a atormentava, era não se recordar do que tinha acontecido entre os dois. Felizmente tomava a pilula, não corria o risco de engravidar de um estranho, mas e se ele tivesse alguma doença transmissível?

Não ia obter resposta para essas perguntas, por isso resolveu serenar o espirito, dentro do que lhe era possível.

Sentou-se com o portátil aberto. Ia ver as novidades, ou responder a algum email pessoal.

Abriu o email e tinha mais de uma dezena para ler. O som de chamada no iphone alertou-a. Era a mãe. Embora não estivesse com grande paciência para as lamúrias de Manuela era melhor atender.

- Olá mãe. – e esperou.

Manuela ia começar a bombardeá-la com perguntas e recriminações, quase de certeza.

- Matilde! O que te aconteceu. Liguei-te imensas vezes ontem de noite e estava sempre com sinal de impedido! Que andas tu a fazer filha? Volta para casa! O António está uma lástima. Tudo não passou de um mal-entendido, volta para ele...não vais encontrar outro igual!

- Olha mãe, gosto muito de ti, mas ambas sabemos que não partilhamos das mesmas opiniões em muitas coisas, sobretudo em relação à minha vida e às minhas escolhas. Não quero discutir esse assunto contigo. Estou bem, já sou bem capaz de tomar conta de mim, portanto... precisas de alguma coisa?

Era o máximo que conseguia dizer de forma educada.

- Queria apenas dizer-te que encontramos a nossa porta da entrada com sinais de arrombamento, ontem. Claro que fiquei assustadíssima, nem a Dona Alice deu por nada. Num prédio tão seguro como o nosso, é muito estranho.

Matilde também concordou. Mas são coisas que acontecem. As cidades estão cada vez mais perigosas e Lisboa não era excepção, mas também podia ser um mal-entendido dramatizado pela mãe.

- Mas os supostos arrombadores, não entraram em casa pois não?

- Não. Mas a porta ficou um pouco destruída. O teu pai já providenciou um carpinteiro que visse consertá-la e...

- Então se é só isso, falamos depois mãe. Agora tenho algum correio para responder. Logo mais ligo-te. Beijo.

Com a mãe era assim. Se não cortasse a conversa ficava a falar horas de assuntos triviais esgotando a paciência de quem a ouvia. Há anos que Matilde sabia que o pai tinha uma vida fora do casamento e ainda se admirava porque continuavam juntos. Quase sempre chegava à conclusão que o pai queria o melhor dos dois mundos: em casa a mulher que cuidava da casa com uma dedicação que rondava o exagero – um médico já tinha sugerido que ela sofria de uma neurose obsessiva – e punha todos doidos em casa, e fora de casa alguma mulher que o amasse e lhe desse sexo.

Apenas Rosamaria tinha paciência para os fanicos da mãe. Matilde era mais parecida com o pai: mais pragmática e rápida a tomar decisões.

Começou a abrir o correio electrónico um a um e a responder ou simplesmente a apagá-los. Um endereço chamou-lhe a atenção por ser desconhecido.

Cara Senhora Matilde Vidal

Vimos por esta forma comunicar-lhe que foi seleccionada para entrevista para as funções de revisora/editora relativamente ao concurso publicado na página de empregos ao qual concorreu. Solicitamos a sua presença dia 28 de Maio pelas onze horas da manhã. A morada é Castillo Losa, a três quilómetros de Porto Cristo. Ao seguir a estrada costeira, encontrará a indicação da propriedade privada.

A secretária

Pilar Salcedo

Matilde sorriu. A vida surpreendia-a sempre, quando ela achava que já vira tudo. Era uma coincidência muito curiosa, nunca pensou, como estrangeira, ser seleccionada para um entrevista para funções de tamanha responsabilidade e, para as quais, apenas tinha a formação académica e o domínio escrito e falado do espanhol, que a mãe a obrigara a aprender.

Respondeu:

Senhora Pilar Salcedo

Informo que estarei presente na entrevista na hora marcada.

Comprimentos

Matilde Vidal

A entrevista amanhã. Apesar de algum mal-estar ainda causado pelo excesso de bebida, e a cabeça a doer-lhe, decidiu contar a Marta as ultimas novidades. Ligou o número e esperou que ela atendesse.

- Bolas mulher! Pensava que tinhas desaparecido no mar mediterrâneo! Amiga, conta novidades.

- Nem vais acreditar nas coisas que tenho para te contar. A tua amiga, certinha que não fazia asneiras ontem partiu a loiça toda. – riu-se ao mesmo tempo que punha a mão na têmpora ainda a latejar de dor. – Então imagina que...

Durante uma hora Matilde contou as novidades a Marta que ia fazendo exclamações do outro lado entre risos e piadas privadas entre as duas.

- Quase dava para um dos meus romances, essa tua história. – disse Marta divertida.

- Não te atrevas. – advertiu-a com uma gargalhada.

- Mas foi uma pena aquele Carlos... ter desaparecido, o homem parecia bem interessante.

- Ora Marta, eu lá tenho cabeça para homens, depois de tudo o que passei.

- Ora amiga...ninguém diria que não tens cabeça para homens. Quem engata um alemão na praia...e depois...

- Eu lá engato alguém, Marta! – disse parecendo ofendida. – Há qualquer coisa a escapar-me nesta situação. Uma dela é que a minha mãe diz que me telefonou várias vezes ontem à noite e não tenho qualquer registo de chamadas dela no meu iphone.

- Tu és demasiado complicada. Relaxa mulher e aproveita. Quero saber as novidades depois da entrevista.

- Está bem. Não vou demorar-me pela ilha muito mais tempo. A entrevista é apenas uma brincadeira para mim, sobretudo porque é para o meu escritor preferido.

- Como sabes isso?

- António disse-me.

- António?! Olha Matilde, há qualquer coisa que não me estás a contar. Mas estiveste com António? Onde? Matilde, conta-me!

- Depois falamos. – disse Matilde despachando a amiga.

Não estava com disposição para mais explicações e Marta tinha razão, tinha que pensar em tudo muito bem e analisar os acontecimentos. Tudo lhe parecia muito irreal neste momento, como se tivesse passado por dentro de um filme a correr e saísse na outra ponta do ecrã sem fazer parte da história.

Matilde levantou-se cedo, e decidida a não permanecer mais tempo em Cala D'Or. Aproveitou o facto de a entrevista ser perto de Porto Cristo, uma cidade costeira que ainda não conhecia, e marcou um hotel para quatro dias com a intenção de ficar até o assunto do emprego estar resolvido.

Passou parte da tarde do dia anterior a dormir, resultado da ressaca da noite anterior, mas ainda não entendia porque ficara embriagada daquela forma.

Uma imagem da garrafa meio cheia surgiu-lhe na mente. Recordava-se de ler o rótulo e ver o ano da colheita já no fim da refeição pouco antes de começar a sentir-se tonta e de Stef lhe voltar a encher o copo e de ela ter recusado. Tinha alguma noção que ele a teria beijado, mas a sua mente borrou as imagens. Não se recordava de quase nada. Ia encerrar aquele infeliz episódio, porque não passava disso mesmo: uma situação estúpida e desagradável. A raiva contra António voltou a surgir. Se não fosse ele não teria chegado a ir para a cama com um estranho.

**

O percurso até à cidade de Porto Cristo era bonito. Pinheiros e vegetação rasteira, flores silvestres a sarapintar o campo, e estradas pouco concorridas, pelo que conduzia de forma calma, apreciando a paisagem de vegetação selvagem. Há medida que ia passando por algumas praias, verificava que muitas eram privadas. Maiorca tinha muitas casas de luxo com praias escondidas em falésias, onde os monarcas das casas reais, e os actores de cinema iam passar férias.

Depois de uns quarenta e cinco minutos de viagem, e seguindo as indicações pelo GPS do iphone, avistou finalmente uma placa de madeira discreta com a inscrição pintada a verde, indicando o Castillo Losa. Virou à direita pela estrada de saibro ladeada por pinheiros e vegetação selvagem, pensando que ali qualquer casinha era um castelo. Na expectativa de ver o que seria o tal castelo chegou finalmente a um enorme portão de ferro pintado de verde e com uma camara de vigilância junto à campainha. O conjunto era agradável mas assustava. O castelo, onde quer que ele ficasse, era mesmo privado. Não se avistava do portão.

Parou o carro, saiu, e premiu o botão da campainha. Do lado de lá do portão seguia-se mais estrada e não se avistava qualquer edifício. Um clic deu sinal de ter alguém do outro lado do videoporteiro e uma voz feminina com som irritante perguntou:

- Quem é?

- Matilde Vidal. Tenho uma entrevista marcada para as onze horas.

- Vou abrir. Entre. – disse a mulher com voz seca. – Deixe o carro no estacionamento por favor.

Matilde entrou com o carro e passados uns cem metros, por detrás de uma vegetação luxuriante composta por árvores de grande porte, arbustos e buganvílias em flor, surgiu um edifício grande, com uma torre muralhada – como a dos castelos medievais - e com muitas janelas amplas e alpendres ao longo da casa. Aquilo era qualidade de vida. Um escritor que se refugia ali para trabalhar devia viver no paraíso. Sentiu uma paixão súbita pela casa. A casa que ia partilhar com António não era muito diferente daquela mas era menor. Uma casa como aquela, num clima quente e à beira mar, era um paraíso. Ouvia o bater das ondas nas rochas, lá em baixo, numa distância de uns trezentos metros a avaliar pelo som esbatido.

Seguiu pela rua larga que antecedia a entrada da casa, e subiu três degraus largos de calcário, em direcção a uma enorme porta de madeira, aberta, ladeada de dois vasos com bonsais gigantes. Tudo ali era agradável. Respirava-se tranquilidade. De repente um rapazito que aparentava não ter mais de oito anos surgiu a correr do interior do edifício e atrás dele uma senhora de meia-idade a chamá-lo com insistência.

- Juan! Vem tomar banho. Não podes entrar no quarto com a roupa coberta de lama.

A criança ria-se e corria à volta da buganvília rosa, sabendo que a mulher não o conseguia apanhar.

Matilde ficou parada com um sorriso nos lábios a observar a cena. A sua imaginação voou em segundos e imaginou-se a correr atrás de um filho seu, daquela forma, e depois a rir muito e a cobri-lo de beijos quando o apanhasse.

- A senhora quem é? – perguntou a mulher com um ar afável. A voz não era a mesma que a tinha atendido ao portão.

- Ah! Desculpe. Venho para uma entrevista...- esclareceu Matilde sem saber a quem se estava a dirigir.

- Ah sim. É com a senhora Pilar, a secretária do professor. Entre. - convidou-a dando-lhe passagem. – Sou a governanta da casa, Eugénia. Venha, o Juanito já vem. Quando se cansar entra. É um diabinho adorável.

- A senhora desculpe, mas é que...é tão bonita, faz-me lembrar alguém.

A mulher devia ter perto de sessenta anos e tinha um ar agradável, de mãe de família que cuida dos outros. O cabelo curto com muitas brancas e com volume, um rosto já com algumas rugas e uns olhos doces transmitiam paciência.

Matilde seguiu-a e, ao penetrar no largo corredor que começava no enorme hall de entrada da casa, ficou abismada com a decoração do interior. No chão um enorme tapete turco em tons de azul abafava os passos dos saltos altos das suas sandálias de tiras vermelhas, uma credência antiga com um quadro pendurado por cima, de um pintor da geração mais nova mas já muito bem cotados no mercado e, à direita uma enorme sala forrada por duas enormes carpetes persas em tons de vermelho escuro e, nas paredes quadros de pintores que ela conhecia dos leilões. Ali estava uma verdadeira fortuna em obras de arte. Ao centro da sala um conjunto de maples de veludo beije e quatro cadeiras chipandelle, onde estavam sentadas quatro raparigas, vestidas de forma clássica, com saias e vestidos pelo meio da perna, traje adequado para uma entrevista de emprego.

Se Matilde alimentava a ilusão que seria a única a concorrer ao lugar, perdeu as esperanças assim que entrou ali. E, viu cada vez mais longe as hipóteses de ficar com o lugar.

Cumprimentou as raparigas com um bom dia, com um sorriso na cara e sentou-se num dos sofás onde se afundou de repente, juntamente com o barulho do tecido a ajeitar-se ao seu corpo. Ficou confortável mas a sentir-se ridícula. Parecia estar sentada no chão e as outras no primeiro andar. Começou a arrepender-se de estar ali e a vontade de fugir passou-lhe pela cabeça. As quatro raparigas, todas com fisionomias muito diferentes falavam entre si como monossílabos como se estivessem a digladiar-se pela posse do lugar e olhavam na sua direcção. Uma dela deu um pequeno risinho.

Não deviam de ter mais de vinte e cinco anos e seriam decerto recém-licenciadas. Todas olhavam para ela como se estivessem a ver uma ave rara do paraíso sentada no ninho a protegê-lo dos predadores.

Era assim que se sentia: uma ave rara e ridícula. De repente ouviu a voz do garoto a rir ao mesmo tempo que corria pelo corredor com a empregada no seu encalço. A porta de uma sala contígua, que devia ser um escritório, abriu-se e uma mulher de uns quarenta anos, alta, bem vestida com um modelo cintado mostrando a sua cintura fina e as curvas bem torneadas, surgiu na porta despedindo-se de forma seca de outra jovem que devia ser outra candidata ao emprego. Chamou uma das quatro que estavam sentadas na frente de Matilde e voltou a fechar a porta. O nervosismo ia aumentando e Matilde continuava a considerar sair dali, antes de chegar a sua vez.

Depois de mais de uma hora de espera e da sua auto-estima destruída naquela posição ridícula face às outras candidatas, a secretária chamou-a finalmente.

- O meu nome é Pilar Salcedo e sou a secretária do professor Esteban. Na realidade somos amigos há muitos anos e sou eu que lhe trato de tudo no que diz respeito aos livros, e à sua vida – tudo isto foi dito como se estivesse a chicotear Matilde e para não deixar duvidas sobre quem mandava ali.

Porque é que a tal Pilar ostentava aquela atitude agressiva, é que Matilde não entendia.

A mulher era bela, muito bela, mas tinha um olhar frio e uma forma ríspida de lidar com as pessoas. Não quis fazer julgamentos precipitados, mas não simpatizou com ela. Tentou manter-se serena e esperou que ela comesse. Pilar folheava o curriculum dela com um olhar crítico e num tom mordaz disse:

- A senhora é portuguesa. O que faz aqui?

- Desculpe, não percebi qual a relevância de eu ser portuguesa? No anúncio não falava em nacionalidades, referia apenas a formação académica e um bom domínio falado e escrito da língua espanhola. Creio que como já observou é o meu caso – deixou escapar com alguma animosidade disfarçada num espanhol perfeito.

- Mas pouco trabalhou como revisora, e já foi há algum tempo – rematou.

- É verdade, mas tive um bom treino numa das editoras mais conceituadas em Portugal e...

A mulher fechou o curriculum e olhou para Matilde com aqueles olhos verdes penetrantes e gélidos e disse:

- Mas porque é que quer trabalhar aqui, quando vem de um ramo bem diferente? Vivia em Londres não era?

- Sim. Por questões pessoais, pouco relevantes para o caso.

A animosidade entre as duas crescia, mas Matilde mantinha o nível. Sentia que a tal Pilar estava prestes a saltar-lhe para cima e arranhar-lhe a cara.

- Muito bem. – disse a secretária. – Possui as habilitações, as competências, e passo a explicar-lhe o que será o seu trabalho caso seja a candidata seleccionada. Quem decide é o professor Esteban, eu apenas faço as entrevistas.

Durante cerca de quinze minutos explicou-lhe que se fosse seleccionada teria que habitar no Castillo e depois das dezassete horas e aos fins-de-semana estava livre. Habitação, carro e comida, faziam parte do contrato para a pessoa seleccionada. O professor queria que a revisora estivesse perto para o trabalho ser mais rentável.

Matilde nunca ouvira tal absurdo, e começou a pensar que o homem devia sentir-se sozinho ou tinha qualquer problema. Quando é que um escritor precisava de ter o revisor por perto, e, ainda por cima em regime de exclusividade. Já tinha ouvido falar de alguns escritores que tem uma relação muito próxima com o revisor, mas não é habitual. E este não publicava nada há alguns anos. Todo o discurso, começou a soar-lhe estranho. A secretária explicou-lhe ainda que os aposentos da revisora seriam num anexo fora do edifício principal, um edifício antigo restaurado há dez anos e que a propriedade tinha cerca de onze mil metros quadrados de mata e uma pequena praia privada. Matilde ouviu tudo atentamente e saiu dali com a certeza que dentro de uma semana, o tempo que lhe restava de férias, iria regressar a Portugal e procurar outro emprego, de preferência fora de Lisboa. Aquele emprego não lhe estava destinado. Sentiu a hostilidade da mulher. A tal Pilar, não fazia o mínimo esforço para ser simpática.

No regresso a Porto Cristo, pensou na riqueza em obras de arte, escondidas naquela casa, e percebeu o sentido de tanta vigilância. Já passava da hora do almoço e o estômago roncava como um motor com falta de combustível.

Parou o carro junto ao parque privado de umas das inúmeras praias existentes ao longo da costa, comprou um cachorro quente e desceu até ao mar pelo caminho aberto pela falésia para comer e pensar na vida. A praia

estava deserta e, pela primeira vez sentiu-se só. Sentou-se numa das rochas existentes na praia, e ficou a observar as ondas pequenas a rebentarem na praia de água translúcida. Pensou em António mais uma vez, ainda era inevitável não pensar nele. Começava a associar as ausências dele, à descoberta que fizera. António nem sempre viajava para o estrangeiro, muitas vezes dizia-lhe que estava a percorrer o país em busca de peças para leiloar e, quando ela se oferecia para o acompanhar dava sempre a desculpa que ela se iria aborrecer. Tantos sinais que nunca quis ver. Admirava-o demasiado, estava ofuscada pelo brilho dele. Comeu o último pedaço do cachorro, e decidiu que hoje virava a página daquela história que durara sete anos. António Mendonça não merecia que despendesse tempo com ele.

A secretária do professor disse-lhe que amanhã no final da tarde receberia um email com a decisão do professor Esteban e, no dia seguinte, seguia para Palma entraria num avião rumo a casa. Só tinha que decidir qual era a casa e onde. Não queria mais continuar na ilha.

- Vou regressar Marta. Não sei ainda o que vou fazer da minha vida, mas no máximo daqui a dois dias estou em Lisboa.

- Oh! Logo agora que estou em Nápoles, querida. Mete-te num avião e vem ter comigo, é só mudares de rota.

- Não sei... não vou ser boa companhia...sei apenas que aquela loucura de concorrer ao emprego de revisora terminou. Ninguém iria dar um emprego desse tipo a uma estrangeira.

- Mas já recebeste a resposta? – perguntou Marta.

- Não. Mas Esteban Vega, o grande escritor traduzido em mais de trinta línguas, não vai contratar uma portuguesa que fala espanhol e inglês para rever os livros dele e, nem eu sei se sou capaz de executar essa tarefa. Foi mais uma das loucuras de António a que eu acedi. E tu que estás a fazer aos pés do Vesúvio? A ver os homens napolitanos, suponho. Têm fama de serem guapos.

- Baaaa – fez um esgar – são iguais aos outros. Estou a fazer o lançamento do último livro. Sou Napolitana mulher! Ou já te esqueceste? António?! Ouvi bem? Voltaste a estar com aquele traste?

- Veio visitar-me para se justificar. Era o mínimo que podia fazer, apesar de eu passar bem sem o ver. Ainda dói olhar para ele. É tão lindo!

- Lindo e perverso. E não é por bi ou homo, é por ser trfulha e mentiroso. Isso não tem perdão. Já percebeste o que ia ser a tua vida se não descobrisses que ele tinha outra pessoa?

- Já sim, Marta. Isso é que me dói mais. Eu ia criar filhos, cuidar dele e, ele ia viajar pelo mundo com o seu tenor ou outros que fossem aparecendo.

- E tu batias palmas – ironizou tentando dar uma ar de graça à conversa pesada.

Marta queria ver a amiga feliz. Ela merecia. Não conhecia ninguém tão meigo, honesto como Matilde. O único defeito de Matilde era ser demasiado modesta e confiar demasiado nas pessoas. Mas quem a

conhecia sabia que era uma mulher cheia de potencial de trabalho e com muito amor para dar.

**

Perante a piada seca de Marta, riram as duas à gargalhada. Pela primeira vez em quase um mês Matilde ria com gosto. De facto só lhe restava aplaudir o tenor. Roubou-lhe o noivo e tinha uma voz espantosa. Nunca mais iria esquecer a Avé Maria e o olhar daquele homem. O mundo era tão pequeno que decerto o iria encontrar um dia num palco qualquer.

Depois da conversa com a amiga e de ter respondido a um par de mensagens lamurientas da mãe, que a fizeram ter a certeza porque é que passava tanto tempo sem ir a Lisboa, passeou pela cidade na zona da marina, sentido o cheiro a mar e admirando os imensos iates ancorados.

Mais tarde sentou-se na areia da praia, junto ao enorme paredão de pedra, que separava a praia, da cidade, apanhou algum sol e tomou banho num mar ainda um pouco frio para o seu gosto. Sentia uma inquietude cuja causa atribuiu à falta de objectivos para a sua vida. Perder um casamento não era uma tragédia na vida de uma pessoa que a impedisse de recuperar, mas perder a casa, a família e os projectos futuros, tudo de uma só vez, podia tornar-se num luto doloroso. Era uma mulher combativa, mas ter que começar tudo do zero era uma tarefa pela qual preferia não passar. Mas não ia deixar-se abater. Talvez fosse agora que tomava a decisão de partir para África nalguma missão de voluntariado. Precisava de se encontrar de novo e ajudar os outros podia ser um começo.

Começou a arrumar a mala de viagem e quando guardou o vestido branco recordou-se de Stef o alemão que...que a tinha levado a jantar – era a palavra menos pesada que encontrou - embebedou-a e levou-a para a cama. Riu-se de si própria. No estado de carência afectiva em que estava sabia que isso não era muito difícil de acontecer. Lembrou-se que há mais de três meses que António não lhe tocava e a desculpa era sempre a mesma: falta de tempo. Na verdade a qualidade do sexo feito com António era de alta performance, de tal forma que apagava a falta de quantidade.

Ela merecia que ele a amasse com tempo, e a pressa era inimiga da perfeição, esse era o argumento que António usava para não ter muito contacto físico com ela. Começava agora a pensar que aquele António que ela construía na sua cabeça não existia. Viu o que queria ver, acreditou no que queria acreditar. A realidade era bem diferente. Namorou sete anos com um homem que mantinha uma vida dupla e que a enganou.

Nesta altura, o que a irritava mais era ter feito papel de idiota, ingénua e parva. Não era uma mulher com muita experiência em relacionamentos, mas pensava saber distinguir quando um homem estava interessado nela, ou não. António era mestre na arte de camuflar sentimentos. A forma sublime como a tratava não lhe deixava margem para duvidar dele em nenhum aspecto, nem no sexo. Será que isso também era fingido?

O iphone deu sinal de e-mail recebido, mas Matilde ignorou-o. Continuou a dobrar roupa e a arrumar.

Tomou um delicioso banho de banheira com sais e espuma de banho, e vestiu-se de forma simples, com calça de ganga, camisa vermelha de seda e ténis brancos. Pegou na mochila que a acompanhava sempre em viagens e saiu para jantar. Quando regressasse ao quarto ia reservar o voo, e de manhã, sairia em direcção ao aeroporto.

Dirigiu-se à zona de Passeig Riuet, zona pedonal junto a um braço de mar que se junta ao rio, onde pequenas embarcações de pesca e recreio estão atracadas e uma enorme rua pedonal permite aos turistas usufruir dos mais variados restaurantes para uma refeição.

Escolheu um restaurante italiano, sentou-se numa mesa junto ao largo passeio pedestre e esperou que um empregado a atendesse, o que não demorou um segundo. Escolheu beringelas recheadas com carne e um suculento osso buco. A fome estava a começar a voltar e precisava de retemperar forças. Enquanto esperava pela refeição, observou o rio, o vaivém das pessoas e respirou o ar puro da ilha. Conseguiu sorrir perante a beleza do local.

A mágoa por vezes, já se esbatia dando-lhe espaço a momentos de tranquilidade.

Cerca de meia hora depois, a comida apareceu pelas mãos de um elegante jovem que a cumprimentou em inglês – ao qual ela respondeu em espanhol – e desejou-lhe uma boa refeição. Quando ia a pousar os olhos no prato para iniciar a degustação da beringela que tinha um aspecto delicioso, viu uma silhueta de homem, que lhe pareceu familiar e, rapidamente, voltou a olhar para se certificar que a mente não lhe estava a pregar partidas.

Não estava, a sua mente estava bem e os seus olhos viram muito bem: era Stef. Baixou os olhos para o prato a tentar passar despercebida e

rapidamente pôs os óculos escuros. Em vão. Em segundos ele estava junto a ela.

- Olá desconhecida. Que fazes aqui? Que coincidência! Estou a resolver uns negócios com uma imobiliária e quando entrei no restaurante nem quis acreditar que eras tu. Desculpa não ter dito mais nada mas fiquei sem o teu número de telefone, naquele dia.

Matilde ouviu tudo aquilo em silêncio e, quieta, mastigando a sua beringela, tentou não responder. Olhando para ele à luz do dia e sóbria, continuava a achá-lo um excelente espécime masculino a emanar testosterona por todos os poros, mas não era o seu tipo de homem. Tudo nele soava a falso.

Não o convidou a sentar-se de propósito. Tinha vergonha do que se passara na outra noite e não desejava que ele ficasse ali.

- Posso juntar-me a ti? – e sentou-se sem qualquer constrangimento.

Matilde parecia muda. Ele chamou o garçon, pediu uma pisa e estendeu a mão por cima da mesa e retirou-lhe os óculos escuros.

- Quero ver-te os olhos. Uns olhos tão bonitos não são para esconder.

- Podias pedir licença ao menos. - foi azeda na resposta.

- Estás zangada comigo? Não aconteceu nada que tu não quisesses. Saí de manhã e não te quis acordar.

Aquilo soou mal. Muito mal.

- A minha zanga é comigo. Não costumo ficar embriagada com dois copos de vinho. Porque foram dois copos de vinho que eu bebi – frisou -, afinal não estás de férias? – tentou que ele percebesse que ela não era tão desatenta como ele imaginava.

- Aproveito para tratar de negócios.

- Ah bom! - e voltou a mastigar a beringela, agora a saber-lhe a trapos velhos.

Stef começava a toldar-lhe o pensamento. Oh sujeito metedico e desagradável.

Stef vestia de forma casual, com polo branco que lhe acentuava o bronzeado da pele - em contraste com o cabelo louro - e calças de ganga; calçava mocassins azuis-escuros sem meias, de marca Gucci. Transportava uma mochila com um computador e papéis – Matilde espreitou quando ele a depositou ao lado da mesa – pareciam plantas de casas- portanto talvez fosse mesmo arquitecto, mas sentiu um sininho de alerta no seu consciente a dizer-lhe que se afastasse dele. Estava a duvidar da veracidade de tudo o

que ele dizia, e nem sabia porquê, como sempre acontecia, até descobrir da forma mais dolorosa possível.

O garçon trouxe a piza de Stef e, Matilde que estava quase a terminar a sua refeição faustosa, chamou o empregado, pagou a sua conta e levantou-se com a firme intenção de se afastar dele. Nem sequer era a vergonha que tinha do que se passara entre eles - ou que ela pensava que se tinha passado - algo nele a estava a afastar. Naquele dia na praia em Cala D'Or ficou com uma boa impressão, mas já tinha percebido que era uma má avaliadora do carácter masculino.

O à vontade com que ele a abordou, e se sentou na sua mesa, mesmo sem saber se ela esperava alguém, desagradou-lhe.

- Vou-me embora Stef. Encontramo-nos por aí. – e deu indicação de se ir embora.

- Espera, espera! Vamos sair um bocado, dançar...

- Não. – foi peremptória. – Vou partir amanhã cedo.

- Para onde?

- Lisboa. Adeus. – e voltou-lhe as costas sem sequer olhar para trás uma única vez.

Stef era um homem jovem, bonito e muito másculo, mas se naquele dia estivesse sóbria não se iria interessar por ele. Havia qualquer coisa de sinistro a rondá-lo, que, mais uma vez não sabia explicar, e que a fez fugir. Caminhou apressadamente em direcção ao hotel na esperança que ele não a seguisse. De súbito começou a ter receio do homem sem qualquer motivo aparente. Achou que estava a ficar paranóide. A desconfiança nos homens estava a assolá-la de uma forma avassaladora. Raios! Não lhe faltava acontecer mais nada na puta da vida.

Entrou no quarto fechou a porta e trancou-a por dentro. Tinha consciência que estava com a mania da perseguição mas preferia jogar pelo seguro. Ligou a televisão para lhe fazer um pouco de companhia – nestas duas semanas percebeu que não gostava de viajar sozinha – e ligou o seu Apple topo de gama. Na caixa de e-mail tinha cerca de uma dezena por abrir, mas um deles chamou-lhe a atenção: era a resposta ao anúncio de emprego. Abriu o ficheiro sabendo que encerrava ali o devaneio de trabalhar na ilha por uns tempos. Começou a ler.

Cara senhora Matilde Vidal fica desta forma informada que está seleccionada para a segunda fase do concurso que consiste numa entrevista pessoal com o professor Esteban, pelas dez horas da manhã de terça-feira dia 30 de Maio. Aguardo confirmação da sua presença.

*A secretária
Pilar Salcedo*

Matilde deu um salto na cama. Era amanhã. Não esperava passar para a segunda fase. Claro que deveriam estar lá mais umas tantas jovens para o mesmo efeito como no outro dia. Respondeu afirmativamente ao e-mail e, de seguida, telefonou à irmã a dizer que tinha mudado os seus planos. Não embarcava para Lisboa no dia a seguir. Reservou uma roupa mais sóbria, adequada à função e deixou-a nas costas da cadeira para vestir na manhã do dia seguinte. Assim que tomasse o pequeno-almoço partiria para o Castillo e, mesmo que não fosse seleccionada teria o prazer de estar mais um par de horas naquele paraíso à beira mar plantado, para além de ir conhecer um dos seus escritores favoritos.

**

Ao entrar na propriedade não conseguiu disfarçar a admiração pela beleza do local, sentia-se até um tanto ridícula pelo seu estado e só esperava que a governanta Eugénia não desse por isso. Mas a mulher era muito perspicaz.

- É um local lindo, não é? Todos que aqui vêm ficam deslumbrados. – e sorriu-lhe, enquanto a encaminhava para uma sala no interior da divisão, muito diferente daquela onde tinha estado no dia anterior.

Matilde não conseguiu deixar de reparar num quadro pintado a óleo, pendurado por cima de uma mesa antiga, junto à entrada do escritório que Eugénia lhe abriu. Os olhos castanhos-escuros e o cabelo negro a cair-lhe em cachos pelos ombros dava-lhe um aspecto familiar. A pele clara e um sorriso doce estampado no rosto deu a Matilde uma sensação de déjà vu que a arrepiou. Parecia uma fotografia sua.

- É um quadro da falecida esposa do professor. Krysten Vega era uma mulher deslumbrante. – e quando terminou a frase, olhou para Matilde de uma forma que a deixou desconfortável. Parecia estar a avaliá-la.

- Não era?- questionou-a mas esperando uma resposta afirmativa, não deixando dúvidas que não permitia outra opinião.

Matilde assentiu e engoliu em seco. Parecia-lhe ter-se visto a si própria retratada naquela tela e, a última coisa que lhe passava pela mente era contrariar Eugénia que parecia ter sido muito afeiçoada à falecida actriz.

- Este é o escritório do professor, espere aqui que ele já vem falar consigo. Está a tomar o pequeno-almoço com o filho antes de ele ir para a escola.

Eugénia saiu deixando a porta aberta e Matilde soube finalmente quem era a criança que vira a correr pela casa naquele dia. Era órfão de mãe. Tirou rapidamente a elação do porquê de Esteban ser avesso a entrevistas, prémios, e porque não publicava há muito tempo. Deveria estar a fazer o luto da esposa e a cuidar do filho pequeno.

A divisão era ampla e com uma decoração que misturava o moderno com o antigo. As largas portas de vidro que davam para o jardim interior e que deixavam ver o mar a algumas centenas de metros, permitiam a entrada de uma luz tão intensa que emprestava vida ao espaço.

Aquele devia ser um lugar de felicidade, e de paz, mas, parecia uma casa fantasma onde habitavam espíritos suspensos no limbo, a avaliar pelo ambiente pesado que sentia hoje. Algo não estava bem naquele Castillo, como lhe chamavam. Se não tivesse visto a criança naquele dia, ia jurar que era uma casa abandonada. Deslumbrante mas abandonada e, de Castillo, apenas tinha aquela torre com um telhado de quatro águas, com aspecto antigo. A casa devia ser enorme.

Matilde sentou-se numa cadeira perto da vidraça e ficou a observar o mar lá em baixo, azul-turquesa, a convidar a um mergulho.

Devia ter passado algum tempo, e perdeu-se completamente nos seus pensamentos que ainda iam parar à sua relação com o ex-noivo. Já questionava o seu amor por António. Talvez se tivesse apaixonado por aquilo que ele representava, mas, com a distância que o tempo permite e quando analisa pequenos acontecimentos do dia-a-dia – dos poucos que passavam juntos - conseguiu perceber pequenos toques de falsidade nos sentimentos que ele dizia ter por ela. O que restava dessa relação era o seu desencanto com os homens. Aos trinta e três anos não pensava que se deixaria enganar por um homem que o traia com outros homens.

-Boa tarde. - disse uma voz grave, mas com uma entoação agradável ao ouvido e que lhe parecia conhecida.

Matilde voltou-se rapidamente na cadeira, quase caindo e, quando viu o homem na sua frente a uns metros de distância, franziu o cenho. Conhecia-o de algum lado.

- Vejo que não perdeu o jeito. - ironizou enquanto se dirigia a ela com a mão estendida para a cumprimentar com um largo sorriso estampado no rosto.

- Desculpe, não estou a entender. - e deixou que ele apanhasse a sua mão meio estendida e a pressionasse quase como um afago. A sua mente estava a pregar-lhe partidas, outra vez. Mas aquele era...claro! O homem a quem ela entornou o copo de vinho em cima e que se chamava Carlos. Devia haver algum equívoco.

- Mas o senhor é? Que está a fazer aqui?

O homem deu uma gargalhada.

- Esteban De La Vega. - disse com um sorriso nos lábios carnudos.

- E você é a Matilde, aquela jovem mulher que encontrei em Palma, e me entornou um copo de vinho em cima das calças, recorda-se?

- Sim, mas disse-me que se chamava Carlos. Enganou-me.

- Pois disse. Desculpe, mas como vi que não me reconheceu, graças a Deus, não achei que houvesse necessidade de falar de mim, até porque percebi que não estava muito bem naquele dia, não é verdade?

- Tem razão, mas...- ia a dizer-lhe que talvez não fosse a pessoa que ele procurava para o trabalho, mas ele não a deixou continuar.

- Venha.- e pegou-lhe na mão como se fosse a coisa mais natural do mundo. Abriu a porta envidraçada e levou-a para o jardim das traseiras da

casa sem lhe largar a mão.

Matilde sentiu-se de novo como se tivesse menos de trinta anos quando um jovem bonito de aproximava dela: aquela impressão mistura de fascínio e desejo. Não queria, mas estava ciente do magnetismo que ele emanava, já em Palma, ficou com essa sensação.

O homem não lhe deixava espaço para sequer pensar com clareza e, tinha acabado de terminar um noivado e um casamento há menos de um mês, não queria sentir nada por nenhum homem e muito menos ser cortejada. Mas, no entanto deixou-se levar quando ele a arrastou para um recanto longe da casa principal – um retiro muito bem estruturado que convidava à intimidade -, onde existia um pequeno poço com uma tampa de madeira forte, com um arco de ferro que em tempos serviu para puxar os baldes de água, e uma mesa de jardim posta com chá, biscoitos, e compotas de vários frutos para barrar torradas, que deitavam um cheiro delicioso. Em frente ao poço um portão de ferro verde, encastrado num muro de pedra alto, coberto de hera e buganvílias floridas, mostrava o caminho para a praia lá em baixo, através das suas grades trabalhadas em ferro forjado.

Esteban convidou-a a sentar-se e serviu-lhe um chá e uma torrada que parecia acabada de fazer, embora não visse nenhuma empregada por perto. Aceitou, mas na sua mente fervilhavam mil perguntas que queria ver respondidas e que não tinham a ver com comida. Observou-o mas não lhe parecia o homem que tinha encontrado em Palma há algumas semanas e que fora tão descontraído perante a sua acção desastrosa. Havia sombras nos seus olhos, ou poderia ser apenas um reflexo das suas próprias sombras.

- Depois de tomar um pequeno-almoço espanhol vamos conversar sobre o propósito de estar aqui, se isso já responde a algumas das suas perguntas.

Além de tudo, ainda parecia ler mentes. Ora que diabo! Onde raio estaria metida? Anuiu com um movimento de cabeça e deixou as perguntas para depois continuando a mastigar a torrada com a deliciosa compota de pêssago.

ESTEBAN E KRYSTEN

Era Agosto. Esteban estava em Nova Iorque para o lançamento do seu quinto livro. A fama de jovem promessa no campo da literatura espanhola precedia-o. O seu género de escrita simples no discurso mas profundo nas emoções, misturando romance, intriga e crimes, granjeara-lhe a adaptação do romance - “ O vizinho do Norte”, um triller bem recheado de intriga, crime e romance - ao cinema, quando ganhou o prémio de melhor autor estrangeiro nos Estados Unidos.

Esteban era um jovem doutorado em literatura e leccionava na universidade das Baleares, sendo já nessa época um dos professores mais respeitado pelos seus pares e alunos. Dono de uma figura masculina interessante, e meiga ao mesmo tempo, a sua presença não passava despercebida, onde quer que se encontrasse. Desde jovem fora assediado pelo sexo oposto, fazendo com que a mãe dissesse muitas vezes que ele tinha herdado a figura do pai e os genes de galã do avô materno, sempre que alguma rapariga se aproximava dele e demorava em convencer-se que não iria conseguir mais nada que uma amizade, como fora o caso de Irene Terrazas de quem Esteban se tornara muito amigo, e de Pilar Salcedo que se tornou a sua secretária, depois de serem amigos. Esteban detestava esta brincadeira da mãe. Era um dos melhores partidos da ilha de Maiorca e de Madrid, já que provinha de uma família secular, com brasão, com propriedades rurais na zona de Madrid e em Maiorca e, detentor do título de Conde herdado da família o qual fazia questão de não usar e até esconder o facto. A vaidade e ostentação não faziam parte da sua forma de ser, ao contrário do que lhe inculcava a mãe, durante toda a infância e adolescência.

Como primogénito os pais esperavam dele que continuasse com os negócios da família e a administração dos muitos hectares de pomares e da fábrica de conservas de pêssegos que a família possuía há décadas, depois de ter deixado o negócio da criação de touros bravos. Mas Esteban era um apaixonado por livros e desportos aquáticos e, cedo canalizou a sua

energia para esse campo, deixando ao irmão do meio – que adorava o campo e tudo o que lhe dissesse respeito – essa tarefa.

A livraria estava repleta de pessoas e todas queriam um autógrafo. Não parava de escrever e fazer dedicatórias e, quando ela se sentou na sua frente o mundo parou à sua volta. Krysten era a atriz que ia desempenhar o papel feminino principal no filme e, tal como ele, era uma jovem promessa. No caso dela na indústria do cinema. De estatura média – nem demasiado alta, nem demasiado baixa passar despercebida – possuía uma figura que deixava qualquer homem boquiaberto durante um bom pedaço de tempo.

Para Esteban foi amor à primeira vista e, aos trinta e cinco anos, depois do séquito de namoradas que teve, estava ainda solteiro e pensava mesmo que dificilmente iria encontrar alguma que o fizesse subir ao altar. Estava habituado à frivolidade das mulheres com quem se envolvia, sempre na esperança que fossem diferentes e, ultimamente atribuía esse «azar» aos meios onde circulava desde que começara a estar na ribalta do mundo da escrita.

- Para quem é a dedicatória? - perguntou Esteban olhando para ela quase com devoção. Parecia uma deusa.

-Para mim. Se conseguir escrever algo que me defina, mesmo sem me conhecer.

Viu o desafio espelhado no olhar dela. E porque não? Ela era tão linda.

Esteban escreveu «Esplendor, Beleza e Alegria, num rosto de Deusa que me surgiu como se descesse directamente do Olimpo, para a Krysten do Esteban.»

Krysten deu uma pequena gargalhada, que não escapou aos circunstantes e, essa imagem foi captada pelas câmaras de televisão. Foi a melhor publicidade ao filme e ao livro, que, a partir daí vendeu mais de cinco milhões de exemplares pelo mundo, depois de ser traduzido em trinta línguas.

Krysten e Esteban passaram a ser vistos juntos com frequência e as pontes aéreas entre Madrid e Nova Iorque tornaram-se frequentes, com a desculpa de acompanhar o desenrolar das filmagens. Várias vezes se declarou a Krysten mas ela fazia-se de desentendida. Era o seu primeiro papel principal num filme e estava quase garantido que ia ser um êxito, o que granjearia mais convites para outros papéis de destaque. Estava

cansada de fazer de figurante e dizer três frases ao longo de duas cenas. Gostava de Esteban e estar na companhia dele era um bálsamo para a alma depois de um dia inteiro de filmagens. Dava por si a fazer fantasias com ele, mas algumas vezes pensava que não conseguia viver como ele vivia: escondido do mundo e solitário.

Esteban estava a recuperar a propriedade da família paterna em Maiorca. Uma casa com cento e cinquenta anos, que continha toda a história da família do pai e, pela qual se perdera de amores. Era ali que idealizava criar uma família e não a imaginava sem Krysten. Os seus imensos jardins, recuperados por um arquitecto paisagista era um deleite para os sentidos. Buganvílias, jasmims, aloendros e arbustos aromáticos, foram plantados de propósito para proporcionar bem-estar a quem se sentasse a observar o mar e a montanha. Em seis meses a casa estaria pronta e Esteban manifestava a intenção de se mudar definitivamente para lá, fazendo insinuações veladas sobre o assunto, um convite a Krysten para ser a rainha desse lugar. Chegou a dizer-lhe que estava cansado de fazer a viagem semanal entre Madrid, e Maiorca para se deslocar à universidade onde dava aulas e simultaneamente terminava o doutoramento. Krysten parecia não entender e Esteban estava cada vez mais impaciente.

O filme estreou e, como esperado, de um dia para o outro Krysten viu-se na ribalta, mencionada nos tablóides de jornais, revistas, e com entrevistas nas cadeias de televisão. Toda aquela exposição começou a ser demasiado para ela. Krysten era bonita, transbordava alegria, mas tinha um ego frágil e, ao fim de seis meses de estreia do filme, ainda não tinha recebido nenhum convite para novo trabalho. A sua conta bancária aumentou em vários dígitos, o único benefício de tantos meses de trabalho árduo. Nada era como lhe prometeram e foi-lhe recusado o papel principal para um filme épico, depois de ter feito o casting. Krysten esmoreceu o ânimo dia a dia. A tristeza começou a assolá-la a maior parte do tempo e apoiou-se em Esteban, apaixonadíssimo por ela, desde o dia em que lhe deu o autógrafo na sessão de apresentação do livro em Nova Iorque.

Com muita persuasão, cuidadoso, convenceu-a a passar uns dias com ele na propriedade em Maiorca, Castillo Vega, nome que o bisavô lhe tinha dado pela torre amuralhada com que o tinha mandado construir. O Castillo estava pronto a habitar. Eugénia a governanta, Emília uma empregada externa, um jardineiro e uma cozinheira que só permanecia na casa quando era necessário, cuidavam de tudo aquilo com esmero.

Costumava levar os pais, o irmão e a cunhada e os dois sobrinhos. Gostava do sentido de família e de ver a casa cheia. O pai admirava o restauro que o filho tinha feito na casa onde passara parte da sua infância e regozijava-se com as estadias pela propriedade. A mãe detestava a casa e só ia mesmo para não aborrecer o filho e o marido, e o irmão e a cunhada, tinham uma certa inveja da propriedade ter ficado em testamento para Esteban e, a irmã mais nova vivia em Barcelona e raramente ia a Maiorca. O avô sabia do amor daquele neto por aquela casa a precisar de obras urgentes mas que ele já não tinha coragem de iniciar. A distância da família, a viverem espalhados por Espanha, contribuiu para a degradação da propriedade, mas agora parecia um paraíso. O paraíso de Esteban, do qual se orgulhava.

Foi nesse paraíso, recentemente restaurado, que Krysten Jeffers, a estrela americana cujo brilho se dissipara como a muitas dezenas de jovens candidatas a estrelas do cinema, se veio restabelecer de uma depressão. Esteban apapricava-a com mimos e fazia-lhe todas as vontades. Krysten veio a revelar-se numa mulher caprichosa e, aos poucos convenceu-se que a sua consagração ainda estava para chegar e optou por ficar com o melhor que a vida lhe estava a oferecer naquele momento – o amor - e deixou-se conquistar por Esteban.

Passavam os tempos livres de Esteban a fazer amor pela enorme propriedade e a fogosidade que Krysten apresentava na cama, sem tabus e numa entrega total, deixaram Esteban louco de paixão. Sem propostas de novos papéis no cinema, mas sempre tentando obter algum, fazia viagens frequentes a Nova Iorque para convencer algum agente a tentar arranjar-lhe um papel num filme. Krysten queria ser conhecida mundialmente, alcançar a fama e brilhar na tela gigante. Esteban pediu-a em casamento antes que ela lhe fugisse. Muitas vezes deu com ela com o olhar no infinito. Sinal que sonhava com algo, já a conhecia o suficiente para adivinhar o que ia na sua mente. Quando comunicou à família a intenção de casar com Krysten a notícia não foi bem recebida, mas ninguém se imiscuiu ao ponto de fazerem comentários menos próprios sobre ela. Esteban percebeu – e Krysten também- que os pais preferiam que ele tivesse casado com uma mulher da sua condição social.

Depois da lua-de-mel a morada do casal passou a ser o Castillo. Krysten aborrecia-se de morte, mas não tinha coragem de o dizer a Esteban, e Esteban começou um período de muita produção literária.

Escrevia duas a três horas por dia, dava aulas na universidade e, sempre que estava livre aproveitava para estar com ela. Adorava-a e disso ninguém duvidava, nem ela.

Passados quatro meses Krysten estava grávida e esse foi o dia mais feliz da vida de Esteban. Reuniu amigos e família e deu uma enorme festa para anunciar que ia ser pai. Ao princípio ela não reagiu muito bem ao seu novo estado, mas em pouco tempo passou a amar aquele ser que crescia dentro de si e dedicou-se a viver a gravidez por inteiro, esquecendo mesmo o sonho de continuar com a carreira de atriz.

Quem conheceu aquela Krysten que tinha apenas devaneios na cabeça, não a reconhecia agora no papel de mãe extremosa de um filho que estava quase a nascer.

O pequeno Juan nasceu e, durante quatro anos formaram uma família feliz como tantas outras que existem pelo mundo. Os livros de Esteban continuavam a ter sucesso mas a adaptação ao cinema tinha caído no esquecimento e com ele a atriz que o tinha protagonizado. Krysten não se importava. Trocara o nome de Jeffers, por Veja, e tinha o maior orgulho no marido e no filho, a quem amava verdadeiramente.

Mal terminara de mastigar a última dentada de pão torrado na chapa e untado com azeite e alho – um acepipe espanhol – acompanhado de um café simples e forte, e estava disposta a esclarecer o que considerava um mal-entendido.

- Senhor Esteban...- disse com voz firme e nariz empinado.

-Esteban, por favor, não quero formalidades com uma pessoa que vai trabalhar comigo. - esclareceu com um sorriso aberto.

- Seja Esteban, então. Não entendo porque me escolheu, creio não ter as competências que necessita para o que pretende, apesar de a minha formação académica ser a que menciona no anúncio, tenho pouca experiência como deve ter percebido pela análise do meu curriculum. Concorrer a este lugar foi apenas um devaneio da minha parte, nunca esperei ser seleccionada para uma primeira entrevista e muito menos para uma segunda. – disse com uma expressão grave no rosto.

Esteban ouviu tudo o que ela disse de uma forma paciente e sem qualquer expressão de contrariedade na face, deixou-a terminar, cruzou as pernas e encostou-se à cadeira e, com um sorriso nos lábios olhou para ela.

- Porque é que aceitou este emprego muito abaixo das suas competências? Ou melhor, vou reformular a pergunta, porque é que quer ficar na ilha quando me parece que está cá apenas de férias?

Matilde retorceu as mãos, mas não desarmou. Não era mulher de lamúrias e ia responder sem no entanto ter a intenção de revelar muito da sua vida privada. Afastou as melenas de cabelo do olhos, colocando-as atrás da orelha – o que fez Esteban recordar Krysten, que também tinha esse gesto – e disse.

- Na verdade, não tenho pressa de voltar para casa e gostava até de me manter afastada durante uns tempos, mas entendo que queira alguém com mais experiência. Afinal um escritor como você, não deve meter os seus textos nas mãos de qualquer pessoa.

Preparou-se para ser dispensada. Imaginou que ele tivesse reconhecido a fotografia do curriculum e tivesse curiosidade sobre a mulher que lhe sujara as calças com um copo de vinho e ainda tivera que salvar de um ataque de nervos em plena Plaza Mayor.

- Sabe Matilde, na verdade eu não quero que me faça a revisão dos meus textos, há anos que não publico nada, desde que...

Não terminou a frase. A emoção estranha que passou de forma tão rápida pelo seu semblante, depressa se desvaneceu e o sorriso voltou.

- O seu trabalho consiste em catalogar todos os papéis que a família reuniu ao longo quase de dois séculos nesta casa. Temos um sótão, ou melhor uma torre, com dezenas de caixas com documentos que nem sei o que são. Alguém tem que fazer uma selecção e arquivar o que faz parte da história da minha família e deitar o resto no lixo. Sinceramente não queria que fosse a Pilar, a minha secretária, a fazer essa tarefa. Aliás a Pilar vai ficar de férias durante pelo menos três meses, porque há vários anos que não a convenço a sair daqui.

Começava a entender o que ele pretendia dela e também a azedume da secretária. Esteban queria alguém que não fosse próximo da família e que pudesse guardar algum acontecimento menos agradável consigo. Em papéis com mais de cem anos, sabe-se lá o que se vai encontrar.

- Muito bem, já percebi. Afinal quer que eu faça esse trabalho porque estou habituada a lidar com antiguidades. – disse com humor.

Esteban riu-se e serviu-lhe mais café, que a ia deixar acordada pelo menos três semanas se o bebesse.

Fez um gesto com a mão no sentido de recusar o café.

- Agradeço, mas, quero dormir de noite, e o vosso café é muito forte.

- Desculpe, como estou habituado a beber muito café...

E não concluiu a frase. Retirou a chávena da frente dela e olhou-a profundamente, como se lhe quisesse perscrutar a alma.

O olhar dele era um mar de emoções que ela tinha dificuldade em entender, só sabia que não lhe era indiferente.

- Quando é que pode começar?- perguntou ele. - Quero mostrar-lhe a casa e as instalações onde vai ficar.

-Ficar!- exclamou surpresa. -Mas ficar onde?

Esteban percebeu o nervosismo de Matilde e mais uma vez teve a certeza que algo de grave lhe tinha sucedido. Parecia uma gazela assustada com medo de ser caçada a qualquer momento por um leão feroz.

Matilde teve noção que não estava a reagir como uma mulher adulta, e que ainda estava muito perturbada pelos acontecimentos do último mês, e dos últimos dias, sobretudo com o que se passou com o alemão.

Matilde sorriu para aliviar o seu gesto repentino de medo.

Esteban sorriu-lhe e afagou-lhe o braço numa familiaridade que ela não esperava e disse-lhe.

- Não é obrigada a ficar aqui se essa for a sua vontade, mas tenho um anexo na propriedade onde pode permanecer se quiser, se concordar em trabalhar comigo até concluir a catalogação dos documentos dos meus antepassados. São cerca de cento e cinquenta anos de documentos que já teriam ido parar ao lixo se não fosse eu. Começo a entender que provenho de uma família de seres muito obsessivos. - disse com bom humor. - Guardavam tudo. Temo que vá encontrar muito lixo.

- Não faz mal, decerto vou aprender muito com esses documentos, gosto de história e descobrir coisas sobre as pessoas, e hoje percebo que fui para literatura por ser a forma de perceber os outros, pode soar estranho, mas foi por isso, adoro livros e histórias de vida.

Matilde nem percebia porque se estava a explicar mas ele emanava uma segurança e uma calma que a fazia ter confiança nele ao ponto de revelar os seus pensamentos. Essa sensação já ela experimentara há mais de sete anos com António e deu no que deu, por isso o melhor era ficar alerta.

Por momentos o tempo parecia não ter passado. Esteban retrocedeu quatro anos. Krysten ainda ali estava. Parecia hipnotizado por ela.

- Sente-se bem?

Esteban despertou do transe momentâneo e sorriu-lhe.

Era apenas uma sensação, uma partida da sua mente, pregada pelas semelhanças entre elas. Contratou-a porque a reconheceu na foto e contra tudo o que Pilar queria, afirmou que a escolha recaia sobre ela. Pilar gritou-lhe mais uma vez e afirmou que ele ainda não a tinha enterrado. Krysten estava viva na sua mente e só contratava aquela mulher porque era uma cópia da falecida.

Esteban não aturava mais as desconsiderações de Pilar. Sabia o que ela queria dele e já firmara a sua posição. Trabalhar com ela tornou-se insuportável. Pilar seguia-o pelo telefone, por email, vasculhava todas as suas coisas e fazia questão de aparecer em todos os eventos públicos onde ele estava, mesmo sem ser convidada. Quase não era dono da sua vida.

Mandá-la de férias por tempo indeterminado e contratar alguém para o lugar dela era apenas um pretexto para recuperar a sua vida de volta. A sua liberdade.

A curiosidade sobre Matilde Vidal, crescia desde que fez uma selecção das candidaturas. Pilar ficou furiosa, mas Esteban não lhe permitiu ser ela a escolher a candidata. Quando viu a foto dela levou um choque. Era ela. Era a mulher que conhecera em Palma.

Porque é que uma mulher que nem é espanhola, a viver em Londres e a trabalhar em antiguidades queria trabalhar numa ilha espanhola isolada no meio do mar? Não queria imiscuir-se na vida dela, mas sabia que fugia de alguém. Talvez de um homem.

- Estou bem. Venha, vou mostrar-lhe os seus aposentos e o trabalho que espero de si.

E desta vez não lhe pegou na mão como ela receava que o fizesse, mas não deixou de sentir um certo desapontamento.

Ele tinha umas mãos tão suaves e ternas que não era sacrifício nenhum estar entre elas.

Deixa de ser maluca Matilde. Mal acabaste um noivado, e já estás a olhar para outro homem!

Matilde seguiu-o pelo caminho de lajes, enterradas no extenso relvado que se estende por toda a área das traseiras da casa até ao anexo que ele tinha referido, como sendo a sua residência. Ficou surpreendida, mais parecia uma vivenda normal, do que um anexo para hóspedes.

- Em tempos esta casa servia para as acomodações dos criados. Recuperei-a alterando parte da fachada, e hoje é onde ficam os meus convidados. - esclareceu. - Não diga a ninguém mas também me refúgio aqui muitas vezes para escrever. Esta casa inspira-me.

Matilde olhou-o e sorriu. Começava a gostar de encontrar aqueles olhos ternos, castanhos e profundos que carregavam coisas que lhe despertavam a curiosidade, sobretudo serenavam-na, o que não era nada bom para um coração destroçado.

Matilde estava extasiada com a casa.

Esteban pegou-lhe delicadamente pelo cotovelo e, com o braço por detrás das costas dela conduziu-a de novo pelo caminho de pedras. Ela estava apenas fascinada pela paisagem circundante à casa e Esteban percebeu. A norte a serra que servia de abrigo à casa tornando-a muito quente no verão, e a sul o mar azul-turquesa, lindo e calmante.

Estava no paraíso.

- Quem aqui vem apaixonar-se pela casa. –disse ele.

Ela anuiu com a cabeça e sorriu. Já tinha sorrido mais nesta última hora dos que nas semanas anteriores.

Esteban abriu a porta e indicou-lhe que entrasse.

- A casa é composta de dois quartos; um para adultos, que vai ser o seu, e outro equipado com beliches para as crianças, quartos de banho privativos e uma sala com lareira, virada para o mar. mostrou-lhe. - E um enorme alpendre onde pode descansar ao fim do dia e apreciar o pôr-do-sol, para além de um escritório virado para o jardim, a sul. - explicava-lhe enquanto lhe mostrava as divisões da casa.

Matilde tinha a certeza que aquele era o refúgio perfeito nesta altura. Mostrou-lhe finalmente a cozinha larga e equipada com máquinas modernas.

- Mas não precisa cozinhar, vai tomar as refeições connosco na casa principal, faço questão. - disse com firmeza, mas com um olhar doce e protector.

Demasiado doce e demasiado protector para o seu estado debilitado.

A coisa mais parva que lhe podia acontecer agora era sentir-se protegida por um homem que mal conhecia.

- Aceito. De facto não sou grande cozinheira...

- Já somos dois, gosto mais de comer.

- Esteban, aluguei um carro que tenho que entregar hoje no aeroporto, de facto pensava que ia partir hoje para Lisboa e ...- ele não a deixou terminar a frase.

- Vou consigo entregá-lo e trago o meu filho da escola na volta.

Olhou para ela perscrutando-lhe o olhar para ver qual a sua reacção ao saber que ele tinha um filho.

- Creio que já o vi a fugir da governanta no primeiro dia que cá vim à entrevista. É uma criança muito viva.

- Felizmente. Tive algum receio que a morte da mãe o afetasse mais.
- e rapidamente, Esteban ficou com o semblante carregado.

Matilde não fez perguntas, não queria imiscuir-se na vida dele, embora tivesse curiosidade acerca daquela mulher que parecia sua sócia e que todos já tinham notado essa semelhança.

Emília, a empregada, levou-lhe a mala para o anexo guardou-lhe as roupas nos móveis. Deixou-lhe a cozinha recheada com leite, café, queijos

e pão e uma cesta com fruta, e pôs um enorme ramo de peónias frescas na jarra em cima da mesa de apoio junto à lareira. Seria coincidência? Adorava peónias.

Esteban seguiu-a no seu BMW X6 até ao rent a car nas imediações do aeroporto onde ela entregou o carro alugado e trouxe-a de volta. O silêncio entre os dois imperou na maior parte do tempo. Matilde sabia que ele tinha noção da parecença com a falecida esposa, e ele também tinha noção que ela já percebera. Há pouco mais de duas horas, ao passarem pelo quadro de Krysten os dois olharam em simultâneo para o quadro, e um para o outro, mas nenhum teve coragem de fazer alusão ao facto.

Na volta do rent a car foram a Porto Cristo buscar o pequeno Juan à escola e a tagarelice da criança que durante o percurso contou os acontecimentos do dia, desnuiu o ambiente e até se riram quando ele contou alguns episódios da sala de aula com um menina que queria namorar com ele.

“ Não quero namorar com ela, pai. Beijar na boca é um nojo!”

Matilde e Esteban não contiveram uma gargalhada e o que restou do curto percurso entre a escola e o Castillo, foi dedicado a responder a dúvidas do pequeno Juan sobre as relações amorosas. Não poderia existir assunto mais oportuno para falar naquele momento. Os dois riam com a facilidade com que o menino colocava questões embaraçosas, mas o facto só os fazia olharem mais um para o outro. Estavam tão bem os três que pareciam uma família completa e feliz. Matilde nem queria acreditar na ironia da vida.

Matilde estava espantada com a desenvoltura com que ele respondia ao filho, sem no entanto revelar mais do que ele podia compreender. Mas ficou ainda mais surpreendida com o à vontade do menino com ela, uma perfeita estranha. No momento em que Esteban os apresentou, sentiu-se adoptada pela criança.

**

Eram cerca de cinco horas da tarde, e Matilde precisava fazer alguns telefonemas para esclarecer a família, e amigos mais próximos, sobre as suas decisões. Antevendo que Esteban queria ficar a sós com o filho, adiantou-se.

- Vou tratar de alguns assuntos pessoais e quando quiser estou à sua disposição para me explicar o meu trabalho.

Ele sorriu e disse que dali a uma hora a chamaria pelo telefone interno.

Esteban ficou deliciado com a sensibilidade dela em relação ao filho dele. Ela gostava de crianças. Mais um ponto a favor dela.

Na hora seguinte, Matilde telefonou para casa, ouviu os lamentos da mãe sobre o desfecho do seu casamento com o “homem perfeito” e deu umas boas gargalhadas com Marta sobre as últimas aventuras das duas, não achando metade da graça ao episódio com o alemão que Marta achou. Mas Marta era assim. Aventureira como só ela e não perdia um homem que lhe desse atenção. A bem da verdade tinha que ser justa com a amiga. Além de talentosa era uma mulher linda. Marta era alta, escultural mesmo, rosto oval, lábios cheios e olhos castanhos-claros e cabelo longo castanho claro que ela prendia de forma displicente com um gancho chinês ao alto da cabeça, o que lhe dava um ar de rainha desmazelada, mas que os homens adoravam. Marta emanava charme e sedução por todos os poros, ao contrário de Matilde que era um mistério para os homens pelo recato e simplicidade. Podia ser uma mulher exuberante, mas escolhera ser uma mulher que passasse despercebida. Quando falavam sobre a forma de ser de cada uma, da forma como se viam e como pensavam que os outros as viam, Matilde achava sempre que Marta tinha alguma inveja dela embora nunca o demonstrasse. Olhou para o relógio do iphone e já passara uma hora. Nem de propósito o telefone tocou e Eugénia informou-a que o professor Esteban a esperava no escritório. Percebeu que os empregados tratavam o patrão com muita deferência e por professor. Sem mais demora dirigiu-se para a casa principal apreciando mais uma vez a paisagem circundante, por mais que olhasse, não se cansava da mistura de flores silvestres, mata natural e loendros, buganvílias de várias cores, arbustos aromáticos, tudo rodeado pela serra, pelo mar e por um pequeno vale com vinha plantada. Mais a oeste alguns socalcos com amendoeiras e figueiras plantadas num solo pedregoso, idêntico ao do Algarve, completavam a paisagem.

Entrou na casa principal pelo corredor das traseiras e, ao passar pelo quadro de Krysten, olhou com mais atenção verificando que a semelhança era mesmo real.

Bateu à porta do escritório que estava meio aberta.

O sótão do Castillo Losa era afinal a larga torre quadrada com duas divisões. Uma sala que servia de arquivo e um terraço aberto. Tudo coberto por um telhado com vigas de madeira e telhas de barro, e que no seu interior continha algumas dezenas de caixas de arquivo com documentos que remontavam a dois séculos atrás.

Esteban explicava-lhe, á medida que ela se ambientava ao espaço, que queria tudo catalogado e, saber se alguns desses documentos tinham interesse para a história da família.

- O meu pai contava que algumas dessas caixas eram do meu tetravô, portanto têm mesmo muitos anos, mas também suspeito que algumas delas são só lixo. Quero dar um rumo a esta tralha. A Matilde sabe bem o que há-de fazer, uma vez que estava habituada a lidar com antiguidades.

E olhou para ela com aquele ar que ela já lhe vira algumas vezes: um misto de curiosidade e adoração, que não a deixavam nada confortável, e lhe dava arrepios.

Ele estava a confundi-la com a falecida esposa, não tinha qualquer dúvida.

- De qualquer forma vou catalogar tudo e depois mostro-lhe o que encontrei, para que possa decidir o destino a dar aos papéis.

- Agradeço. Nem imagina o favor que me faz. Há anos que brigo com a minha secretária que queria ver tudo queimado.

Por cima da janela da torre avistava-se o mar e Matilde aproximou-se para apreciar a paisagem, afastando-se um pouco dele.

- Tem uma escada escavada na pedra até ao mar. A praia é nossa. Quando quiser é só descer até lá e está numa praia privativa-. disse ele tão colado às costas dela, que Matilde sentiu-lhe o hálito no pescoço e o perfume a inundar-lhe as narinas.

Esteban era um homem interessante, tal como António, apesar de não ser tão vaidoso. Com a distância de um mês conseguia analisar o

comportamento de António de forma mais racional e percebeu o quanto ele era dissimulado e misterioso. Como é que não entendera isso antes?

Matilde afastou-se da janela, para se distanciar dele novamente e sorriu. Mas, apesar do sorriso, ele já lhe conhecia a cambiância de humor, ainda que fosse muito ténue. Esteban era um homem muito atento e cuidadoso com as pessoas. Tinha a sensibilidade de um escritor: observador atento e sensível.

- Está tudo bem consigo? Há alguma coisa em que possa ajudá-la? Desculpe a intromissão, mas desde que a conheci em Palma, fiquei com a sensação que estava a fugir de alguém.

- Não lhe vou mentir, estava sim, mas não quero falar nisso agora. Desculpe.

- Não tem que pedir desculpa. Eu é que fui intrusivo.

- Não foi não, são dificuldades minhas.

Ele encolheu os ombros como se estivesse a desculpar-se.

O que é que lhe iria dizer? Que o noivo tinha um companheiro e que a tinha enganado todos estes anos? A situação era tão inusitada que a fazia sentir um bicho raro. Tinha vergonha de falar num assunto que considerava ofensivo para ela enquanto mulher. Não tinha vergonha de António, tinha vergonha de não ter percebido antes, mas, sobretudo, estava muito zangada com ele por ser tão cobarde.

Não conseguia perdoar a António pelo facto de querer manter uma aparência social e não querer abrir o jogo com ela, pelo facto de ter medo de viver em pleno e esconder uma situação que fazia parte dele e da sua felicidade.

- Vou só fazer-lhe uma pergunta, é quase um cliché, mas tem a ver com um homem, não tem?

Matilde assentiu com a cabeça e considerou que não iria falar mais sobre isso. Ainda lhe doía muito. Sete anos de mentira. Uma vida de mentira.

Tentou mudar o assunto antes que ele perguntasse mais.

- Começo amanhã de manhã?

- Claro. Mas não tem que trabalhar exaustivamente. Pode usar um dos carros que está na garagem e sair quando quiser. Não é prisioneira aqui.- e sorriu-lhe olhando-a na profundidade dos seus olhos como se lhe quisesse adivinhar a alma. – Acho que em termos de trabalho facilita ficar cá, mas

se não quisesse, ou mudar de ideias, é livre de ir quando quisesse, o contrato não vai incluir esse aspecto.

- Claro. – limitou-se a dizer.

Matilde pensou que o cativo ali, a seu lado, não deveria ser terrífico, mas sim um prazer.

Esteban tinha um sorriso cativante, quase único, que a fazia sentir acolhida ao mesmo tempo que o seu grilo falante lhe dizia para fugir dele. Matilde desviou o olhar, não por lhe ser desagradável, mas porque não estava preparada para se deixar encantar por mais nenhum homem. Mas reconhecia que o professor Esteban era um homem muito interessante. A esposa devia ter sido muito feliz com ele. Esteban não era propriamente bonito – como António - mas tinha uma figura que atraía. Alto e de cabelo grisalho tinha uma figura imponente, faziam-no parecer o actor Richard Gere, numa versão mais nova. Devia ser um homem muito cobiçado ainda hoje.

- E agora vamos jantar os três. Juanito janta connosco.

- Obrigado por me incluir nas refeições da sua família, não esperava isso.

- As pessoas que colaboram comigo sempre se sentaram na minha mesa. Pilar, se estivesse aqui jantava connosco. Mas parece que está com problemas familiares e dei-lhe férias durante algum tempo. - disse enquanto desciam as escadas da torre para se dirigirem à sala de jantar luxuosamente decorada com obras de arte – de artistas contemporâneos –, mobília rustica mexicana, tapetes turcos, numa mistura de culturas que combinavam na perfeição. Obra de algum decorador de interiores certamente- pensou Matilde.

- Na verdade – disse ele depois de alguns segundos em silêncio- não publico nenhum livro há quatro anos, e Pilar não tem muito que fazer a não ser gerir os contractos antigos com as editoras. Pode bem ficar de férias uns tempos

Esteban estava à espera que ela perguntasse porque não escrevia há tanto tempo, mas ela não o fez. Não era da sua conta. Estava ali de passagem e apenas para se restabelecer de um desgosto, distanciando-se o mais possível de casa, de Lisboa e de Londres e não queria grandes intimidades com o ... patrão. Na próxima refeição iria recusar e cozinhar para si própria no anexo. Assim que tivesse oportunidade ia às compras a

um supermercado e evitaria ao máximo privar com ele daquela forma tão íntima.

Ele puxou-lhe a cadeira para que se sentasse na mesa posta de forma esmerada com pratos de porcelana azul e branca, para três pessoas, e não tardou um segundo que o pequeno Juan não aparecesse para se juntar a eles. Com os seus oito anos parecia uma criança mais crescida embora Matilde já lhe tivesse observado momentos de traquinice como no primeiro dia em que esteve no Castillo.

Sentou-se à mesa com modos de gente crescida e esperou que o pai o servisse de sopa de espargos e carne. Esteban tinha dispensado a empregada como sempre fazia. A refeição era um momento em família e aprendera com a mãe – que servia sempre as refeições ao marido e aos filhos quando estavam à mesa – que os empregados não tinham que testemunhar as conversas familiares.

«Evita-se muitos mexericos com essa regra». Costumava dizer a matriarca.

O pequeno Juan esperou que todos tivessem a sopa servida e sem fazer qualquer barulho com a colher começou a comer depois do pai lhe dar consentimento. Era um rapaz bonito, com tez morena, olhos escuros como o pai e cabelo preto, um olhar muito vivo e observador, doce e carente que despertava empatia imediata nos adultos.

A refeição começou com algum silêncio mas Esteban estava tão curioso com Matilde que não conseguiu conter a curiosidade e perguntou sobre o seu trabalho nos últimos anos.

- O que é que a Matilde fazia exactamente na leiloeira, uma vez que a sua formação académica é bem diferente da área em que trabalhava?

Era a última coisa que ela queria fazer: falar sobre si. Hesitou um pouco mas conseguia responder sem revelar muito sobre si.

- Bem – hesitou – trabalhei algum tempo quando terminei a licenciatura, como editora e revisora numa empresa do ramo editorial, e também fiz traduções para português e espanhol. O espanhol é a minha segunda língua, a minha mãe é espanhola, de Cáceres. Mas assim que a crise económica rebentou em Portugal fui despedida e surgiu esta oportunidade através de conhecimentos de amigos e aceitei. Era isso ou não fazer nada. Fazia secretariado, mas ultimamente, organizava os leilões com pequenas ajudas dos sócios. Há algum tempo comecei também a

angariar obras para a leiloeira e, no tempo que me restava do trabalho, estudei história de arte.

Esteban ouvia-a com muita atenção e o pequeno Juan também. Lá fora os pássaros recolhiam-se nos choupos ao fundo do enorme jardim, lá para os lados da piscina, para passar a noite. O chilrear intenso era o sinal do anoitecer. O cheiro das plantas aromáticas vindo do jardim entrava pela janela aberta.

O cenário quase idílico lembrava uma família feliz num momento de partilha. Não deixavam de ser curiosas as circunstâncias de cada um naquele momento: um escritor que não produzia nada há mais de quatro anos, uma noiva que fugia de um casamento falhado, e uma criança órfã de mãe.

- Ao menos não ficou parada.- observou ele. - E como é que aprendeu a angariar obras de arte para leiloar?

Estaria a ser apenas educado ou o interesse era mesmo legítimo? Pelo olhar e postura corporal inclinava-se mais para a segunda hipótese.

- Aos poucos. Como disse, comecei como secretária, mas depois o Allen foi-me introduzindo no negócio. O Allen é um dos sócios da leiloeira – esclareceu – é inglês, um gentleman à antiga, um verdadeiro lord. Acabei por gostar e aprendi muito - disse com um sorriso. – Nos últimos anos já viajava em busca de negócios novos sinalizados por pessoas que trabalhavam apenas nesse sentido, olheiros como lhe chamamos. São colaboradores que investigam para nós.

Aos poucos estava a tentar mudar o ar carrancudo que transmitia aos outros. Esteban não merecia e Juan estava a cativá-la com aqueles olhos tão atentos. O seu lado maternal desperto há muito e agora completamente embotado pelo desfecho trágico do seu casamento, não morrera por completo. Nem de propósito, Juan, até ali muito compenetrado na tarefa de comer a sopa, olhou directamente para Matilde e observou.

- Tu és muito parecida com a minha mãe, igualzinha ao quadro que o pai tem ali no corredor. - e apontou naquela direcção.

Matilde ficou ligeiramente branca, sem saber o que responder e notou que Esteban ficou surpreso pela observação da criança.

- Há pessoas que são muito parecidas com outras, mas sem qualquer ligação, percebes Juan?

- Sim pai. Mas lá que é parecida é. No outro dia, quando cá estiveste a falar com a Pilar, achei...” e interrompeu a conversa antes que o pai lhe

ralhasse. - Desculpa Matilde, estou a ser inconveniente como o pai me diz quando ultrapasso alguns limites.

Parecia um adolescente a falar.

- Não faz mal, percebo que deves ter muitas saudades dela. - respondeu-lhe sem olhar directamente para ele e para Esteban.

- Não me lembro dela. – disse o garoto.

- Eras muito pequeno. – disse o pai, sério.

Aquele devia ser um assunto que incomodava os dois. Mas um pensamento começou a fixar-se na mente de Matilde. Será que Esteban a tinha escolhido por ser parecida com a falecida esposa. Oh raio! Só lhe faltava mais essa!

O restante tempo da refeição Esteban tentou desviar a atenção do filho das parecenças fisionómicas entre Matilde e a mãe dele, e Juan, mais maduro do que a idade lhe devia permitir, não fez mais observações constrangedoras.

Matilde achou que devia recolher-se ao seu anexo e fazer planos para os próximos dias. Planos de trabalho.

- Então até amanhã vou...- ele não lhe deu tempo de terminar a frase.

- Não quer tomar um copo de xerez comigo? Produção da nossa família. Daqui a meia hora vou ter consigo à varanda exterior do anexo com uma garrafa. Providencie os copos.

Aquilo era uma ordem? Mesmo que fosse, ia obedecer. A companhia dele começava a ser cativante.

Antes que lhe pudesse responder, Esteban pegou Juan pela mão e dirigiram-se ao primeiro andar, enquanto ela saía para o exterior em direcção ao anexo. Queria tomar um copo de xerez com ele, começava a achá-lo «interessante», sim, a palavra era essa. Mas ainda estava de luto pelo falecido António. Estava? Ou não? Resolveu decidir que estava, ainda. Afinal, António, para ela tinha morrido. Transpôs o corredor em passadas rápidas – mas não deixou de dar uma olhadela ao quadro da falecida ficando com a sensação de estar a olhar para si própria – e dirigiu-se pelo caminho empedrado, iluminado por sinalizadores, que conduziavam aos diversos recantos do jardim e do anexo.

O seu pensamento começava a ser no âmbito de estar a cometer um erro enorme ao ter ficado ali. Não sabia ainda porquê, mas pressentia que sim.

Os grilos nocturnos e as cigarras preenchiavam a noite. O ar estava morno, mas um arrepio fê-la vestir um casaco fino de malha. Estava ao telefone com a mãe há mais de dez minutos mas a conversa era mais cordial, que nos outros dias. Manuela Lopez – apelido de solteira - espanhola de Cáceres, punha entusiasmo em tudo o que dizia e fazia mostrando bem a veia espanhola.

Queria saber o destino a dar ao quadro que António lhe oferecera na véspera do casamento.

- Ou lhe devolves o quadro, ou...- Matilde não a deixou terminar.

- Trata-se de uma cópia mãe, apesar de não parecer, mas vale muito dinheiro, o António deu-mo e não vou devolve-lo, é uma espécie de indemnização – e riu-se -, por isso pede ao pai que o coloque no cofre do banco o mais rápido possível.

- Mas se é uma cópia filha, que importância tem?

- Mãe é uma cópia que vale meio milhão de libras, foi o que António me disse, é uma cópia perfeita. E se for parar às mãos erradas, pode ser perigoso.

A uns vinte passos de distância Esteban não pode deixar de ouvir a conversa e ficou intrigado com «uma cópia que vale meio milhão de libras».

Ficou impressionado com ela desde que a viu pela semelhança com Krysten. Quando é que iria terminar essa maldição de comparar todas as mulheres com ela. Era um homem com idade suficiente para refazer a vida, quem sabe ter outros filhos e podia voltar a casar, para além de que, Juan precisava com urgência de uma figura feminina na sua vida. Por mais que Rocio a sua irmã mais nova, se esforçasse por estar presente, o facto de morar em Barcelona com o marido e os dois filhos, não facilitava a convivência, mesmo fazendo o esforço de irem passar alguns fins-de-semana com eles à ilha, sobretudo no verão.

Aproximou-se com a garrafa na mão e a curiosidade e o desejo no coração. Matilde despertara-o para a vida naquela tarde quando lhe entornou um copo de vinho em cima. Abençoado copo de vinho tinto. Se ela não fosse quase uma sócia de Krysten ficaria a amaldiçoá-la pela roupa suja e não teria ido atrás dela. Dava graças a Deus por ter ido.

Matilde viu-o a aproximar-se e apressou-se a despachar a mãe com um «até amanhã depois falamos». Para sua surpresa a mãe aceitou bem que ela ficasse uns tempos a trabalhar ali. Nem colocou entraves como era hábito quando as coisas não lhe agradavam. Claro! Já percebera. Ela mencionara o escritor e o Castillo. Estava tudo dito. A veia interesseira da mãe apareceu de imediato. Ficou surpreendida consigo desta vez. Acabou por dar uma pequena gargalhada, não conseguiu conter-se, mesmo Esteban estando a chegar.

- Está divertida.- observou. - Pela primeira vez oiço-a rir.

- Se conhecesse a minha mãe também ria. - disse Matilde. - Acredite que ela é bem divertida por vezes.

Sentiu-se mal pelo sarcasmo, mas já estava dito. Recordou-se dos verões passados em casa dos avós em Cáceres, na adolescência, e de a avó Dolores lhe dizer que não sabia como é que tinha dado à luz uma criatura tão interesseira como Manuela e todos rirem dos assombros de realze da mãe.

- Aqui está a garrafa de vinho branco.

E colocou-a em cima da mesa de madeira antiga onde Matilde já colocara dois copos e respectivas bases, previamente.

- Costuma beber-se com as refeições, mas quando Juan está presente, o que acontece quase sempre, bebemos sumos ou água.

- Claro.- anuiu.

Não lhe ocorria dizer mais nada. Começava a sentir-se um pouco estúpida. Ela, uma mulher que já passara dos trinta, a sentir-se acabrunhada como uma jovem de dezasseis anos perante um homem mais velho. Era assim que via o quadro. Tinha perdido o jeito de estar com outros homens.

O perfume de Esteban espalhou-se pelo ar juntamente com o aroma dos arbustos e deixavam no ar um perfume carregado de erotismo. O mar ouvia-se lá em baixo. As ondas batiam suavemente na areia e recuavam. A noite resplandecia de natureza: cigarras, grilos e, uma rã num dos pequenos lagos do jardim, coaxava.

Ele abriu a garrafa com muito cuidado para não partir a rolha e fez-lhe sinal para que se sentasse. Colocou vinho nos dois copos e só depois se sentou na cadeira em frente à dela, numa posição relaxada e com a perna direita cruzada sobre a outra. Ficava tão sensual assim, que Matilde baixou os olhos com receio que ele lhe adivinhasse o pensamento.

- Este costumava ser o meu refúgio quando precisava de estar sozinho para pensar e escrever. Como vê a distância da casa principal é suficiente para não darem por nós aqui.

O que é que ele queria dizer com aquilo? Que podiam estar ali os dois sozinhos a fazer amor que ninguém iria dar pelo facto. Rapidamente sacudiu os pensamentos eróticos da cabeça.

Ele ergueu o copo e fez um brinde.

- Ao nosso reencontro. Há reencontros bons.

Matilde brindou com ele, mas não conseguiu disfarçar a confusão.

- Foi um reencontro. - afirmou Esteban. - Afinal não é o primeiro, pois não?

Matilde riu-se e ele também. Ele tinha razão.

- Mas por precaução troquei a cor do vinho.

Matilde destapou uma gargalhada cristalina e sincera. Ele tinha sentido de humor e isso agradou-lhe. Nada parecido com o formalismo de António.

- Queria pedir-lhe desculpa pela sinceridade do meu filho há pouco. Ele comparou-a com o quadro e as fotos da mãe. A memória dela está a começar a esbater-se, mas é um miúdo muito observador.

- Não faz mal, até eu fiquei surpreendida. E você?

- Eu o quê?

- Até que ponto não me escolheu pela minha semelhança com a sua falecida mulher?

Esteban era um cavalheiro e mentir não fazia parte dos seus hábitos.

- Estava a pensar nisso há pouco quando me dirigia aqui. Talvez. Ao princípio, sim. Aliás foi isso que me fez ir atrás de si até à Plaza Mayor. Mas já percebi que a vossa semelhança é apenas física. O meu luto está feito Matilde. Amei muito a minha esposa, mas já não sofro com a morte dela. Causa-me inquietação o meu filho. A mãe faz muita falta.

- Obrigado pela sinceridade. Na verdade não estou num bom momento e isso afecta o meu humor. Presumo que isso se note muito?

- Para dizer a verdade nota, mas não te vou perguntar nada Matilde. Vamos deixar as formalidades de lado. - disse com convicção e firmeza.

- Não me deixas alternativas. - disse a rir. – És sempre assim tão mandão?

- Habitua-te. – respondeu de forma jocosa.

Esteban bebericou mais um pouco do vinho frio, com sabor a maçã e odor de amêndoa, e voltou a olhá-la directamente nos olhos. Até ali tinha evitado fazê-lo. Tinha receio de vir a interessar-se por ela e apanhar uma desilusão. A ideia de contratar alguém para dar um rumo aos papéis da família fora dele porque Pilar que detestava velharias e há muito que tentava desfazer-se do conteúdo do sótão.

- Desculpa perguntar, mas não pude deixar de ouvir a tua conversa sobre uma cópia de um quadro...

- Ah! Sim. É uma espécie de dote que o meu ex noivo me deu. Trata-se mesmo de uma cópia, mas é tão perfeita que vale algum dinheiro. Creio que foi a culpa dele que o fez dar-me aquele quadro. Entendo-o como um seguro. Mas também me parece que é um presente ilícito. Tenho que verificar melhor a situação. Um dia quando voltar a Lisboa, faço isso.

- Estás a fugir dele?

Aos poucos e com um copo de Xerez para descontrair, Esteban estava a levá-la a dizer o que ele queria saber. Matilde percebeu que era a segunda vez que isso lhe acontecia desde que estava na ilha, só esperava que ele fosse diferente do alemão.

- Não propriamente. Ando à minha procura. Quero saber quem sou, mas não tem sido fácil. Perdi-me um pouco durante os anos que morei em Inglaterra e só agora me apercebi disso. - projectou o olhar no horizonte como se estivesse à espera de uma resposta.

- Desculpa perguntar, estou a ser intrusivo outra vez. - reconheceu.

- Não, não estás. É natural que queiras saber porque é que uma portuguesa meio espanhola, está aqui a fazer, podendo estar a trabalhar numa actividade bem remunerada e interessante.- proferiu com um sorriso.

Aquele sorriso que todos lhe admiravam e que ela já não fazia há algumas semanas.

- Na verdade, deixei o meu noivo plantado no altar. Descobri na véspera que ele tinha outra pessoa, e não consegui levar a farsa dele adiante. Não tenho muito orgulho em dizer isto, mas é a verdade.

- Entendo que devas estar a sofrer muito.

E entendia mesmo, sabia o quanto lhe custara perder Krysten e ser trocado por outra pessoa.

- Queres saber a verdade? - perguntou

Ele assentiu.

- Já me passou... quase. O que me doeu mais foi descobrir como ele me usou. Mas não quero falar mais disso.

Fez questão de terminar o assunto. Não queria revelar tanto da sua vida.

- Também imagino que devas ter sofrido muito quando a tua esposa morreu. - observou com sinceridade.

Já que aquela era a noite das revelações, mais valia deixar o assunto resolvido hoje.

- Sim. Muito. Até hoje não sei o que a motivou a atirar com o carro pela ribanceira, porque ao que parece foi propositado. Krysten era muito sensível, tinha aspirações a grande actriz, mas há muito tempo que tinha arrumado esse assunto, sobretudo desde que tinha ficado grávida. Não tinha bebido, não tinha outras drogas no organismo, o carro não tinha nada que pudesse conduzir a uma falha mecânica... não sei. Não vamos falar mais destas coisas, certo? Mudando de assunto. Vou estar fora dois dias. Tenho aulas amanhã e sexta, e fico por Palma, até porque tenho outros assuntos a resolver na cidade e aproveito a estadia lá.

- Tudo bem, cá me arranjarei sem ti.- brincou, atrevendo-se a ser um pouco mais coquete.

Esteban encarou-a com ar sedutor – correspondendo ao coquetismo dela – e riu-se.

- Imagino que sim. Mas dou-te o meu número privado para o caso de precisares e alguma coisa. No fim-de-semana a minha irmã vem visitar-me com o marido e dois filhos da idade de Juanito. Vai existir mais alguma bagunça pelo jardim com os miúdos a correrem por aí.- avisou-a.

- Disseste que podia usar um dos carros. Gostava de sair no sábado e passear pela ilha.

- Claro. Podes usar o Golf preto. Enquanto aqui estiveres será o teu carro, é justo. As chaves estão à responsabilidade de Eugénia. Vou avisá-la.- mas estava curioso. Onde é que ela queria ir? Não resistiu.

- Onde queres ir? Se preferires posso levar-te a visitar a ilha depois do fim-de-semana. Podias ficar e conhecer a minha irmã.

- Não quero incomodar-te e vocês estão em família. Estou habituada a andar sozinha. Sou muito independente, como já deves ter percebido. - insinuou com graça.

Esteban levantou-se e bebeu o que restava do vinho no copo. Matilde ficou sentada e reparou no corpo dele. Era forte e a sua presença impressionava. Conseguia agora entender melhor o escritor por detrás do homem. Não lhe iria dizer, mas lera todos os seus livros. Era fã do seu estilo de escrita – único - muito diferente da maioria dos escritores. Esteban conseguia sobressair na literatura pela forma como escrevia. Simples e complexa ao mesmo tempo. O que poderia parecer um paradoxo era apenas a forma como conduzia o leitor através de uma história intricada cheia de surpresas a cada parágrafo.

- Vou dormir. Amanhã saio cedo e só volto na sexta.

Era uma despedida.

- Então até sexta e obrigado pela recepção. Não esperava que me recebesse assim, tão bem, em tua casa.

Onde é que ela já tinha tido aquela sensação tão parecida?

Esteban pegou-lhe na mão e apertou-a como cumprimento e despediu-se com um boa noite, caminhando em direcção à casa principal.

A alguns metros de distância – onde Matilde já não o vislumbrava com nitidez – voltou-se para trás.

- Matilde...por aqui é seguro. Não tenha receio, e temos alarmes em toda a superfície que rodeia a casa. Mas tranca a porta na mesma. Vou mandar-te o meu número por mensagem. Tenho o teu. – gritou-lhe.

- Obrigada! – respondeu ela.

Entrou em casa trancando a porta, não porque estivesse com medo, mas porque de forma inconsciente queria colocar uma barreira entre os dois e, se trancasse a porta ficava mais descansada, não fosse ele voltar para trás.

António estava a ficar muito esbatido na sua mente e colocava a questão a si própria se realmente o amou, ou amou o que ele representava? Não. Amava-o. Amara-o. Amara-o – mudou o tempo verbal - porque se dedicou de corpo e alma a ele. Seria isso amor ou obsessão?

O que não suportava, ainda hoje, era tê-lo dividido com um homem. Era preconceituosa? Não. Era um direito, tal como ele também podia fazer o que quisesse com a vida dele, nem o julgava por isso, só pela parte que a incluía a ela.

Há dois dias que Matilde estava enclausurada na torre remexendo em papéis, alguns com mais de cento e cinquena anos. A maioria não tinha qualquer interesse eram apenas recados, anotações de necessidades de mercadorias, mas outros contavam a história da família. Eram pequenos apontamentos de negócios feitos, cartas antigas, receitas de culinária preservadas de geração para geração, e algumas fotos amareladas pelo tempo, guardadas em envelopes decorados com pinturas a aguarelas com uma assinatura feminina. Pareciam cartas endereçadas de uma dama a um apaixonado. A data era do final do século dezanove e Matilde estava maravilhada com aquelas descobertas. Não deixavam de ser obras de arte, pelo menos aos seus olhos. O que encontrou já daria para construir um interessante enredo para um romance. Começou a separá-los por temas e datas e arquivá-los em pastas onde estariam protegidos do desgaste do tempo. A torre iria ser a biblioteca da história da família, tal como Esteban desejava. Um legado que ele queria deixar para as gerações futuras, mas sobretudo para o seu filho e sobrinhos. Alguém tinha que continuar a história da família e, cabia-lhe a ele, como filho mais velho, essa tarefa.

Não via Esteban há dois dias e, por sugestão de Eugénia, jantava com Juan na casa principal. Na verdade estava a divertir-se bastante. Começava a gostar daquele menino que ainda olhava para ela como se fosse a mãe que regressara do além, mas que começava a descobrir que eram apenas parecenças físicas. Juanito era um miúdo inteligente e que se apegava com facilidade a um adulto disponível. Nas conversas que tinham sobre a sua semelhança com a mãe, a criança confessara-lhe que pouco se lembrava da mãe e, se não fossem as fotografias já não conseguia imaginar-lhe a face, apenas se recordava do colo dela.

Essa sensação, que ele descreve de forma simples «a minha mãe levava-me ao colo para a cama e contava-me uma história» era apenas uma recordação mantida pelo pai que lhe contava essa prática diária da mãe. Esteban estava a manter Krysten viva na memória do filho, um gesto

que Matilde achava louvável. Há medida que os dias passavam, um certo fascínio por aquele homem que ela só conhecia como escritor, começou a crescer. Inevitavelmente comparava-o a António e, a conclusão é que não podiam ser mais diferentes. Sentia que Esteban era um homem real, com defeitos, e que António era perfeito demais para ser real. Havia instantes que até pensava que talvez a relação entre ela e António não tivesse existido, e que tudo não passara de um sonho.

A vontade de apagar aqueles anos leva-a a fantasiar que tudo não passara de um sonho.

Era sexta-feira. A qualquer momento Esteban chegaria a casa e a família dele iria passar o fim-de-semana ali, no Castillo. Apesar do jardim ser bastante extenso, com muitos recantos, e o anexo ficar bastante isolado da casa principal, três crianças a correrem por ali decerto levariam os adultos até ela. O melhor seria passar o fim-de-semana fora. Estava a planear uma visita à cidade onde Chopin vivera durante o inverno de 1838. Queria deixar a família à vontade e desviar as atenções de Esteban de si, pelo que não existia melhor desculpa do que dizer que tinha um compromisso com uma amiga.

Será que ele vai acreditar que tens uma amiga por aqui?

Durante a tarde uma mensagem dele a pedir-lhe que ficasse para o jantar com a família. Não queria ser mal-educada ou rude, mas mandou-lhe uma mensagem a dizer que já tinha combinado previamente com uma amiga que estava de férias na ilha, passar esses dias em Valldemossa. Marcou um hotel pela internet e preparou uma mala com roupa confortável para caminhar. Não tinha outros planos a não ser explorar a vila encastrada na montanha edificada no ano de 711, por um nobre árabe de nome «Valle Mussa» que se terá instalado numa propriedade rural, que ao longo dos séculos cresceu, e deu origem ao nome da vila. Valldemossa era uma vila procurada por turistas de todas as nacionalidades e, uma visita obrigatória para quem visitava Maiorca.

Às dezassete e trinta pegou no pequeno saco de viagem e encaminhou-se para a garagem situada ao lado da casa principal. Queria sair antes que todos chegassem. Avisou a governanta que regressava domingo à tarde.

Abriu o carro atirando lá para dentro o saco. Não se sentia muito confortável com aquela atitude, tinha consciência que fugia. Fugia de algo que podia tornar-se doloroso quando tivesse que partir. Esteban era o tipo

de homem que não passaria pela sua vida em branco, ainda que fosse uma relação de negócios. Entrou no carro – um WW Golf, novo – e ligou o motor. Mal tinha saído da garagem quando o BMW X6 entrou no recinto barrando-lhe a saída. Não teve alternativa senão parar. Esteban saiu do portentoso carro preto e dirigiu-se a ela. Tranquilo, vestindo um fato cinzento-escuro e camisa branca – que lhe acentuava o prateado dos cabelos e o castanho dos olhos – calçando sapatos clássicos atacoados. Muito diferente do ar descontraído e informal, com que o conhecera naquela tarde em Palma, quando acidentalmente lhe deu um encontrão na mesa, e lhe entornou o vinho nas calças.

O coração de Matilde acelerou à medida que ele percorria os poucos metros que separavam os carros. Sentiu-se ridícula como se estivesse a roubar algo que não lhe pertencia. Abriu o vidro do carro resolvida a não sair, e esperou que ele se aproximasse.

Assim o fez.

- Fica. - pediu. - Gostava mesmo que ficasses. - insistiu debruçado na janela do carro quase a roçar-lhe a face.

Aquele perfume tão inebriante e já seu conhecido entrou pela janela do carro e aquela impressão de receio voltou. Este homem tinha poder sobre ela. Poder sexual. Ficar a sós com ele era perigoso.

- Já combinei com a minha amiga. - mentir era feio, mas ficar era arriscado. Talvez o melhor fosse mesmo fugir dali.

- Matilde...- e olhou-a profundamente -, sei que estou a ser ridículo, mal te conheço e deves estar a pensar que te estou a confundir com a Krysten, mas não estou. Por favor fica. Queria que conhecesses a minha família. Por favor? - implorou.

- Não posso ficar, percebo perfeitamente o que me estás a dizer mas é melhor eu ir, volto para terminar o trabalho para o qual me contrataste, mas...- fez uma pausa - há qualquer coisa que não está certa entre nós os dois. Não pode ser. Deixa-me ir Esteban. Aproveita a tua família. É cedo demais para mim. Não estou preparada e não sei se alguma vez estarei.

Vendo que não conseguia demovê-la, Esteban afastou-se da janela do carro.

- Vai com cuidado e aproveita o passeio. As vistas são maravilhosas e a vila é quase mágica. Quem me dera poder ir contigo. – lamentou. – Mas se for contigo a minha irmã nunca mais me fala. Coitada, quase a obriguei a vir para cá, agora não posso ir.

- Não quero que te justifiques. Não é preciso.

Matilde arrancou com o carro, suavemente, e passou por ele, deixando-o a olhar para a traseira do carro, vendo-o pelo retrovisor à medida que se afastava, parado e de olhos fixos até ela desaparecer na curva que conduzia ao portão principal.

Estava a apaixonar-se de novo, depois de tantos anos. Era a segunda vez na vida que isso lhe acontecia e com circunstâncias tão diferentes. Krysten pediu-lhe um autógrafo especial no livro e Matilde entornou-lhe um copo de vinho nas calças. Depois de todo o azar que teve – a vida também é feita de sorte e azar, não só de escolhas – queria acreditar, como da primeira vez, acreditou. Queria confiar e pensar que a tal pessoa certa, existe, e que era ela. Mas, as feridas dela eram recentes e muito dificilmente voltaria a confiar num homem. Tal como ele durante algum tempo jurou não confiar em mais ninguém. Só temia que ela não ficasse o tempo suficiente para se conhecerem melhor, e convencê-la de que os homens não eram todos iguais. Quem teria sido o estupor que a magoara?

**

A firmeza nas decisões – ainda que fosse contra o que sentia- era algo que passaria a ter a partir de agora. Que raio! Chegar aos trinta e três anos e não acertar com um homem, fazia-a pensar que trazia qualquer defeito de origem. Não podia culpar ninguém. Ou podia? Quem? O pai que sempre deu umas facadinhas no casamento apesar de amar a mãe, e cujo exemplo não queria para si? A mãe, que sempre aturou as escapadelas do pai, e que não fez nada para mudar essa condição, por não querer o homem, apenas a posição.

O casamento dos pais não passava de uma fachada há anos. Pobre mãe que tanto os exasperava com as suas ideias de grandiosidade e que levou o marido a ser-lhe infiel, por o rejeitar na cama.

Há quem seja feliz com um parceiro só - que ela julgava ser o seu caso – e que a sua vida ia culminar num casamento estável, com filhos e uma casa de campo com ovelhas e patos a deambular por ali. E há quem encontre a sua felicidade numa diversidade de parceiros sem olhar ao sexo da pessoa e também viva feliz. Tudo era válido desde que fosse acordado pelas partes envolvidas. Mas ela nunca concordou em dividir o noivo com outro homem! Merda! Ele devia ter-lhe perguntado. A sua educação católica não fez dela uma mulher que só visse dois tipos de mulheres – a virgem Maria santa e a Maria Madalena pecadora – mas ela, Matilde

Vidal, nem sequer se enquadrava em nenhuma: não era santa nem pecadora, era uma mulher enganada.

Conduzia a uma velocidade moderada – mais moderada que a catadupa de pensamentos que lhe passavam pela mente – e quase nem prestava atenção à beleza da paisagem. A única amiga que não tinha preconceitos em relação às escolhas sexuais dos outros era Teresa, bissexual assumida, que vivia feliz assim e que há muito informara os amigos mais próximos que «gostava de pessoas» e o que isso significava. Portanto os amigos não estranhavam quando a viam ora com mulheres, ora com homens. Porque é que António a fizera perder sete anos da sua vida sabendo que ela não era como ele?

O ideal era encontrar um homem completo, que valesse por todos, mas isso só existia nos livros de romance e nos sonhos das mulheres apaixonadas como ela fora por António. Considerava-se uma mulher lutadora e competente na profissão e, tinha a certeza, durante muito tempo, que a vida pessoal também lhe corria bem, mas agora já não tinha certezas de nada. Desviou a atenção para o mar, as escarpas cavadas na rocha e as povoações construídas à beira mar eram lindas. A ilha era mesmo um paraíso. Amendoeiras, figueiras e vinha completavam o quadro. Era sem dúvida uma paisagem deslumbrante. Maiorca era uma ilha cheia de encantos a cada curva que fazia na estrada para Valldemossa e não conseguia esgotar os adjectivos.

Entretanto em casa, Esteban recebia a família com alegria. Juan ficava esfuziante sempre que os primos vinham para brincar e Esteban podia surripiar a irmã ao cunhado enquanto ele se entretinha a mergulhar ao largo da praia, e terem aquelas conversas de irmãos cúmplices, de mano mais velho com a mana mais nova. Esteban e Rocio eram dois irmãos muito unidos. O mesmo não acontecia com André, mais distante, pouco sociável, mas excelente homem de negócios.

Separava-os seis anos de diferença de idade. Rocio era a sua confidente desde a adolescência, quando ela tinha apenas oito anos e já lhe ensinava coisas sobre as raparigas.

Desta vez tinham muito que conversar. Queria falar-lhe de Matilde. Precisava que alguém lhe dissesse que estava certo ou que estava a cometer um erro enorme. Mas Rocio tinha feito a asneira de trazer Irene, atrelada a eles, mais uma vez. Começava a não ter grande paciência para ela. Irene perseguia-o há anos. Só a tolerava por ser amiga da irmã.

**

Matilde chegou a Valldemossa ao anoitecer. Alojou-se num pequeno hotel com um nome francês, agradável, sossegado e com uma varanda com vista para a serra. Mesmo o que precisava para descansar e ter um pouco de paz interior.

Depois de se instalar resolveu jantar num pequeno restaurante em frente ao hotel e provar algumas tapas espanholas já que não tinha muita fome. Passeou um pouco pelo centro e resolveu recolher-se ao quarto. No dia a seguir iria então explorar a cidade onde a escritora George Sande e Chopin se tinham refugiado há muito tempo, noutra século.

O sinal de mensagem no iphone tocou. Era Marta a dizer-lhe que lhe ia ligar pelo Viber dali a vinte minutos.

Não falhou nem um minuto. Marta era assim.

Depois de contarem as novidades, Matilde já sabia que ia levar nas orelhas por causa de estar a fugir de Esteban.

- Oh mulher, então tu não és do século passado? Sabes que o flirt é o que põe uma mulher bem-disposta e com a pele a brilhar? Esse homem está a flirtar contigo descaradamente.

- Não está não Marta. Não me devo ter explicado bem. Está a dizer-me que me quer conhecer melhor...mas eu não sei se quero. É mais um como eu, cheio de feridas. Nem sequer é um sedutor daqueles que encontrávamos quando saíamos à noite, lembras-te?

- Então não lembro? Tu é que deixaste de sair à noite, eu não. Lisboa está cheia de conquistadores profissionais, daqueles que só dão bom sexo, com preservativo é claro, e no outro dia já desligaram o telemóvel, ou deram-nos um número falso.- e riram as duas à gargalhada.

Esse fora sempre o tipo de homem que as duas sabiam identificar muito bem e do qual fugiram sempre. Eram sempre as mesmas caras já conhecidas da noite, sentados ao balcão do bar ou da discoteca a tentar seduzir todas as mulheres bonitas no recinto e, quando uma lhe dava crédito, desapareciam num minuto seguinte. Históricos à procura de atenção.

Ela e Marta sabiam através de amigos que existiam grupos de homens, na internet, que faziam apostas para ver quem seduzia mais mulheres numa noite. Ou os homens já não eram o que deviam ser, ou ela não acompanhou a transformação dos tempos.

- Mudaste de gostos e hábitos amiga?- perguntou Matilde em jeito de provocação.

- Não me digas que agora te envolves com esse tipo de homens?

- Não. Claro que não – retrucou Marta - a propósito disso, conheci um alemão simpático e boa figura, diz ser polícia, e que está em trabalho em Lisboa. Um homem interessante, culto e daqueles que não pensam em sexo na primeira oportunidade, para meu desgosto, entendes?

Quando ouviu a palavra «alemão» lembrou-se do episódio infeliz com Stef. Tomara que não o encontrasse mais.

A conversa foi longa e divertida como sempre. Quando terminou o tempo de coscuvilhice com Marta – tempo das mulheres como lhe chamavam na cumplicidade de amigas íntimas – já tinha ouvido o sinal de email no telefone. Abriu o Apple e verificou que era de António. Nem abriu. Não queria aborrecer-se mais.

Deitou a cabeça na almofada e outro sinal de mensagem caiu no telefone. Não resistiu a ir ver.

Sei que pode parecer precipitado, inusitado e tudo o que tu quiseses, mas sinto a tua falta aqui. Quem é que vai beber um copo de xerez comigo e ouvir os grilos e as cigarras? Volta depressa.

Simples e directo. Era Esteban. Sem floreados e palavras caras. Respondeu-lhe com uma daquelas carinhas sorridentes que dispensam palavras, uma invenção fantástica que raramente utilizava, mas que reconhecia serem úteis quando as palavras faltavam.

Adormeceu passado pouco tempo com um sorriso nos lábios. Vários homens que a obrigavam a correr até se sentir esgotada e cair dentro da piscina de um jardim imenso onde se sentiu a afogar-se, atormentaram-na toda a noite. Era o seu inconsciente a abrir um pouco da tampa e a expor os seus medos. O medo de se apaixonar de novo. O medo da desilusão.

Acordou com o telefone a tocar. Atendeu ainda muito sonolenta e com a voz lenta. Era o pai.

- Bom dia paizinho. Aconteceu alguma coisa?

O pai não lhe iria telefonar às oito da manhã se não fosse importante.

- Olha querida, não te queria assustar, mas assaltaram o meu escritório e tentaram arrombar o cofre, mas não conseguiram abri-lo

- Mas o que é que podes ter lá de interesse? Só os processos.

- O quadro Matilde, não será o teu quadro?

- Não sabia pai. Pensei que a mãe o tinha colocado no cofre do banco.

- Em tantos anos de trabalho isso nunca aconteceu. Acho muita coincidência. Ah! Já me esquecia. O António telefonou-me ontem a perguntar onde é que tu tinhas guardado o quadro.

Tudo começou a deixar de fazer sentido para Matilde. A confusão aumentou na sua cabeça. Mas de repente todos se interessavam por um quadro que não passava de uma cópia?

- Pai, o quadro é apenas uma cópia...não faz sentido. Sim é uma cópia perfeita, mas não tem assim tanto valor.- rematou o assunto ocultando do pai que não era bem assim. Meio milhão de libras não era pouco dinheiro, mas nunca tivera conhecimento de cópias de quadros que valessem esse dinheiro.

Meio milhão de libras era o valor de um original. Como é que aquilo lhe escapou? Logo ela sempre tão atenta a pormenores estranhos.

O quadro era o original.

- Bem, de qualquer forma, hoje vou deixá-lo no cofre do banco. A polícia já tentou tirar impressões digitais, mas não encontrou nada. Não falei no quadro. Achei precipitado e ridículo e retirei-o antes de fazer queixa pelo arrombamento.

- Está bem paizinho. Sabes, vou devolver o quadro ao António, começo a sentir que emana más energias.- disse Matilde. - Não o quero. Deixa que eu resolvo isso, coloca-o no cofre do banco que hoje mesmo vou dizer ao António que o vá buscar.

Depois de explicar ao pai o que estava a fazer ali e quais eram os seus planos para mais dois meses, tomou o pequeno almoço e saiu para a rua. A beleza da vila era indiscritível. Sardinheiras vermelhas a caírem das janelas e das varandas davam um colorido pitoresco à vila em conjunto com as cores das roupas de verão dos turistas.

Vasos de flores a enfeitarem as portadas antigas e casas de dois andares construídos em pedra de calcário rosa deixavam perceber a antiguidade da vila. Aquele lugar ainda estava intocado pelo turismo massificado apesar de ser bastante visitado. As buganvílias a enfeitarem os jardins fronteiriços às casas, e muitas lojas de recordações, faziam-na lembrar que não estava isolada do mundo, apesar de estar rodeada de montanhas e no meio do mar. Nem parecia que estava numa ilha.

Matilde seguiu pelas ruas estreitas subindo, apreciando a paisagem e os pormenores que faziam aquele lugar único: batentes de portas enormes, de ferro, chapas de ferro forjado a reforçar as portas de madeira grossa,

varandas trabalhadas, paredes de cor ocre, grossas, para proteger das temperaturas extremas, e muitas árvores que protegiam do calor. Chegada ao jardim onde repousava o músico dos célebres nocturnos que ela adorava ouvir, passou a mão pela cabeça de Chopin, como via fazer a todos os turistas «para dar sorte exclamavam uns para os outros» e dirigiu-se à praça em direcção a este, com a intenção de parar numa esplanada, apreciar a vista e tomar café. A noite de pesadelos deixou-a sonolenta, cansada e o café forte espanhol tinha o dom de a acordar. Dois golos e despertava em minutos.

À sua frente estendia-se uma enorme praça com esplanadas e prédios de três andares, moradias antigas, algumas com brasões, compunham o espaço agradável e com vista para as montanhas. Sentou-se na primeira esplanada que encontrou e pediu um café simples. Pegou no jornal e folheou-o.

Subitamente ouviu uma gargalhada cristalina, de mulher, que lhe despertou a atenção pelo timbre estridente. A praça estava num silêncio quase absoluto, quebrado por alguém que devia estar muito feliz. Passava alguns minutos das nove da manhã e havia pouco movimento nas ruas. Além de alguns casais de turistas coreanos, mais idosos, e que passeavam tranquilamente protegendo-se do sol com chapéus de abas largas e luvas, a vila ainda dormia. Uns passos de saltos altos ecoaram na praça. Olhou por cima das folhas do jornal e ficou à espera de vislumbrar a figura que fazia tanto barulho logo pela manhã.

A mulher era alta, com uma cascata de cabelos loiros a caírem-lhe pelas costas e já teria passado dos quarenta anos há muito tempo a avaliar pelas pequenas rugas que lhe acompanhavam os braços e o pescoço. Descia a praça acompanhada de um homem...e, o queixo de Matilde quase caiu quando o reconheceu.

Era Stef, o alemão.

Rapidamente subiu o jornal em frente à cara para se esconder, e pelo canto do olho viu-os afastarem-se pela praça abaixo.

Não queria ser reconhecida por ele, mas nem pensou duas vezes. Deixou cinco euros em cima da mesa para pagar o café, colocou os óculos escuros e o chapéu de palhinha na cabeça e seguiu-os. Havia alguma coisa estranha naquele homem. Matilde armou-se em detective de fim-de-semana, nem sequer imaginando que podia correr algum tipo de perigo. Sentia-se ridícula armada em Sherlock Holmes de saias mas não conseguia

conter a curiosidade por mais perigosa que fosse. O casal desceu a rua em conversa animada, em alemão, língua que Matilde não dominava. Matilde foi ocultando a sua presença entre os expositores das lojas de souvenirs, entre chapéus, lenços, e postais lustrados.

Stef parou a uns dez metros da loja onde ela estava e entretinha-se a afagar o rosto da mulher enquanto lhe mordiscava a orelha, e lhe balbuciava qualquer coisa ao ouvido. Escondida atrás de um mostruário de postais observava a cena. Embora parecessem um casal de apaixonados, Matilde conseguia ver a expressão da cara dele e até um cego percebia que ele estava a fingir. Ou muito se enganava ou aquele individuo era um conquistador em busca de algo mais valioso, para além do amor das mulheres que seduzia. Agora já não tinha dúvidas. Não passava de um conquistador de praia, neste caso de montanha – decidiu.

A cena melosa continuava, e o casal aproximara-se da porta de madeira larga e alta, cravejada a espigões de ferro, da casa em frente. Um brasão estava cravado por cima da porta, sinal que a casa era herança de um filho legítimo. Pareciam preparar-se para entrar. Matilde fingiu escolher uns postais da cidade, que foi colocando na mão, ao mesmo tempo que através dos óculos escuros, e com o rosto escondido pelo chapéu, tentava perceber qual a relação entre aqueles dois.

A dona da loja, desconfiada com o comportamento estranho de Matilde que saltitava em volta dos expositores, surgiu na porta e acercou-se dela e perguntou-lhe, em inglês, se ia levar os postais. Respondeu que sim e continuou a manusear o expositor giratório. A mulher recuou uns passos até à porta da loja e disse em voz alta para o homem que estava ao balcão, ciente que Matilde não entendia o espanhol.

- A condessa já arranjou outro namorado. Nunca tinha visto este por aqui. Sabes quem é Manolo?

Interessada na conversa Matilde manteve-se imóvel enquanto o casal desaparecia no interior da casa apalaçada com um brasão, confirmando o que a dona da loja dissera. Era uma condessa.

Matilde pegou nos postais, entrou na loja para pagar e estendeu-os à mulher para que fizesse a conta. Mas como a curiosidade era maior que o medo – era assim que muitas vezes encontrava quadros antigos para a leiloeira - resolveu arriscar e perguntar em espanhol.

- Perdoe-me a pergunta, mas ouvi o seu comentário acerca da condessa...foi isso que disse, não foi?- a mulher acenou afirmativamente e

sorriu-lhe enquanto colocava os postais dentro de um envelope de papel.

- É que eu conheço o senhor que a acompanha. São noivos não é?

Lançou a deixa.

- A condessa arranja muitos noivos, mas quando descobre que eles apenas querem a fortuna dela, sobretudo as obras de arte que tem em casa, depressa os despacha. Este já anda por aqui há uns meses, dizem as pessoas da vila, apesar de eu nunca o ter visto por cá.

A lojista não primava pela descrição, ou não gostava da condessa, ou era muito curiosa. Matilde estava-lhe agradecida.

Meses! Então quando se aproximou dela já...o pensamento voou. Matilde pensou que Stef devia ser um caça fortunas ou um gigolo. Só de pensar nisso sentiu um arrepio de medo pela espinha. Não conseguia ter memória clara do que o homem fizera com ela, se é que tinha feito alguma coisa para além de fingir.

Pagou os postais, agradeceu à dona da loja e saiu rumo ao hotel. Não ia poder andar por ali sem correr o risco de a qualquer altura esbarrar em Stef e na sua condessa. Oh raios!

Os planos de fim-de-semana não estavam a correr como planeara. Não conseguia decidir o que fazer, depois de ter descoberto que Stef andava pela vila. Voltar para o Castillo era impensável, mas também já não tinha vontade de continuar ali. Sem querer tomar uma atitude precipitada sentou-se na varanda com o portátil. Lembrara-se que tinha um email de António para ler.

O conteúdo do email era curto e estranho. António pedia-lhe que não saísse sozinha da casa do escritor, pedia-lhe desculpa de não lhe explicar as razões mas não podia. No final despedia-se com «amo-te» o que a irritou imenso. Tinha que regressar. António podia ter sido sacana ao ocultar-lhe a sua vida dupla, mas continuava a confiar nele no que dizia respeito à sua segurança. Muitas vezes a mandava sair dos locais onde ia verificar alguma obra de arte, embora ela não conseguisse perceber porquê na altura. Recordou-se de uma vez estar em França a tentar negociar um quadro para leiloar e subitamente António disse-lhe para desistir. A proprietária não queria vender e ameaçou chamar a polícia. Dias depois a notícia que o quadro tinha sido roubado aparecera nos jornais.

Pegou no iphone e mandou uma mensagem a Esteban a dizer que ia voltar. Tinha surgido um problema.

Em segundos o telefone tocou. Era ele. Atendeu de imediato com o coração aos saltos. Nem lhe deu tempo de falar. Disparou perguntas seguidas.

- Aconteceu-te alguma coisa? Estás doente? Tiveste um acidente?- perguntou com ansiedade, embora estivesse a fazer um esforço para parecer natural.

- Olá Esteban. Não. Nada de grave. Explico-te depois. Desculpa incomodar-te quando estás com a tua família.

- Se continuares com essa conversa vou zangar-me contigo.- enfatizou num tom sério para depois se rir quando percebeu que ela se tinha calado.

- Não te preocupes. Juan está esfuziante a brincar com os primos. A minha irmã a apanhar banhos de sol na praia, e o meu cunhado a mergulhar como é hábito. Nem vais dar pela presença deles.- nem falou em Irene para ela não se arrepender de voltar.

- É ao contrário. Eu é que não quero que eles dêem pela minha presença.

- Tão dura! Espero-te para almoçar. Em duas horas estás cá.

**

Deixou o carro na garagem e saiu pelo jardim, sem passar pela casa principal, em direcção ao anexo. Passou pela piscina, e vislumbrou ao longe as três crianças a brincarem num dos lagos, onde habitavam pelo menos meia dúzia de rãs, que de noite coaxavam, juntando-se aos grilos e às cigarras tornando a noite numa pequena selva mediterrânica. Sorrateiramente passou através do jardim e tirou a chave para abrir a porta. O cão de raça beagle castanho e branco aproximou-se dela abanando o rabo de contentamento. Nos últimos dias Pablo tinha-se tornado um companheiro sempre que ela passeava pelo jardim. Era um animal dócil, inteligente e muito activo.

- Anda Pablo. Queres um biscoito é?- e o cão entrou em casa atrás de Matilde sempre a abanar o rabo até que se empinou na bancada da cozinha à espera que ela abrisse o saco dos biscoitos e lhe desse um.

Uma vez aprendido o reflexo condicionado não esquece mais, e o cão era um bom exemplo disso, como Pavlov tinha provado no século passado.

- A Matilde faz-te as vontades todas Pablo!- exclamou uma voz por detrás dela. Matilde deu um salto e deixou cair o pacote de biscoitos de aveia no chão.

- Calma. Sou só eu. Desculpa se te assustei.

- Não faz mal.

Sem que Esteban esperasse atirou-se-lhe nos braços.

Rapidamente, Matilde, sentiu uns braços fortes em torno do corpo, apertando-a com ternura.

- Bem, não esperava por uma recepção destas! - disse Esteban - Estás mesmo feliz por me ver ou estás assustada? - perguntou afrouxando o abraço e olhando-a nos olhos.

Um arrepio de prazer subiu-lhe pela coluna e as pernas ficaram bambas. Acabara de se atirar para os braços de um estranho. Afinal

Esteban era pouco mais que isso, apesar de toda a cordialidade e interesse nela.

- Desculpa.- disse envergonhada com o seu gesto. –Assustei-me.

Não sejas ridícula mulher.

- Desculpa? Não tem de quê. Estou a adorar ter-te aqui junto a mim. – disse-lhe ao ouvido.

Matilde tremeu nos braços dele e uma sensação de alívio e protecção cresceu dentro dela.

Desde que recebera o email de António que estava assustadiça. Sempre que ele a mandava regressar a Londres com urgência – embora nunca lhe quisesse explicar porquê – ficava ansiosa, e este pedido lembravam-lhe esses episódios desagradáveis. As indicações que Allen lhe dava nem sempre coincidiam com a vontade dos proprietários de leiloarem as peças, o que gerava alguns dissabores de vez em quando.

Esteban apertou mais os braços em torno dela e Matilde tentou desenhencilhar-se dos braços dele – peludos, bronzeados e fortes - mas Esteban não estava com a intenção de a deixar ir. Há tantos dias que sonhava com aquele instante que não ia soltá-la agora.

- Não! Não pode ser. – dizia ela enquanto não fazia qualquer esforço para se livrar do abraço.

Se o ridículo matasse já estaria inerte no chão – pensou. Mas que raio! Mais um problema que tinha começado na sua vida azarada.

Lá fora ouviam-se as crianças a rirem e a brincar com Pablo que entretanto comeu todos os biscoitos que caíram e saiu em busca de brincadeira.

Encaixavam perfeitamente um no outro. Ela era de estatura média e ele devia ter apenas uns quinze centímetros a mais que ela. O queixo dele roçava a face dela e o perfume de ambos misturou-se. Esteban mantinha as mãos nas costas dela, quietas, quentes, e Matilde colocou as mãos no peito dele, junto à gola do polo azul forte - por onde saiam pelos pretos salpicados de prateado e encostou a face junto às mãos, sentindo o calor que ele emanava.

Estava nos braços de um homem muito sensual e interessante, mas, o que é que estava ali a fazer? Será que estava tão carente que se jogou nos braços dele com a desculpa de se ter assustado? Sempre fora um pouco maluca, mas não no que dizia respeito a homens. Nesse campo era

muito...certinha, não por falta de opções, mas porque era mulher de um homem só.

- Quando é que vai soltar-me?- perguntou-lhe, afastando-se um pouco e olhando-o no fundo dos seus olhos.

- Se continuares a olhar-me assim, nunca mais. – e voltou a abraçá-la.

O ambiente entre os dois transbordava de sensualidade e erotismo. Matilde nunca se sentira assim com António.

Mas quem é que quer saber de António depois de tudo o que ele te fez? Só mesmo tu com esse teu lado masoquista.

O inevitável estava prestes a acontecer. Desde que a vira a primeira vez e estivera quase duas horas sentado na sua frente na Plaza Mayor que a queria beijar. Ela era o retrato vivo de Krysten e...não conseguia resistir. Aproximou os lábios do dela e Matilde não se desviou. Esteban pressionou-os ligeiramente aos dela, forçou-a a entreabri-los, misturou a língua com a dela e fundiram-se um no outro.

Dali até ao quarto era uma questão de segundos e vontade não faltava aos dois.

- Não vais apresentar-me a tua amiga?

- Merda! – proferiu Esteban baixinho ao ouvido de Matilde.

Uma mulher alta, loura e de olhos azuis, envergando um vestido vermelho de algodão simples, e calçando umas sandálias rasas, estava de pé junto à porta, de mãos na cintura como se estivesse prestes a atacar alguém. Emanava ferocidade.

Esteban afrouxou o abraço e voltou a praguejar sem se voltar na direcção da voz. Olhou para Matilde como se lhe pedisse desculpa pela interrupção e sem largar a cintura dela voltou-se, encarando a mulher com a cara completamente fechada.

- Irene Terrazas. – soou como uma advertência pelo tom da voz.

E apontou para a mulher que devia estar na casa dos quarenta.

- Uma amiga de infância da minha irmã, e Matilde Vidal, minha...- hesitou antes de responder- amiga.

- Muito prazer. – dito sem prazer algum, e denotando raiva.

Matilde fez um cumprimento com a cabeça sem abrir a boca, mas decidiu naquele instante que não gostou daquela...cavalona.

Cavalona era um termo bastante adequado para a descrever.

- Esteban anda tudo à tua procura para o almoço. Vamos?- e estendeu-lhe a mão para que ele a pegasse e partisse com ela.

- Vai indo na frente. Vou esperar por Matilde que também – e reforçou o também - vai almoçar connosco.

- Como queiras.- disse a outra saindo da porta em direcção ao jardim como se fosse atropelar alguém com aquele corpo enorme.

Sem a largar – parecia que se tornaram um só – voltou-se para ela e disse.

- Por ora escapaste... bom – hesitou – creio que temos muito em que falar depois do almoço. Há coisas a esclarecer. Entretanto vamos encontrar-nos com os outros. Não temos alternativa.

- Quem são?- perguntou Matilde com um à vontade tão grande que nem se reconhecia.

- A minha irmã mais nova, o meu cunhado e as crianças, para além de Irene claro.

- Quem é Irene?

- O que é que ela significa queres tu dizer? É amiga da minha irmã e a noiva que a minha mãe me arranjou há mais de quinze anos, que eu rejeitei, e que acha que eu sou propriedade dela.- rematou de forma jocosa.

- Esteban, isto não devia ter acontecido. Depois do almoço conversamos e talvez eu me vá embora hoje ainda.

Esteban sentiu um murro no estomago. Demorara tanto tempo a encontrá-la que não a queria perder de novo. Parecendo adivinhar o que ele pensava Matilde disse de forma aberta.

- Acho que me estás a confundir com a tua esposa e sinto-me uma intrusa aqui. Estou cansada de servir propósitos aos outros.

Matilde não se reconhecia naquele azedume com que proferiu aquelas palavras, mas não ia deixar que alguém se aproximasse dela, sem ser por ela própria. Não queria ser a sombra da morta, tal como não quis partilhar António com mais ninguém. Isso nunca.

Esteban olhou-a com ternura, sabia que ia ser muito difícil convencê-la que já tinha enterrado Krysten no seu coração há algum tempo e que o luto estava feito. Pegou-lhe na mão e arrastou-a suavemente para fora de casa em direcção à casa principal.

- Vamos almoçar em paz. Temos o resto do dia para falarmos sobre tudo o que quisermos e, se depois decidires ir-te embora, não te vou impedir.

Com aquela Irene a farejar por perto - pensou Matilde – o almoço devia ser no mínimo divertido. Estaria com ciúmes? Era a primeira vez na

sua vida que sentia ciúmes de uma mulher e agora conseguia perceber porquê. Porque António nunca se aproximou de outras mulheres com interesse? Porque estava muito insegura depois de ter sido trocada. Riu-se enquanto caminhava ao lado dele e ele olhou-a com um ar de interrogação.

- É uma piada privada. Desculpa. Por vezes rio-me dos meus próprios pensamentos.

- Quero saber...- pediu com interesse.

Afinal ela tinha sentido de humor.

- Talvez um dia.- respondeu calmamente.

Entraram na casa principal e lá estava o maldito quadro de Krysten para lhe lembrar que eram sócias. Era como se lhe estivesse a dizer que não era ali o lugar dela.

Tu já morreste. Deixa-me tentar.

Pensou ao passar pelo quadro.

As cabeças viraram-se na sua direcção assim que ela e Esteban, entraram na sala. Matilde teve plena consciência que todos – à excepção do pequeno Juan- ficaram boquiabertos com a semelhança. Eram por demais evidentes para que ficassem indiferentes. Esteban começou as apresentações e Rocio, a irmã dele, pôs-lhe a mão no braço apertando-a carinhosamente e cumprimentou-a com um beijo de boas vindas.

- Então é a famosa Matilde.- disse muito calorosa piscando o olho a Juanito que se riu.

Esteban estava habituada aos exageros da mãe pelo que não estranhou a manifestação calorosa de Rocio, mas percebeu que mais alguém tinha andado a falar de Matilde, a falar bem. E só podia ser Juan, encantado por ter uma figura feminina em casa.

Matilde ficou ligeiramente acabrunhada, mais por se sentir estranha ali, num espaço de família, a família dele, do que por vergonha.

Esteban acudiu em sua defesa enquanto terminava de a apresentar ao cunhado e aos sobrinhos.

- Ora Rocio, o que é que Matilde vai pensar de nós!

Rocio desculpou-se de imediato.

- Desculpe Matilde mas o meu sobrinho falou-me tanto de si e com tamanho entusiasmo...

- Não se preocupe... –disse Matilde a sorrir. - Agradeço a forma calorosa como me receberam aqui, sobretudo por estarem em família e este ser um espaço ao qual sou estranha.

Todos refutaram a ideia dela, ocuparam os lugares que pelos vistos eram habituais e, só sobrava um lugar junto a Esteban, sendo o outro lugar livre junto a Rocio. Matilde olhou pelo canto do olho e, em segundos percebeu o que ia acontecer. Sabia muito bem antecipar as reacções dos outros quando estava atenta. Era muito observadora e por vezes essa

característica chegava a ser desagradável, porque não conseguia ficar indiferente e deixar a onda passar.

De súbito Irene imiscui-se entre ela e Esteban, como um pedido de desculpas, como se estivesse interessada em tirar uma uva do centro de mesa com o qual Eugénia a enfeitara, e, de repente, deu-lhe um encontrão e atirou-se literalmente para a cadeira junto a Esteban aterrando o rabo com algum estrondo. Rocio, Esteban e Pedro estavam com imensa vontade de rir, mas ninguém se atreveu. Irene era mesmo assim: espalhafatosa e a querer a atenção de Esteban, a qualquer custo. Talvez por isso continuasse solteira apesar da fortuna que possuía. A não ser que arranjasse um marido com mais de setenta anos disposta a aturar-lhe a neurose, o seu estado civil dificilmente se alteraria.

Pelo canto do olho Rocio percebeu as maquinações da amiga para ficar junto ao irmão e sorriu baixando a cabeça para que ninguém percebesse. Irene estava habituada a ter Esteban só para si, nos últimos quatro anos, e a passar com ele algum tempo enquanto ele falava de Krysten e do seu sofrimento. Irene soube aproveitar-se da situação na esperança que ele olhasse para ela de outra forma, mas, mais uma vez, estava enganada. Rocio sabia que a amiga ia sofrer uma desilusão quando se visse confrontada com outra mulher no seu terreiro, e que ela nunca imaginou que surgisse alguém, como Matilde. Portanto, conhecendo-a bem – pensou Rocio - sabia que se fosse necessário passaria por cima de Matilde para chegar até Esteban e, se Matilde não fosse combativa ela conseguia tirá-la de circulação. Irene só não conseguia destronar Pilar. Pilar era outro departamento. Mais sofisticada, mais dissimulada e manhosa. Pilar manobrava a vida de Esteban desde sempre, mas ele fingia não perceber. Contudo, o irmão jamais se interessou por Irene como mulher, o mesmo acontecendo com Pilar apesar de lhe estar grato por ter mudado de Madrid para Maiorca para poder trabalhar com ele. Quando ainda era viva, D. Mariana, a mãe de ambos, alimentava esperanças que o filho casasse com Irene. Irene Terrazas era uma das herdeiras mais ricas da zona de Valência, mas aos quarenta anos ainda estava solteira. Era tida como uma mulher que lidava com os empregados com tenacidade, amiga dos seus amigos e doce com as crianças. Já com os homens a história era sempre complicada. Casados ou comprometidos era onde recaía a sua escolha. O seu carácter histriónico era por demais evidente, apesar de ser uma mulher culta e inteligente e, para que um homem conseguisse estar

mais do que algumas horas na sua companhia tinha que possuir nervos de aço ou ficar atesoado pelas pernas compridas e bem torneadas que ela fazia questão de exhibir, sem nunca lhe tocar. Assim que percebiam que ela não passava de uma sedutora e não deixava nenhum homem aproximar-se o suficiente para a levar para a cama passavam a evitá-la como se evita a peste. Na verdade Irene apenas queria afecto, não queria sexo, e o seu interesse em Esteban era apenas na fama e projecção que isso lhe pudesse dar.

Rocio e o marido Pedro, ajudavam os filhos, Miguel e Javier com a refeição, e Esteban com Juan. Os três rapazes, sensivelmente da mesma idade, ocupavam os pais na educação e nos cuidados deixando pouco espaço para conversas à mesa. Sobravam Irene e Matilde que, apesar de afastadas, não impedia que Irene fosse olhando para Matilde com ar de triunfo pelo facto de estar sentada ao lado de Esteban, coisa com que Matilde não estava nada preocupada. Esteban observava Matilde enquanto ajudava o filho a cortar os pedaços de comida e sorria-lhe. Pela primeira vez em quatro anos, sentia desejo e interesse por uma mulher. Começava a gostar da calma dela, do sentido de humor e até do lado trapalhão que já lhe tinha observado várias vezes. Matilde, quando estava nervosa era um desastre em pessoa. Sentia pena que se tivessem encontrado em circunstâncias tão penosas para ela. Ia tentar segurá-la ali o maior tempo possível até se conhecerem melhor, nem que para isso tivesse que usar todos os meios que lhe surgissem. No entanto, agora não a podia deixar partir e ela não podia saber porquê. Matilde ignorava o que se passava à sua volta e ele prometera protegê-la. Promessas são para cumprir e esta ia ser um prazer.

**

- Contas-me uma história?- pediu o pequeno Juan a Matilde assim que o jantar terminou.

Matilde olhou para Esteban que lhe sorriu e fez sinal para avançar. Matilde saiu da mesa com Juan a puxá-la pela mão até à escada de acesso ao primeiro andar, acompanhada por Rocio que também, levava os gémeos para os deitar. As crianças estavam esgotadas de tanta actividade.

Percebendo que ia ficar com Esteban só para si, Irene, regozijou.

- Na cidade não gastam tanta energia, isto é um paraíso para as crianças.- disse Rocio para Matilde enquanto subiam pela escadaria de

mármore rosa polido, com uma passadeira vermelha incrustada para abafar os passos dos sapatos e proteger a pedra do desgaste.

As duas mulheres começavam a estabelecer uma relação empática, sem muita conversa. Matilde reconhecia-lhe a mesma generosidade e abertura aos outros que o irmão possuía, e Rocio conseguiu ver para além da beleza dela e vislumbrou uma mulher simples na forma de ser, mas decidida e muito afectuosa, aquilo que o irmão precisava. Mas, sobretudo, gostou da forma como a viu lidar com Irene. Manteve a pose e deixou a outra fazer uma figura ridícula, coisa que Irene fazia muito bem sem precisar de ajuda. Por vezes Rocio sentia pena da amiga, mas já perdera a esperança de a mudar. Aos quarenta anos é muito difícil por alguém a pensar, sobretudo quando a pessoa não quer, e Irene não queria, a arrogância e a fuga para a frente, impedia-a de se olhar a si própria.

- Nem só para as crianças – acrescentou Matilde já no cimo das escadas - adoro o Castillo e só estou aqui há uma semana. Sempre gostei do campo e do ar livre e estava nos meus planos, que foram interrompidos, viver numa zona rural. – deixou escapar.

Rocio sorriu e pensou que uma mulher que adorasse o Castillo era o mesmo que adorar o irmão, a batalha contra Irene estava ganha. Irene detestava o campo e todo e qualquer bicho que por ali andasse, desde um pequeno lagarto até ao mais insignificante mosquito. Fechava-se em casa dias inteiros e só suportava as estadias de fim-de-semana na esperança de conquistar Esteban. Rocio convidava-a amiúde porque tinha pena da solidão em que a amiga de infância vivia e, por detrás daquela mulher histérica e exuberante, estava um coração bom. Irene doava muito dinheiro a instituições que acolhiam crianças abandonadas e fazia voluntariado nesses lares, mas poucas pessoas conheciam este lado.

Enquanto o pequeno Juan lavou os dentes e vestiu o pijama, Matilde escolheu um livro da prateleira onde estavam um conjunto de histórias infantis, para lhe ler uma. Embora o menino já soubesse ler e escrever, notava-se a carência afectiva, falta de mãe e sempre que tinha uma figura feminina responsiva por perto, como Matilde era com ele, aproveitava para se aproximar. Embora Esteban fosse um pai extremoso não conseguia colmatar o colo de uma mãe.

Consciente que o menino estava a usá-la como mãe substituta, Matilde anuiu de boa vontade. Juan pegou num urso de peluche castanho e deitou-se na cama entre os lençóis de algodão frescos e brancos. O cabelo

negro da criança contrastava com a alvura da almofada e Matilde sorriu. Era assim que imaginou estar um dia com os seus filhos.

- Não quero que me leias um livro. Conta-me uma história tua. – disse determinado a conhecer melhor a mulher que estava ali. Apesar de ser criança percebeu que o pai gostava dela, e ele também.

Matilde despenteou-lhe os caracóis negros com um gesto de ternura, riu-se e deu-lhe um beijo na face. Juan tinha muitas semelhanças físicas com o pai. Cabelo escuro – como Esteban devia ter tido outrora –, olhos castanhos e um sorriso encantador. Sabia cativar os outros, tal como o pai.

- Está bem, vou tentar. Sabes, quando era estudante sonhava que um dia ia ser escritora e um dia escrevi um livro para crianças, que não chegou a ser publicado. Vamos ver se ainda me lembro da primeira história.

Fez uma pausa e fingiu estar a pensar com força num esforço de se recordar ao qual o rapazito estava muito atento.

- Então cá vai. Era uma vez um pequeno príncipe que vivia num reino onde só as crianças mandavam...

Em meia hora Juan adormeceu. Matilde acendeu a luz de presença, ajeitou-lhe os lençóis e saiu do quarto de mansinho, descendo as escadas em bicos dos pés e com rapidez. Queria refugiar-se no anexo rapidamente. Não estava para aturar os maus humores da espanhola cavalona, e sentia-se cansada da viagem. Ao descer as escadas foi reparando com mais pormenor nos quadros pendurados nas paredes. Originais, conhecia-os bem do tempo em que estudou história da arte e, recordava-se de terem sido arrematados na leiloeira há uns cinco anos por uma mulher que ninguém conhecia. Eram de pintores contemporâneos mas já a cotação no mercado era muito alta. Será que Esteban os tinha no seguro e ligados a algum sistema de alarme. Parou junto a um pequeno quadro de Paula Rego, pintora portuguesa radicada em Londres há muitos anos, e espreitou para debaixo da moldura. Lá estava o fio quase imperecível do alarme. Ainda se recordava da primeira vez que visitou o museu da Gulbenkian com os pais e tocou com as mãos numa pintura antiga que o colecionador comprou durante a sua vida, para sentir a textura com ligeiros relevos de tinta. Em segundos estava rodeada de seguranças e gerou-se um burburinho na sala de arte antiga. Os pais apanharam uma vergonha à sua conta e o gesto inocente valeu-lhe um valente ralhete da mãe. O pai como sempre ria-se das suas travessuras. Quando era criança, era uma

verdadeira pestinha, muito diferente da irmã Rosamaria, mais calada e introspectiva.

Para evitar passar pelo escritório de Esteban e pelo quadro de Krysten saiu pela porta da frente e rodeou o edifício principal percorrendo os cerca de duzentos metros do jardim até ao anexo. O que mais desejava naquele momento era um copo de Porto, doce e reconfortante, e deitar-se para esquecer os incidentes diários. Foram demasiadas emoções para um só dia. Ao aproximar-se do alpendre exterior, iluminado pela luz do luar e pelos candeeiros solares dispostos ao longo da passadeira de pedra, viu Esteban sentado numa das cadeiras de bambu.

Pelos vistos as emoções iam continuar. Ele levantou-se assim que a viu.

- Estava à tua espera. Obrigado pela atenção que dás a Juan...mas temos que falar sobre um assunto que te diz respeito.

- Quanto ao Juan, não tens que agradecer, é um prazer estar com o teu filho.

- Eu sei. Já vi como ele está apaixonado por ti.

- Esteban, não seria melhor deixarmos as coisas como estão?

Matilde estava a assustar-se com o andamento da situação entre os dois. Não queria nem podia envolver-se com o patrão, embora fosse um trabalho temporário e ele a tratasse quase como uma amiga...uma amiga especial.

- Não estás a entender Matilde. Não tem nada a ver connosco. São assuntos mais graves. Vamos entrar em casa. Não quero correr o risco de sermos ouvidos por alguém.

Matilde seguiu-o muito intrigada. Esteban parecia estar a falar por enigmas. Tantos cuidados com ela? António mandou-a ir para casa de Esteban e não sair de lá. Esteban tinha algo para lhe dizer que não envolvia a atracção que os dois sentiam um pelo outro. Muito estranho – pensou enquanto trancava a porta atrás de si.

Esteban não podia revelar-lhe ter recebido um telefonema da polícia internacional a perguntar-lhe se Matilde Vidal, funcionária de uma sociedade de leilões sediada em Londres estava em sua casa. Tinham informações da polícia espanhola que confirmavam isso. Esteban não pode deixar de perguntar qual era o assunto e o inspector que pediu para manter o assunto confidencial, disse que estava relacionado com roubo de obras

de arte, mas que Matilde por enquanto era apenas suspeita e pediam-lhe que a retivesse ali até ser visitada por um agente da Interpol.

Foi um choque receber aquela notícia, mas teve esperança que tudo não passaria de um equívoco, confiava nela e sabia que era inocente, embora a conhecesse há pouco tempo.

Esteban sentou-se na poltrona aos quadrados azuis junto à janela que dava para a varanda, e indicou-lhe que se sentasse na sua frente. O ar era sério.

- Gostava que me contasses um pouco sobre o teu anterior trabalho... se quiseses. Não és obrigada. Mas tenho mesmo muita curiosidade.

Matilde era tudo menos ingénua, só o fora em relação ao noivo, mas já se desculpara a si própria; alguma coisa estava a suceder que ela desconhecia.

- Bom, percebo o teu interesse mas primeiro vais-me responder a uma pergunta. Depois podes perguntar o que quiseses. Há problemas com a leiloeira não há? Sabes coisas que eu não sei?

Esteban riu-se. Ela era muito perspicaz.

- Já são duas perguntas. A resposta é sim às duas. Como é que foste trabalhar com eles?

- Bem...- fez uma pausa e respirou fundo – vou ter que falar em assuntos que não queria, mas está bem – anuiu – alguma vez tinha que te contar. Foi através do meu ex-noivo. Quando tu me encontraste naquele estado, transtornada, em Palma, tinha terminado a cerimónia do meu casamento no dia anterior, fugindo da igreja.

Duas horas depois Esteban sabia o que motivara a saída de Matilde de Lisboa, a sua recusa em voltar para Londres, e também sabia que ela fora envolvida em algo de dimensões gigantescas e que não tinha noção disso. Provavelmente um dos sócios da leiloeira não era honesto e trabalhava com contrabando de obras de arte e, como Matilde era a secretária deviam querer interrogá-la.

- E esse teu noivo era sócio desse Allen há muito tempo?

Matilde não sabia. Na verdade nunca se tinha preocupado em fazer muitas perguntas. Pagavam-lhe bem, era tratada com muita consideração, viajava, portanto era um emprego bom.

- Na verdade não sei. Sabes, cada vez sei menos, e aquilo que me parecia certo e seguro há um mês atrás, agora só me levanta dúvidas. Nem sempre leiloávamos obras de primeira categoria, mas ganhávamos bom

dinheiro, pelo menos era o que Allen dizia. Nunca tive acesso a contas para poder confirmar, ou infirmar esse facto, mas eles viviam muito bem. António comprou uma casa no campo no Condado de Worcestershire onde iríamos morar depois de casados. Allen é dono de muitos imóveis em todo o Reino Unido, viaja muito, compra coisas caras...mas sempre me pareceu tudo normal...quer dizer, quase tudo.

Esteban já percebera que ela vivera na ignorância todos aqueles anos e se tivesse feito alguma coisa ilícita era por desconhecimento. Portanto, não iria dar demasiada importância ao assunto. Restava apenas uma pergunta.

- Tens alguma coisa contigo, aqui, que seja valiosa, antiga e que interesse a algum contrabandista de arte?

Ela ficou atónita com a pergunta e sacudiu a cabeça em sinal de negação. Sem ser as suas roupas, o computador e alguns livros não tinha mais nada.

- Sou acusada de alguma coisa? – perguntou aflita.

- Não. Ainda não. Mas é melhor ficares por aqui nos próximos dias.

Matilde sabia agora que o quadro que António lhe oferecera não era apenas uma cópia. Nunca ouvira falar de uma cópia tão valiosa. Eram demasiadas coincidências, em torno dela e aquele alemão tinha alguma coisa a ver com o assunto. Suspeitava que Stef fazia parte de algo que envolvia a leiloeira.

- Vou ficar por aqui, mas começo a perceber o que se passa. Só resta saber quem é o quê, porque nesta história ninguém parece o que é. - teve noção que estava a ser confusa. - Desculpa, sei que é confuso, mas agora não quero falar mais nisso. Estou esgotada e com dor de cabeça. Vou deitar-me se não te importas.

Esteban percebeu a deixa e prontificou-se a sair, embora o seu desejo fosse ficar ali com ela. Deitar-se a seu lado e...os seus olhos deviam dizer tudo. Matilde olhou para ele e percebeu. Sabia-lhe bem ter um ombro onde se encostar e um corpo quente de homem para a acolher, mas estaria a enganar-se a si própria. Esteban amava a mulher do quadro e, quando olhava para ela, era Krysten que via.

Ele aproximou-se dela, pegou-lhe nas duas mãos e levou-as aos lábios beijando-as para de seguida a abraçar com muita ternura. Ela deixou. Encostou a cabeça no peito dele e se não fosse o espectro da falecida entre os dois, tinha a certeza que se envolvia com ele naquele momento.

- Até amanhã. Dorme bem.- e deu-lhe um beijo na testa. Sabia que se lhe desse um beijo na face, não ficaria por ali, e escorregaria até aos seus lábios e, seria mais difícil não prosseguir com os seus desejos.

- Cheiras maravilhosamente. – voltou a abraçá-la com ternura, descendo as mãos até à cintura de Matilde, estreitando-a contra si. - Encontramo-nos ao pequeno-almoço lá em casa.

E saiu com o desejo a aflorar e recomendando-lhe que trancasse as portas e as janelas. Enquanto caminhava pelo jardim, não pode deixar de pensar que aquela confusão vinha em bom tempo. Servia para reter Matilde ali, e, quanto mais tempo permanecesse na casa, mais hipóteses tinha de a conquistar.

Era quarta-feira e, depois da conversa intrigante sobre o seu anterior trabalho – e no fundo sobre a sua vida – não tiveram mais oportunidade de estarem a sós. Na verdade Matilde refugiou-se muito na sua solidão, durante o que restou do fim-de-semana e nos dias seguintes Esteban saiu segunda-feira e ainda não voltara. Para além das aulas e da escrita, tinha alguns negócios no ramo dos vinhos – segundo a tinha informado Eugénia - que requeriam a sua atenção com alguma frequência. Sabia que ele estava bem porque o ouvia a falar com Juan antes da hora de jantar. Várias vezes deu por si a pensar nele e em como gostaria de receber uma mensagem, qualquer coisa, que lho trouxesse de volta. Mas Esteban quedou-se mudo para ela, depois do fim-de-semana.

Matilde refugiou-se no trabalho e só Eugénia ou Emília a conseguiam tirar da torre. Grande parte das caixas já estava organizada e catalogada. Com o material que encontrou Esteban podia escrever um novo romance. Aquela família tinha segredos de alcova, cujas testemunhas mudas e inertes com a passagem dos séculos, eram apenas aquelas caixas cuidadosamente preservadas por ele.

A manhã foi proveitosa e um deleite para os seus sentidos de escritora falhada. A cada caixa que abria ia sorrindo como se tivesse desenterrado o maior tesouro do mundo. Pedacos de papel amarelos, manuscritos, contavam como viveram os ocupantes daquela casa ao longo de dois séculos. Confidências trocadas entre amigas, no tempo em que as meninas de sociedade falavam em código sobre amores secretos, contas de mercadorias vindas do continente datadas do final do século dezanove, mapas das propriedades da família, cartas de familiares distantes, promessas de casamentos, entre outras relíquias, foi o espólio recolhido em quatro horas mergulhada na história de uma família antiga. Suspirou

de satisfação e de cansaço. Desceu da torre para almoçar e fazer a siesta, e aproveitar essa pausa para falar com a irmã ou com Marta. Recusou o convite da governanta de almoçar na sala da casa principal e levou o almoço preparado até ao anexo. Queria saber notícias do mundo. Ligou a televisão da sala enquanto saboreava uma deliciosa sopa e salada acompanhada de porcella.

A sopa estava divinal e só mesmo o sabor e o aroma a faziam comer. Andava sem fome e suspeitava que tinha emagrecido alguns quilos. A roupa ficava-lhe folgada na cintura e as covinhas da face aprofundaram-se.

Nas notícias internacionais nada de novo. A crise continuava em Portugal, os jovens saíam do país às dezenas por dia e pronto, «a oeste nada de novo» como no famoso romance de Erich Maria Remarque.

Continuou a comer a porcella assada e a palavra Londres, proferida pelo apresentador das notícias despertou-lhe a curiosidade. A polícia de Londres participava o roubo de um quadro original de Lautrec, da casa de um casal octogenário que vivia no sul de França. O quadro avaliado num milhão de euros era uma das primeiras obras do pintor. A polícia acreditava – segundo dizia o apresentador - que o quadro esteve algum tempo em Londres saindo depois do país para parte incerta. A polícia internacional estava a envidar esforços para localizar o quadro e o responsável pelo roubo.

Parecia que o sangue lhe fugira de repente do corpo. A cabeça zonz e as pernas sem força impediam-na de pensar. Abalada, encostou a cabeça no sofá e esperou que a maldita tontura passasse. Reconhecia os sinais de ansiedade. Sempre que algo a transtornava ficava naquele estado alguns minutos.

**

Era demasiada coincidência. Havia hipótese de serem dois quadros diferentes? O que é que podia fazer agora? Telefonar ao pai e alarmá-lo ainda mais? Mas o pai era advogado, devia saber o que fazer. Perguntar a António onde fora desencantar aquela «cópia» do quadro? Estava incapaz de tomar uma decisão racional. Precisava de falar com alguém, mas não podia. Agora tinha a certeza que António era um ladrão de quadros. Oh Deus! Que mais a vida lhe reservaria. Resolveu esperar. Não foi isso que Esteban lhe pediu para fazer? Ele devia saber mais do que contava.

Lavou a louça utilizada no almoço e refugiou-se outra vez na torre de volta das caixas. A comoção que sofreu tirou-lhe a moleza que sentia antes

de almoço. Começou a trabalhar com afinco para apagar a ansiedade que a descoberta lhe causou: era cúmplice num roubo.

Olhou para a prateleira e escolheu uma caixa mais recente ao acaso. Parecia nova, pelo menos era deste século, disso tinha a certeza. Aliás, destoava do ar amarelecido das restantes. Quase todas as caixas estavam presas por um laço de fita de seda menos aquela. Como é que ainda não tinha reparado naquela caixa de cartão com um padrão de rosas miudinhas, muito feminina. Tirou-a da prateleira, colocou-a em cima da carpete castanha e macia que cobria todo o chão da torre, e sentou-se de pernas cruzadas junto à caixa. Sentiu um frenesim nas mãos. Mais um tesouro que ia descobrir. Abriu a tampa com cuidado, como se esperasse sair dali algo vivo, como se o tempo pudesse tomar vida e espreitou para o interior.

Três molhos de cartas que em nada acusavam o desgaste do tempo estavam amontoados, separados por elásticos coloridos. Deviam ser mais de trinta a avaliar pelo volume. Matilde pegou numa delas. Endereçada a Krysten Vega. Desfez os maços de cartas e todas eram endereçadas à falecida mulher de Esteban. Sem remetente. Deveriam ser correspondência trocada entre Esteban e Krysten, que talvez quisesse preservar a memória dela para o filho, através da estória do amor dos dois. Era estranho estarem ali. Esteban confidenciara-lhe que há anos não entrava na torre, era Pilar a secretária que organizava tudo. Abriu uma carta de forma aleatória e começou a ler. Não conseguia resistir, apesar de saber que era um comportamento de voyeur. Que se lixe. Agora ia saber o que estava escrito naquelas cartas sem remetente. Pegou na folha dobrada em quatro e abriu-a com cuidado. Tratou-a como se fosse um objecto precioso que a qualquer momento se poderia quebrar.

Escrita à mão, com caneta de aparo e tinta, letra feminina e bem desenhada, alguém que teria aprendido caligrafia antiga. Parecia uma carta de um rei do século XVII para uma das suas amantes, divagou Matilde.

Minha querida Krysten,

Não vejo a hora de nos encontrarmos a sós com a ajuda da nossa aliada. Nem imagina como sofro de a ver casada e nas mãos desse algoz que não a ama e apenas quer viver da sua glória. Dentro em breve revelarei a minha identidade.

Com muito amor

O seu admirador secreto.

Um calafrio subiu-lhe pela espinha dorsal. Krysten tinha sido infiel ao marido? Rapidamente se arrependeu desse pensamento. Não sabia se era verdade. Havia mais umas dezenas de cartas por ler. Colocou a carta no envelope e tirou outra à sorte para ler.

O conteúdo era idêntico só que agora revelava pormenores da vida de Krysten com o marido. Um enigma. Durante duas horas Matilde abriu e fechou cartas e tentou encontrar uma resposta para aquele mistério. Nada. Parecia um filme de terror. Alguém andava a espiar a mulher e a fazer pressão para que se encontrasse com alguém, que não queria revelar a sua identidade, mas parecia conhecer a vida do casal com bastante detalhe. O que parecia ser um admirador secreto não o era de certeza.

Será que Esteban era capaz de enlouquecer a mulher e levá-la a suicidar-se? Ficou tão embrenhada na sua descoberta e nas conjecturas que até se esqueceu dos seus problemas com o quadro e nem ouviu bater à porta. Eugénia estava parada em frente à porta com uma bandeja com chá, pão e bolos.

- A senhorita precisa comer, está muito magrinha. - e pousou o tabuleiro em cima da mesa em frente à janela aberta para deixar entrar o ar morno do fim de tarde.

Já que Eugénia estava ali, ia armar-se em Miss Marple. Guardou as cartas na caixa, fechou-a rapidamente antes que a governanta as visse e sentou-se na cadeira junto à mesa.

- Faça-me companhia senhora Eugénia.- pediu.

A mulher negou mas depois de Matilde tanto insistir acabou por se sentar e servir as duas com chá e pão quente com *mantequilla*.

- O senhor Esteban deve ter sido muito feliz com a falecida esposa.- observou esperando que a governanta mordesse a isca lançada.

- Foi sim. Era um regalo ver a paixão dos dois. Ninguém entende porque é que ela caiu pela ribanceira com o carro. Nunca brigavam. Quem não gostava dela, aliás era mútuo – enfatizou - era a Dona Pilar. A secretária do professor nunca se deu bem com a senhora. Odiavam-se.

- Estranho...mas por algum motivo especial?- perguntou de forma descontraída, correndo o risco de Eugénia a achar uma bisbilhoteira e fechar-se sem revelar mais nada.

Mas Eugénia tinha simpatizado com Matilde assim que a viu a primeira vez. Parecia-lhe estar na presença de Krysten. A semelhança física era muita. Mas pouco tempo depois percebeu que Matilde era

reservada, calma e doce, enquanto Krysten era mais alegre e esfuziante. Portanto, muito diferentes. Eugénia sabia reconhecer uma pessoa honesta e com bom coração e a simplicidade de Matilde conquistou-a, sobretudo quando observou a forma como ela estava com o pequeno Juan. O menino corria para ela assim que chegava da escola e só a largava na hora de dormir.

- O motivo foi sempre mais que evidente. Só o senhor Esteban não queria ver porque nunca olhou para a Dona Pilar dessa forma. Sabe, Dona Pilar Salcedo mudou a vida dela quanto vieram morar aqui no Castillo. Propôs-se a mudar de Madrid para Maiorca só para ficar perto dele apesar do senhor nunca lhe pedir isso. Quando ela percebeu que ele ia casar foi um descalabro.

Matilde mantinha-se muito calada a ouvir as explicações da mulher.

- Mas já estou a falar demais. Desculpe a minha indiscrição, mas cá entre nós, todos os empregados ficaram felizes de verem Pilar partir de férias, o que também achámos estranho. Há dois anos que ela não saía daqui.

Realmente Eugénia não era discreta, mas Matilde também compreendeu que devia ser a primeira vez que ela podia desabafar com alguém acerca do assunto. Manteve-se muito interessada no que ela dizia e no assunto enquanto bebericavam chá.

- O senhor Esteban não é homem de se imiscuir em zaragatas de mulheres e a senhora era muito tolerante com os empregados, só Pilar tinha este comportamento connosco, parecendo a dona da casa. Naquele dia, aquele maldito dia, eles discutiram muito e nós ficamos muito assustados. Foi a única discussão que ouvimos em mais de cinco anos que ela aqui viveu.- o semblante da mulher ficou triste de repente.

- Ainda tenho os gritos do senhor a chamá-la enquanto ela saía pelo portão a toda a velocidade. Passadas duas horas a notícia da tragédia chegou. Durante mais de dois anos apenas sorriu para o filho e passava muito tempo fechado no escritório a chorar, para que ninguém visse o seu sofrimento.- continuou Eugénia. – Dona Rocio foi o amparo dele. Quase todos os fins de semana voavam para aqui e até o irmão mais velho, que não é muito próximo, passou aqui bastante tempo para cuidarem do menino.

Matilde ia abanando a cabeça em sinal de quem escuta atentamente. Não foi necessário usar nenhum ardil para obter mais informação, Eugénia

falava espontaneamente.

- O quadro da senhora estava no escritório, só há dois anos foi retirado para o corredor. Nós entendemos esse gesto como um sinal de que o desgosto tinha abrandado. Depois, voltou à vida normal. Começou a escrever, apesar de as pessoas pensarem que não, e foi aí que os desentendimentos com Dona Pilar se tornaram mais visíveis. Não sabemos porquê, mas parece que o senhor perdeu a confiança nela.

De repente Eugénia levou as mãos à cabeça em sinal de arrependimento. Estava a fazer algo que nunca se atrevera a fazer em mais de dez anos de trabalho para o professor: a falar da sua vida.

- Desculpe menina, não sei que me deu. Não fique a pensar mal de mim, pode não acreditar, mas nunca falei da vida do professor com ninguém e olhe que bastante fui abordada por jornalistas, sobretudo na época que a senhora faleceu. Obrigado por me ouvir. Precisava de deitar para fora tudo isto, nem com a minha família falei no que aconteceu aqui. O cerco que os jornais e as televisões faziam, era tão incómodo que preferi manter a minha família ignorante, sobre a tragédia, pelo menos não foram incomodados.

- Não se preocupe Eugénia, fui eu que perguntei. – sossegou-a fazendo-lhe um afago no braço. – E vou guardar o seu segredo.

- Todos já vimos o interesse dele em si...- disse com alguma timidez, mas denotando aprovação.

Eugénia era competente, atenta às necessidades dos outros e notava-se que gostava muito do patrão e do filho dele a quem ajudava a criar. Depois que a mãe do garoto morreu era ela que cuidava dele a maior parte do tempo. A experiência como mãe e avó permitiam-lhe lidar com o sofrimento da criança e até do pai. Enxugou lágrimas de birras quando sabia que eram saudades da mãe, embalou-o para dormir quando os pesadelos o assolavam noite após noite. Ajudou Esteban a lamber as feridas com muita paciência como se fosse mãe dele. Ouvia-o a chorar e leva-lhe chá de camomila e algumas vezes um ansiolítico para que o filho não o visse tão triste. Eugénia era uma mulher de estatura média a rondar os sessenta anos e governanta da casa desde que Esteban fora morar para a ilha, ainda solteiro. Fazia parte da família como Matilde já tinha constatado.

- Foram tempos difíceis, mas felizmente estão a passar.- e levantou-se recolhendo o tabuleiro regressando de novo aos seus afazeres, agradecendo

de novo a Matilde, a paciência de a ouvir.

**

Esteban estava há dois dias fora de casa e as saudades do filho apertavam e, para ser honesto, sentia falta de Matilde e de olhar para ela. Queria voltar a publicar, tinha um livro pronto mas ia mudar de editora, não estava satisfeito com o resultado das vendas dos livros na anterior, ou o estavam a enganar ou alguém andava a boicotar o processo.

O encontro com o editor naquela tarde em que Matilde esbarrou nele, não chegou a acontecer porque se esqueceu literalmente do homem depois que a viu. As semelhanças físicas deixaram-no cego ao ponto de esquecer o mundo à sua volta. Mas bastou alguns momentos na companhia dela para perceber que eram apenas semelhanças físicas. As duas mulheres não podiam ser mais diferentes. Enquanto Krysten era um vulcão – tendo acalmado com o nascimento do filho – Matilde era um mar de tranquilidade, embora tenha um lado muito desastrado em momentos de tensão, mas Esteban reconhecia-lhe a inteligência emocional que faltava a Krysten. Matilde era muito sagaz nas suas análises das situações. Era inevitável comparar as duas mulheres mesmo lutando contra si próprio para não o fazer. Nos últimos dois dias marcou o número dela várias vezes e desistiu da chamada, ou escreveu uma mensagem que não chegou a enviar. Pressioná-la era o caminho para a expulsar da sua vida, mas também queria perceber se ela sentia a falta dele.

Depois de António o ter contactado e pô-lo ao corrente do que se passava, percebera que ele tinha perdido uma grande mulher. O ex-noivo não passava de um asno, mas o facto de querer protegê-la era um ponto a seu favor. Esteban percebeu que Matilde não perdoava uma traição e, nesse aspecto eram parecidos. Até hoje vivia com a dúvida se Krysten o tinha traído, mas as evidências eram enormes. As viagens frequentes a Madrid, a vontade de voltar a trabalhar depois de Juan ter nascido... tudo indicava que existia alguém na vida dela que ele desconhecia. Tornara-se estranha e taciturna e perguntava inúmeras vezes se ele ainda a amava. Naquela manhã, quando Pilar lhe disse que Krysten ia a Madrid de novo para um encontro com um agente e não o informou, perdeu a cabeça. A discussão foi feia, ela negou a ida a Madrid, mesmo depois de lhe mostrar uma fotocópia do documento do documento de embarque. Se Pilar não lhe mostrasse a passagem de avião, não acreditava e, mais tarde, a carta que

recebeu, aquela maldita carta, não deixaram grandes dúvidas sobre a conduta de Krysten.

O tempo curou-lhe as feridas e jamais iria denegrir a imagem da mãe do seu filho, por uma questão de princípios e solidariedade com aquela criança que amava incondicionalmente, a memória de Krysten iria permanecer intacta a todo o custo, para que Juan colocasse a mãe no pedestal onde as boas mães merecem ser colocadas. Contudo, na relação dos dois, Krysten veio a revelar-se um desastre no último ano de casamento. Agradecia-lhe a dádiva de lhe ter dado um filho que ele adorava e ela também.

Esteban abriu o portão de ferro com o comando automático, entrou com o carro no enorme jardim fronteiro à casa onde predominavam sardinheiras coloridas a caírem dos potes de barro, junto à parede; buganvílias rosa e brancas a treparem pelos muros que delimitavam o acesso à casa, emprestando ao ambiente um ar de jardim suspenso da Babilónia.

Estava em casa, era ali o seu paraíso, e agora tinha mais um motivo para voltar. Ao sair do carro levantou o olhar para a torre onde sabia que era provável que ela estivesse a trabalhar, na esperança de a ver à janela. Hoje tinha outra proposta para lhe fazer: ser ela a revisar e editar os seus livros a partir do momento em que acabasse a tarefa que lhe tinha proposto. Mal tirou o saco de viagem do carro e uma figura pequena saiu a correr de dentro de casa em direcção a ele de braços abertos.

- Papá! Papá!

O rapaz trepou para o colo do pai, pendurando-se no seu pescoço e dando-lhe um abraço apertado.

- Que saudades do meu pequeno príncipe! - disse Esteban enquanto o beijava e abraçava.

Aquela criança era a sua vida. Por ele fazia tudo.

Entrou em casa com o filho ao colo e entregou o saco a Emília que de imediato desapareceu com ele na direcção da zona de serviço.

Juan saltou do colo do pai e pegou-lhe pela mão puxando-o na direcção do jardim onde há mais de meia hora brincava com Matilde e com Pablo, o cão. Estava até suado de tanto correr.

Esteban sentiu-se literalmente arrastado até à zona do pequeno lago onde a vislumbrou sentada num dos bancos de granito polido.

Matilde estava linda na sua simplicidade. Tinha o cabelo preso ao alto da cabeça num rabo-de-cavalo e vestia umas calças vermelhas justas com uma túnica branca de linho. Na face nem sombra de maquilhagem. Não precisava. O seu tom de pele era perfeito e liso. Esteban sentiu o coração a acelerar. Estava tão feliz de a ver ali mas tinha um pavor enorme que ela partisse. Sabia que quando a confusão em que ela estava metida se deslindasse nada a reteria ali, talvez nem ele, mesmo que se amassem. Matilde estava ferida.

Esteban estava apaixonado. Jamais imaginou apaixonar-se naquela idade e depois da morte de Krysten deixou de ter lugar para mulheres na sua vida. Mas aquele encontro accidental na cidade de Palma de Maiorca, mudou por completo essa decisão. Queria Matilde ali, consigo. Tinha quarenta e três anos e metade da tenacidade que tinha aos vinte, não sabia se conseguia convencê-la a ficar. A vida vencera-o aos poucos.

-Olá.- disse sentando-se a seu lado no banco, enquanto Juan voltava a atirar a bola de ténis ao cão para que ele lha trouxesse de volta.

-Olá.- respondeu Matilde com um sorriso sentindo o coração acelerar.

- Estamos aqui a brincar há algum tempo, a alegria dele faz-me bem. Tornamo-nos bons companheiros na tua ausência.

- Já percebi. Devo ter ciúmes?

- Tonto. Achas que o teu filho te substitui?

- Não. Tenho medo que tu me substituas.

- Pelo teu filho?

- Não. Não quero perder-te. Sinto que te conheço, sinto que nos conheço. Entendes?

Matilde olhou para ele com ternura e gratidão. Esteban tinha aquilo que faltava a António. Desejava atirar-se-lhe no colo e beijá-lo desde há dois dias, quando começou a olhar para ele de outra forma, mas com António nunca chegara a ter loucuras desse tipo. Era tudo tão certinho que até o sexo tinha hora marcada. Mas Esteban ainda não tinha esquecido a esposa, portanto, era conveniente não se iludir. Havia ainda uma tarefa a cumprir: contar -lhe o que descobrira nas caixas, embora não soubesse como fazê-lo ainda. Temia levantar assuntos que mais valia ficarem esquecidos.

**

Fazia uma boa meia hora que estavam sentados no banco e depois de Esteban quase se ter declarado a Matilde, ficaram calados, juntinhos,

ombros encostados, mas sem proferirem qualquer som. O silêncio da natureza e o sol do fim de tarde quase a pôr-se no horizonte dava um ar mágico ao lugar. Os dois fervilhavam de emoções por dentro. Matilde não tinha coragem de adiantar conversa. Sabia onde isso a levaria.

- Estou feliz por te ver.- disse finalmente Esteban olhando para ela.

- Eu também.

Entretanto, Eugénia apareceu para levar Juan, interrompendo a conversa que mal começara. Estava na hora do banho do final do dia. Sob protestos o menino acompanhou-a.

- É uma idade complicada, se pudesse nunca tomava banho. E que tens feito nestes dois dias em que estive ausente?

- Está quase pronto, o trabalho. – disse Matilde, mudando de assunto.

- Afinal demorou menos tempo do que esperava. Penso que depois de amanhã está tudo catalogado e arrumado. Depois explico-te os achados que fiz. Dava para escrever um livro daqueles com pormenores sórdidos.

- A sério? Sempre suspeitei que descendia de uma família de...gente com histórias escondidas. – disse a rir. - Podes explicar-me melhor logo depois de jantar. Jantas comigo e com Juan. – disse sem margem para ela recusar.

- Aceito obrigado.

Sentia-se feliz pelo convite e por ele estar ali.

- Já alguém te disse que és linda?

- Infelizmente já, e não é coisa que me traga boas recordações. Mas tu não tens nada que ver com isso, portanto agradeço o elogio. Porque entendo que é um elogio.

Esteban ficou a ouvi-la sem no entanto fazer qualquer pergunta.

- É sim, e lamento a minha falta de originalidade.- e nisto passou-lhe o braço pelos ombros e num impulso beijou-lhe a face.

Matilde fechou os olhos e sentiu aquele perfume que inebriava. Queria mais e sentia que ele também. Levantou-se suavemente, ficou na sua frente e pegou-lhe nas mãos ao mesmo tempo que o olhava. Ele era tão... homem. Como é que não tinha visto ainda que ele punha as mulheres loucas, embora não precisasse de fazer nada para isso. Esteban emanava um charme natural, não tinha gestos calculados para conquistar as mulheres. Irene e Pilar deviam ser apenas uma amostra da horda de mulheres que deviam gravitar à volta dele. Recordava-se bem de algumas entrevistas que viu do início da carreira dele e de como as pessoas ficavam

fascinadas com a forma como falava de literatura, dos seus conhecimentos dos autores clássicos e de como tinha construído uma forma muito própria de escrever.

Esteban levou alguns anos a aperfeiçoar o seu estilo de escrita. Considerado o escritor do início do século XXI com mais visibilidade e livros vendidos dentro do seu género: o romance histórico sempre baseado em factos do século passado, mantinha-se um homem simples e enigmático. Matilde sentiu-se bem com aquele beijo casto, quase roubado, mas o que viria a seguir podia ser uma decepção. Não queria ocupar um lugar de uma morta.

- Não é boa ideia Esteban. Ambos sabemos que não. - e afastou-se ligeiramente enquanto lhe passava a mão pela face divinamente barbeada e a cheirar a perfume caro.

Esteban sentiu um arrepio e pegou-lhe rapidamente na mão querendo mais, enquanto a avisava com um sorriso nos lábios e um olhar que dizia tudo.

- Não faças isso muitas vezes, se não tens intenção de continuar.- avisou-a. - Se voltares a fazer isso não respondo por mim. Sabes há quantos anos, não tenho o carinho de uma mulher?

Matilde fez uma carranca com a face, dando a entender que não acreditava nele, mas com um tom de troça no olhar.

- É verdade. Acredita. – disse ele.

Matilde riu-se e afastou-se em direcção ao anexo. De costas disse-lhe.

- Encontramo-nos ao jantar, senhor sensível.

Estava a ser provocante. Pela primeira vez na vida atreveu-se a provocar um homem, nunca o tinha feito e apesar de ter tido alguns namorados antes de António, nunca ousou um estilo Mata-Hari, era sempre simples e descontraída e, talvez fosse essa simplicidade que cativava os homens. Já tinha pensado muitas vezes que apesar de nem sempre se achar um deslumbre de mulher, tinha qualquer coisa que os atraía, especialmente os problemáticos e carentes. Mas os tempos em que só pensava nos outros acabaram-se, agora era ela a sua única prioridade. Se Esteban não a amasse, não ficaria com um homem pela metade, queria o pacote todo, tinha direito a ele.

As certezas que António era um traficante de arte estavam confirmadas para Matilde, e Stef fazia parte da organização criminosa, eram cada vez mais claras na mente de Matilde. Mas qual seria o papel de Allen no meio desse mistério? Allen era a integridade em pessoa punha as mãos no fogo por ele e pela honestidade com que a via lidar com as peças dos clientes. Sempre muito claro quanto ao valor do objecto e não enganava o cliente se a peça não valia o que a pessoa esperava. Sabia distinguir como ninguém uma falsificação de um original.

O tema de conversa ao jantar, gravitou à volta das brincadeiras do menino e não houve mais lugar para assuntos pessoais. Terminada refeição, Esteban subiu ao primeiro andar com Juan – que reclamava a presença do pai depois de três dias sem o ver -, e Matilde recolheu-se ao seu anexo.

O medo de novo fracasso amoroso pairava sobre os dois, sem que algum tivesse iniciativa para falar dos seus fantasmas internos. Eram dois pássaros feridos na asa com medo de se aventurarem em novos voos.

Esteban deitou Juan, ouviu o filho sobre as novidades que Juan tinha para contar ao pai e teve que responder a uma pergunta embaraçosa, algo que não esperava. As crianças são impossíveis de enganar e sabem identificar situações que os adultos pensam conseguir esconder.

- Pai. Vais casar com a Matilde? Não quero que ela se vá embora, gosto muito dela. – sorriu ao pai com aquele ar de inocência que Esteban adorava.

Apanhado de surpresa Esteban não respondeu de imediato. Aproximou-se da cama do filho e sentou-se.

Ouvir o filho tocar num ponto tão sensível requeria uma resposta mais cautelosa e honesta. Não podia desiludi-lo.

- Também não quero que ela se vá embora. Mas não sei se ela quer ficar, ainda não lhe perguntei.- respondeu com cuidado.

- E não podes perguntar-lhe? Se tu não perguntares eu pergunto.

Esteban riu com gosto e disse que ele tinha toda a liberdade de o fazer.

O filho era mais persistente a conseguir aquilo que queria do que ele. Recolheu-se ao escritório para fazer uns telefonemas, mas o pensamento acelerado por conta das dúvidas sobre o que ela sentiria por ele, impediam-no de se concentrar. Recordou o seu casamento com Krysten e os momentos de felicidade que passaram juntos, até aquele fatídico dia em que recebeu uma carta anónima – enviada de Madrid - a avisá-lo que a esposa tinha um amante na capital, com quem se encontrava há muito tempo. Esteban não queria acreditar em semelhante injúria, nada o fazia supor que fosse verdade. Partilhavam a vida em todos os sentidos e a intimidade era regular e plena. Como é que podia ser verdade tamanha infâmia?

Esteban recordou-se que, naquela tarde, depois de receber a carta contendo a acusação contra a esposa, Pilar perguntou-lhe o que se passava. Já o conhecia demasiado bem. Esteban acabou por confidenciar-lhe o que o incomodava e Pilar mostrou-lhe o bilhete de avião reservado em nome de Krysten para o dia seguinte. Pilar era a sua secretária de confiança há anos e, apesar de Krysten a detestar, ela permaneceu ao seu serviço, tinha esperança que as duas conseguissem entender-se, e assim não perdia uma profissional dedicada, leal, e excelente no desempenho das suas tarefas, mas hoje, tem dúvidas sobre tudo o que se passou naquela época e até da fidelidade de Pilar. Naquele dia passou algum tempo a conjecturar hipóteses e a andar de um lado para o outro, no escritório, como um leão enjaulado. Não podia deixar passar em branco a situação. Chamou Krysten ao escritório e confrontou-a com os factos. Ela negou tudo e disse que andava a ser chantageada há muito com cartas de um adorado secreto que desconhecia. Esteban não acreditou apesar de ela negar com veemência tudo o que ele dizia. Perguntou-lhe pelas cartas, mas elas tinham desaparecido de forma misteriosa há vários dias, não tinha como provar a sua inocência, mas esperava que o marido acreditasse nela. A discussão foi feia, num tom muito alto e com acusações mútuas. Durante uma hora, os empregados – escondidos na cozinha da casa - rezaram à virgem para que não acontecesse o pior. Quando Esteban lhe estendeu o bilhete de avião com o nome dela e lho colocou na mão a cara de espanto e horror, foi demasiado verdadeira, e sentida. Esteban quase acreditou nela.

Krysten chorou, implorou e gritou negando que não tinha sido ela a reservar o bilhete de avião. Não aguentava tanta pressão e chantagem e, por mais que o amasse tinha que repensar se ia continuar com ele ou não, foram as suas últimas palavras. Saiu a correr em direcção à porta exterior e enfiou-se na garagem trancando a porta por dentro. Esteban gritava e pedia-lhe que abrisse, podiam encontrar uma solução, mas ela já não o ouvia.

Entrou no Audi, ligou a ignição e abriu o portão. Esteban respirou de alívio. Receava o pior: que ela se suicidasse. Assim que a portão eléctrico começou a subir, soltou o ar dos pulmões, entrou de rompante e agarrou-se à porta do carro para a abrir. Krysten acelerou e transpôs o portão a uma velocidade estonteante.

Esteban sabia que ela voltaria dali a horas quando arrefecesse a cabeça e, nessa altura iam esclarecer o assunto. Se não era verdade o que as evidências demonstravam, algo de muito estranho se passava e que saia do controlo dos dois. Não voltou a falar com ela e ainda hoje recorda tudo com dor e alguma culpa. Ter que explicar ao filho que a mãe não voltava, foi a tarefa mais difícil que um pai pode ter. Pilar aconselhou-o a cremá-la e não permitir a presença do menino no funeral, mas Esteban não concordou. O filho precisava de se despedir da mãe, e ele da mulher que amara. Dai em diante e durante mais de dois anos o remorso corroeu-lhe as entranhas. Tornou-se uma sombra do que era e os cabelos embranqueceram-lhe de repente.

As feridas sararam, aos poucos, apesar das dúvidas sobre o que era verdade ou não, ainda persistirem. E agora, que estava prestes a envolver-se com Matilde, que começava a amar outra vez, surgiam uma série de obstáculos e mistérios para mais uma vez lhe ensombrarem a vida. Mas, a lição do passado, serviu-lhe para não se precipitar. Tinha que lutar por ela ou, amanhã, podia ser tarde demais. Matilde também tinha um lado da sua vida muito confuso e que ainda lhe poderia trazer alguns dissabores, mas talvez ela ainda não tivesse consciência disso.

A tarde estivera demasiado quente e umas nuvens carregadas ameaçavam há várias horas desabar a qualquer momento. O ribombar dos trovões e os relâmpagos por cima do mar parecia cada vez mais perto. Juan já dormia há pelo menos meia hora. Emília ligou o intercomunicador do quarto de Juan quando viu Esteban entrar no escritório. Era sua função

ficar alerta enquanto ele escrevia até de madrugada, horas a que ficava mais produtivo na escrita.

**

Esteban não estava com vontade de escrever, o pensamento estava noutra lado, a cerca de duzentos metros da casa principal. Encerrou o documento, depois o computador, e saiu do escritório. Subiu as escadas a correr e foi ver o filho. Uma súbita inquietação atormentou-o de repente. O receio de o perder ou que ele ficasse com medo era avassalador. Juan dormia como um anjo. No interior da casa mal se ouvia o ribombar da enorme tempestade de verão.

Fechou a porta do quarto da criança e desceu ao piso térreo. Tranquilo saiu pela porta das traseiras e caminhou em direcção ao anexo. Era tarde, ela podia recusar-se a abrir-lhe a porta, mas se não arriscasse ia arrepender-se pela vida inteira.

Um relâmpago surgiu na noite escura seguido de um trovão e de pingas grossas de chuva. Em segundos caiu um dilúvio dos céus e Esteban tentou encurtar o percurso até ao anexo, correndo contra a grossa muralha de água. A chuva ensopava-lhe a roupa até aos ossos, os sapatos chocalhavam nos pés completamente encharcados e o cabelo caia-lhe pela cara.

Estava ridiculamente molhado.

Bateu à porta e não obteve resposta. Pelo menos já estava debaixo do alpendre e não se molhava mais do que estava – pensou. Voltou a bater com mais força e finalmente uma luz acendeu-se no interior. Ouviu passos em direcção à porta.

A porta abriu-se e ele ficou estático em frente a ela.

Matilde tapou a boca com a mão em concha, reprimindo uma gargalhada. Parecia um cachorro abandonado à chuva. Sem proferir qualquer palavra, desviou-se e cedeu-lhe passagem. Entrou no quarto de hóspedes e regressou com uma toalha turca que lhe ofereceu. Esteban estava em cima de uma poça de água, a água que lhe escorria do corpo até ao chão de tijoleira antiga. O clima era hilariante e não tardou muito que os dois não estivessem a rir à gargalhada da figura dele.

Esteban esfregava a cabeça com força para retirar a água que lhe escorria pela face enquanto ela atiçava o fogo na lareira. Apesar de ser quase Junho o ar estava frio ainda e a chuva baixou a temperatura alguns graus.

- Talvez seja melhor tirares a roupa e tomares um banho quente. Vais apanhar um resfriado.

- Tens razão. Já volto.

Como conhecia muito bem os cantos à casa, Esteban dirigiu-se ao quarto de hóspedes, retirou a roupa molhada e entrou no chuveiro quente que deixou escorrer pelo corpo, aquecendo-o.

Enquanto espevitava o fogo da lareira, Matilde congeminava hipóteses sobre a estadia dele, ali, àquela hora tardia. O relógio de bronze, antigo, colocado por cima da lareira, marcava vinte e três horas. Não era necessário pensar muito sobre o assunto. O som da água a correr indicava que ele ainda se encontrava no chuveiro. Matilde recostou-se na poltrona e fechou os olhos tentando viajar para longe, para um paraíso onde não existissem António's, Allen's, Stef's e medos.

Esteban vestiu um dos roupões que estavam disponíveis para as visitas, amarrou-o em volta da cintura e, seminu dirigiu-se à sala, ao fundo do corredor. Quando Esteban voltou à sala, Matilde estendeu-lhe um cálice de Porto velho que encontrou na garrafeira, momentos antes. Alguém por ali também tinha bom gosto em relação a vinho, tinha pensado Matilde quando encontrou a garrafa de Porto Calém.

- Essa garrafa ofereceu-me o meu pai, quando fez uma viagem ao Porto. Curioso, nem me lembrava mais dela. Numa das suas últimas visitas aqui trouxe-me essa prenda. - e bebeu o vinho doce e delicado passando ligeiramente a língua pelos lábios para sentir o sabor.

- Espero não ter cometido um crime, a garrafa já estava aberta.- disse um pouco constrangida.

- Claro que não! Ainda bem que tiveste a ideia. A garrafa só está aqui porque nos refugiávamos aqui muitas vezes, sobretudo quando Irene vinha com eles. A minha mãe tinha a esperança que eu casasse com ela e nem depois de eu ter casado com Krysten desistiu.

- E onde estão os teus pais agora?

Não devia ter perguntado. O semblante dele mudou de imediato.

- Morreram dois anos antes de eu ficar viúvo. Com meses de espaço. O meu pai teve um linfoma fulminante, não havia nada a fazer, e a minha mãe não resistiu à morte dele. O desgosto levou-a a seguir. Tinham uma relação tão próxima que por vezes se esqueciam dos filhos.- e olhou directamente para ela com aqueles olhos de cachorro abandonado à chuva.

Matilde não sentiu pena dele, não era mulher para sentir pena de um homem, mas percebeu que as perdas dele tinham sido sucessivas, talvez por isso deixasse de publicar livros. Abeirou-se dele com o copo na mão e propôs-lhe um brinde.

- Á vida e à felicidade. Basta de tristezas.

Brindaram, saborearam o vinho com um doce néctar, e de seguida, com suavidade, ele tirou-lhe o copo da mão e posou-o na mesa de apoio junto à lareira.

Puxou-a para si e ela não resistiu ao abraço. Enfiou o nariz no pescoço dela e disse em surdina algo que ela já sabia que ia acontecer. Não adiantava fugir mais.

- Não me mandes embora Matilde. Quero estar contigo. Enfrentei a raiva dos céus para chegar aqui.- disse a rir enquanto lhe procurava a boca para o beijo tão esperado.

- Não me digas que também tens um martelo como o Thor?

- Tenho, juro, pode é não ser tão devastador.

Caíram os dois na gargalhada, mais uma vez. Matilde por vezes era mesmo engraçada, sobretudo quando se esquecia do duplo sentido das palavras. Rindo Esteban pegou-lhe ao colo e levou-a para o sofá em frente à lareira. Pousou-a com delicadeza em cima do tecido de veludo azul e deitou-se a seu lado. Começou por lhe beijar os olhos, depois os cabelos e desceu os lábios até à boca trémula dela.

Matilde recebeu-o como uma fome de sexo que nunca pensara ter.

E, à medida que ele lhe despiu o pijama para mergulhar os lábios nos mamilos erectos, provocando-lhe arrepios de prazer, deixou de se preocupar se ele a estaria a confundir com a falecida esposa. Naquele momento desejava-o como nunca desejou homem nenhum. Aquilo era verdadeiro, não tinha nada de mecânico, ou calculado, apenas para lhe dar prazer. Entregou-se sem barreiras ao homem que mal conhecia, mas em que já confiava, e por quem sentia um afecto profundo. Afinal o amor não era isso mesmo: uma cumplicidade baseada em amizade, sexo, paixão, seja lá o que isso for? Lá fora a tempestade não dava sinais de ceder mas quem se importava com isso quando a urgência do amor era superior a tudo.

Esteban levantou-se pegou-lhe na mão e puxou-a para o quarto. Não tinha intenção de sair dali antes do amanhecer e, já que era uma estreia,

que fosse em grande. Enroscaram-se os dois debaixo dos lençóis quentes e amaram-se como mereciam os dois: com sofreguidão e ternura.

Ali, naquele quarto, naquela cama, só existiam Matilde e Esteban, deixou de existir lugar para terceiros estivessem mortos ou vivos.

Os raios de sol trespassavam o cortinado meio aberto e incidiram-lhe no rosto. Matilde abriu os olhos. Recordou-se da noite anterior e um sorriso aflorou-lhe os lábios. Era estranho ter um homem deitado a seu lado que não fosse o noivo. Mas ao olhar para Esteban, ainda adormecido, sentiu uma onda de ternura a inundá-la. Não sabia definir se era amor ou amizade, ou simplesmente falta de sexo, mas sabia que gostava da companhia dele e que se divertiam juntos. Esteban não usava malabarismos na cama como...- ia fazer uma comparação mas achou-a inútil – ele era autêntico.

O sexo não era para se falar, era para se fazer e, também era de opinião que o melhor sexo era o mais simples, aquele que dava prazer aos dois sem que precisassem de fazer o pino para que o outro o considerasse um bom amante.

O verdadeiro amor não precisa de lutas, e as descrições que ouvia por vezes às amigas, mais pareciam batalhas na cama.

Quem é que vence quem? Quem é que é mais habilidoso e conhece o Kama Sutra de trás para a frente, e diz praticar sexo tântrico durante horas a fio? Achava sempre aquelas conversas de sexo com algumas das amigas, muito inflacionadas, mas cada um fazia o que queria ou talvez o que podia ou conseguia.

Levantou-se com cuidado, era incapaz de ficar na cama acordada a não ser que estivesse na companhia de um bom livro ou de um homem acordado, o que não era nenhum dos casos e, pé ante pé saiu do quarto deixando Esteban a dormir com um leve ressonar. Eram apenas sete da manhã e aproveitava o tempo antes do pequeno-almoço para ler emails e responder a alguns.

O pai mandou-lhe uma mensagem a informá-la que o quadro estava no cofre do banco e que estava tudo calmo. A mãe perguntava-lhe quando é que regressava a Lisboa e acabava com aquela tolice de trabalhar ali naquela ilha remota, e Marta dizia-se encantada com o seu alemão.

Matilde esperava que fosse outro homem, que não fosse Stef, mas nem se atrevia a perguntar o nome dele. Só a irmã, Rosamaria, lhe dizia num email - onde contava as últimas novidades do seu novo estágio como farmacêutica - que morria de saudades dela, e perguntava quando é que ela voltava porque já não aguentava a mãe. Ameaçou mandar-lha pelo correio, de avião ou de barco se ela demorasse muito a voltar para casa. Matilde riu-se só de pensar na mãe a infernizar a vida ao pai é à irmã.

De António não havia sinal. Estava mudo desde que a mandara regressar a casa de Esteban. De repente sentiu um calafrio e um sininho tocou num dos seus neurónios, talvez aquele que estava mais alerta. Será que António conhecia Esteban? E como é que o conhecia?

Começou a abrir janelas no computador com os principais jornais do mundo – tentava manter-se actualizada – e começou a ler o BBC News online. Abriu uma janela que lhe chamou a atenção pelo título «Quadro roubado a octogenário localizado num país da europa». Quando abriu a página teve um baque. Era o mesmo quadro. A fotografia com a obra ainda colocada na moldura original e pendurado na parede da casa dos proprietários, não deixava dúvidas. Mas o seu seria o original ou apenas uma cópia? A notícia revelava que o quadro já estava localizado e que era uma questão de dias até ser recuperado. Tratava-se de um grupo organizado e que há vários anos operava em todo o mundo com o roubo de peças de arte. Um grupo que mantinha uma fachada de honestidade e que enganou muita gente pelo mundo, sobretudo na europa, durante mais de quinze anos.

Decidiu não pensar mais sobre o assunto. Não adiantava flagelar-se. Não tinha roubado nada e era isso que tinha que se basear para se defender. Custava-lhe ver António preso mas se ele era culpado, tinha que pagar por isso.

Vestiu o biquíni e uma túnica de praia e saiu para a rua. A paz que se respirava ali transmitia-lhe uma tranquilidade que não tinha preço. Estava a habituar-se àquela vida e quando regressasse à realidade ia custar-lhe. Dali por uns dias não tinha emprego e só lhe restava regressar a Lisboa e voltar à batalha diária de procurar outro. Felizmente tinha um bom pé-de-meia que lhe permitia viver durante uns dois anos sem trabalhar.

A tempestade tinha deixado vestígios no jardim para além da relva molhada. Alguns galhos de árvores estavam partidos e espalhados pelo chão e Pablo não se atrevia a sair da sua casota colocando apenas o

focinho castanho de fora, com as orelhas murchas. O cão detestava água. As nuvens tinham desaparecido e o sol despontava forte. Matilde ainda não tinha descido à praia desde que chegara e hoje estava decidida a fazê-lo. A água deveria estar agradável e nada melhor que um mergulho para clarear as ideias. Era nos dias de menos calor que o mar parecia mais quente. O choque térmico era mais leve e custava-lhe menos entrar na água.. Desceu os degraus escavados na rocha, abriu as narinas, cheirou o ar salgado, enchendo os pulmões de ar e saltou para o areal branco. O mar azul-turquesa claro, estava completamente cristalino e calmo, via-se a areia do fundo e alguns pequenos peixes a fugirem quando ela se aproximou. Deixou a toalha na areia e avançou até ao mar. Molhou os pés e sentiu a frescura do líquido salgado.

Ficou ali, a tranquilidade da água. A praia, uma pequena enseada desenhada na rocha vulcânica, onde apenas se chegava por barco ou pela propriedade de Esteban era um lugar encantado. Mergulhou de cabeça e sentiu o frio, que logo se dissipou. Tal como esperava, a água estava agradável. Deu umas braçadas em direcção ao mar e ficou a boiar.

De repente veio-lhe à memória as cartas que encontrou na torre dirigidas a Krysten. Tinha que encontrar o momento certo para contar a Esteban o seu achado. Mas haveria um momento certo para contar a um marido que a esposa tinha um amante?

Deu várias braçadas ao longo da costa e, cansada, resolveu voltar para a praia. Faltava-lhe treino físico. Há várias semanas que não fazia as habituais corridas e nem nadava. Ao entrar na enseada com braçadas lentas, mais a boiar do que a esforçar-se por nadar com rapidez, viu-o a descer os degraus de pedra. Vestia uma t-shirt branca e calças de ganga velhas e estava descalço. Esteban não podia ser considerado um homem bonito. Mas era muito charmoso e não passava despercebido às mulheres. Uma pontada de ciúme espetou-se-lhe no coração. Ridículo. Ciúmes porquê e de quem? Ele não era sua propriedade, nem lhe prometera nada.

Uma mulher consegue ir para a cama com um homem, ter imenso prazer e mesmo assim não ficar ligada a ele, mas ela não era desse tipo de mulheres. Sabia que a partir da noite passada dificilmente o esqueceria e que a ligação entre eles iria perdurar, mesmo que se afastassem fisicamente.

Já levava muitos encontros da vida e se pudesse ficava ali para sempre, até ser velhinha e morrer. Sentia que o seu lugar era ali, mas não

passava de uma quimera, um sonho que não iria ser realizado. Ainda era a incorrigível romântica de sempre. Não mudara muito, apesar dos revés da vida.

Ficou parada com os pés assentes na areia do fundo da praia, com água pelos ombros para não sentir frio e esperou.

- Não sais?- perguntou-lhe ele da beira da água.

- Não.- respondeu-lhe ela a rir-se. - Entra tu, está muito agradável.

- Acredito. Fecha os olhos que vou despir-me. Não trago nada por baixo das calças. Vesti uma roupa usada que encontrei no quarto de hóspedes.

- Vou lá fechar os olhos! Já te vi nu! E não perdia isso por nada do mundo. – provocou-o.

Na noite anterior nem as cuecas escaparam à chuvada que apanhou no trajecto para o anexo.

E ele assim fez. Despiu a t-shirt e as calças e, como veio ao mundo entrou na água avançando ao seu encontro. Puxou-a para si e entrelaçou as pernas com as dela.

Abraçou-a e beijou-a longamente com muito carinho.

- Como é que sabias que estava aqui? - perguntou Matilde enquanto ele lhe mordiscava a orelha.

- Sou bruxo. Ainda não viste a minha bola de cristal?

- Não. Mostra-me.- provocou.

Esteban arrancou-lhe o biquíni e puxou-a até à altura da sua cintura. Sentiu-se a mulher mais desejada do mundo, tão desejada que, todos os problemas ficaram na penumbra da sua mente.

**

Duas horas mais tarde Esteban – depois de deixar Juan na escola - estava no escritório com Matilde. Tinha-a convocado para uma reunião de trabalho. Esteban por vezes assustava-a com a sua seriedade, mas depois acabavam por rir do ar sério e formal que ele usava quando queria tratar de algum assunto de trabalho com ela.

- Tenho uma proposta a fazer-te.

Matilde sentiu o coração a acelerar e ficou com os olhos abertos na expectativa do que aí viria.

- Apesar de há quatro anos não publicar nenhum livro, tenho dois já prontos que precisam de revisão, gostava de contar contigo, afinal é a tua

área de estudos. E como vou mudar de editora, quero trabalhar com uma revisora com quem esteja em sintonia.

- Mas não era Pilar que fazia esse trabalho?- perguntou atônita com a proposta dele.

- Não te disse a verdade acerca de Pilar. Deixei de confiar nela e dispensei-a das tarefas. Não queria de forma alguma estragar-lhe a carreira de secretária mas ela traiu-me. Passou informações a jornalistas quando a Krysten morreu. Ainda aguentei algum tempo, anos para dizer a verdade, mas nunca mais confiei nela.

Contudo, para além disso, Esteban desconfiava há algum tempo que ela tinha alguma responsabilidade na instabilidade que Krysten mostrava nos últimos tempos de vida, mas isso não ia revelar a Matilde, pelo menos por enquanto.

- Agrada-me a tua proposta, mas isso implica ficar aqui mais tempo. Tenho que ponderar. Mas porque é que queres que eu fique?

- Não posso ser mais óbvio. Não sou homem de grandes declarações de amor, mas sinto-me muito bem contigo, não notaste?

- Sentimos, queres tu dizer. Sim, eu também, mas...

- Há sempre um mas Matilde. Por isso aceita o que a vida te dá. Ainda bem que não te casaste, não achas? Hoje estarias mais infeliz e a viver uma mentira, e não nos tínhamos encontrado. Acredito que o destino por vezes foge ao nosso controlo e, neste caso ainda bem.

Esteban lembrou-se, com alguma culpa, que ela ainda não sabia do se passava em relação ao ex patrão. Mas para surpresa dele, ela trouxe ao assunto ao cimo.

- É verdade, ainda bem que não me casei, mas posso ser presa daqui a pouco, é uma questão de tempo, descobri hoje que o quadro que António me deu é roubado, o que faz dele um ladrão, e de mim cúmplice. O meu pai tem o quadro no cofre do banco e temo que a polícia internacional já o tenha localizado. É uma questão de tempo até à acusação formal, tens a certeza que queres ser envolvido num escândalo deste tipo? Os jornalistas não te vão largar a porta.

Esteban não queria contar-lhe mais sobre o assunto, isso só a deixaria mais furiosa quando descobrisse a verdade, pelo que desviou a conversa para os livros e deixou-a a folhear o livro impresso para revisão. Tinha ali trabalho para mais de um mês, mas só ia começar quando terminasse com as caixas na torre, local para onde iria a seguir. Passou mais umas folhas

para ficar com uma ideia do enredo – estava curiosa para lhe deitar as mãos, neste caso os olhos – e quando ia a chegar ao fim das mais de quatrocentas páginas impressas em formato A4, um papel caiu para o chão, aterrando aos seus pés. Baixou-se para o apanhar. Era uma carta e a letra era igual à que viu nas outras do admirador secreto de Krysten. Pegou no papel dobrou-o ao meio e meteu-o no bolso do casaco. Subiu as escadas pronta a desvendar aquele mistério que a começava a incomodar, sobretudo, porque ainda não falara acerca das cartas que descobriu, com Esteban.

Trancou a porta para evitar ser interrompida, tirou a caixa da estante de madeira e pousou-a em cima da mesa da secretária antiga. Extraiu a carta do bolso do casaco com as mãos a tremer, e retirou a outra carta para comparar a letra. Deixou-se cair na cadeira assim que olhou para os dois pedaços de papel. Com o coração em sobressalto leu a carta que trouxera do escritório de Esteban.

Caro Professor

Sou um amigo que não quero revelar a identidade mas corrói-me a alma vê-lo a ser enganado pela sua mulher quase todos os dias. Krysten tem um amante em Madrid para onde se desloca com frequência quando você não está em casa. Hoje mesmo, irá para a capital depois do professor sair em direcção à universidade.

Um homem com o seu talento merece melhor.

Um amigo

A caligrafia e a tinta igual não deixavam dúvidas. Quem se daria ao trabalho de, em pleno século XXI, estar a escrever cartas à mão com uma caneta de aparo e tinta? Se não era para confundir os destinatários só podia ser alguém muito louco e enraivecido. Assinava no masculino, mas podia bem ser uma mulher despeitada e que queria vingança. Fosse como fosse, hoje ia falar nas cartas a Esteban.

No final do dia o trabalho da torre estava terminado. Caixas arrumadas, documentos catalogados, guardados em bolsas de plástico para não se degradarem com o passar dos anos e uma relação dos factos históricos da família para as gerações futuras. Descobriu que o tetravô Vega mandou construir a torre para observar o mar, era o seu refúgio, o local onde podia estar a sós e pensar no amor perdido. Casou com a mulher errada, mas foi obrigado a honrar um compromisso de família, compromisso, que Matilde não conseguiu desvendar. Era um espaço inundado de luz e que descansava a alma. Ao largo, passavam barcos de recreio que passeavam turistas ao longo da costa- este da ilha. Matilde

recostou-se na cadeira e posou o olhar no mar, mas com a mente a fervilhar de dúvidas e medos, seus e de Esteban.

**

Matilde viu-os chegar do alto da torre. Pai e filho saudaram-na com um aceno de mãos. Ouviu passos leves e apressados a subirem os degraus de tijolo e apressou-se a destrancar a porta. Juan voou em direcção aos seus braços e aterraram em cima do tapete felpudo a rir.

- Vem brincar comigo no lago, ver quem apanha mais rãs.- pediu.

Devia ser influência dos filmes de desenhos animados das Aventuras de Huckleberry Finn que ele adorava.- pensou Matilde enquanto se erguia do chão e o puxava pela mão para o levantar.

- Vou, mas na condição de não as magoarmos. Apanhamo-las com uma rede e depois devolvemo-las ao lago, pode ser?

-Pode. Vou buscar a rede à garagem.- e saiu da torre, a correr pelas escadas sem esperar por ela.

Matilde fechou a porta da torre à chave e desceu até ao patamar onde ficavam os quartos da casa. Mais uma vez observou os quadros que enfeitavam as paredes, todos autênticos. Esteban tinha ali uma fortuna. Ao passar pelo quadro da pintora Paula Rego, notou que o fio do alarme estava ligeiramente à mostra e curiosamente recordou-se ter reparado nisso dias antes. Não era suposto estar visível. Puxou o fio e para seu espanto ficou com ele na mão.

Cortado. O fio foi cortado. Rapidamente, para não chamar a atenção de algum empregado, desviou mais dois quadros da parede e os fios caíram no chão. Alguém tinha desligado o sistema de segurança. Armada em Miss Marple pegou nos fios, colocou-os no bolso do casaco junto às duas cartas e seguiu para o jardim, onde o pequeno já a esperava.

Quando a viu, Juan, ergueu a rede e exibiu a rã que tinha acabado de apanhar.

- Olha! Olha! Já tenho duas no balde.

Matilde riu-se e esperou que não existissem por ali ambientalistas, senão seria o fim do mundo.

**

Entretanto, no escritório, Esteban recebia um telefonema de um agente da Interpol pedindo-lhe que não alertasse Matilde para o facto de ter em sua posse um quadro roubado, o mesmo fora devolvido às

autoridades pelo seu pai. Os inspectores estariam em Maiorca dali a dois dias para interrogarem Matilde sobre a firma de leilões.

Pousou o telefone no carregador e passou os dedos pelos cabelos grisalhos. Mesmo sabendo da sua inocência não conseguia poupá-la do interrogatório. Há algum tempo que ouvia os risos de Juan e decerto Matilde era cúmplice do que estava a acontecer.

Foi apanhar os dois em flagrante delito. Descalços e com as calças arregaçadas até aos joelhos, dentro do lago a caçar rãs. Ficou a observá-los um bom tempo com um sorriso estampado na cara. Era bom ver a alegria do filho. Lamentava por Juan que a mãe não o pudesse acompanhar e, perguntava-se se ela estivesse viva se ainda estariam juntos. Por mais que tentasse não tinha resposta para essa questão. Sabia que Krysten tinha outras ambições e talvez não passassem por ficar com ele.

Eugénia surgiu do interior da casa para levar Juan para o banho. Os protestos do rapaz soaram de imediato. Esteban resolveu intervir. Aproximou-se do lago, saindo detrás de um arbusto e Matilde ficou corada pela figura de criança que estava a fazer. Assim que os olhos de Esteban pousaram nela, com um ar de troça, desejou desaparecer na água.

Fazendo um esforço para não se rir, Esteban, levantou a voz para que o menino obedecesse à empregada.

- Juanito! Está na hora de devolver os bichos ao lago e ir tomar banho.

- Ora papá! É só mais uma!- pediu entusiasmado com a caça.

- Não.- reforçou Matilde. -Senão um dia vão fugir todas do lago e encontrar um em que não sejam caçadas. Coitadas das bichas.

- A sério?- perguntou surpreso enquanto despejava o balde com umas dez rãs de volta no lago.

Eugénia conseguiu arrastar Juan pela mão, descalço e com as calças arregaçadas e Matilde saiu do lago, envergonhada mas decidida a revelar o que sabia.

- Preciso de falar contigo, pode ser agora ou depois de jantar?- disse ela.

- Agora, ainda temos tempo. Acompanho-te enquanto tomas duche e mudas de roupa. – e olhou para ela a rir-se.

Esteban adorava a forma de ser, simples e sincera, e tímida por vezes, de Matilde.

Aliás amava-a. Já não tinha dúvidas.

**

- Como é que eu nunca encontrei essa caixa?.- perguntava-se.

- Talvez porque nunca ias à torre e quem as guardou ali sabia isso.
Mas porque é que não as destruiu?

Esteban passava os dedos repetidamente pelos cabelos deixando-os revoltos.

- Achas que foi a Krysten a guardar as cartas?- perguntou Matilde.

- Não creio. Aliás tenho uma ideia de quem tramou tudo isto e se eu conseguir provar alguém vai para a cadeia. Vou reabrir o processo.

- Deixa-me adivinhar. A Pilar?

Esteban abanou a cabeça em sinal de concordância.

-Davas uma boa detective.

- Ou escritora de policiais. – acrescentou ela a rir. - Mas não é tudo...- hesitou por receio de ser demais para um só dia – os teus quadros estão todos desligados dos alarmes.- e colocou os fios em cima da mesa.

Esteban ficou lívido. Tinha milhares de euros aplicados em obras de arte, para além de que alguns eram relíquias de família.

- Oh Deus! Estará tudo maluco!- vociferou dando um salto da cadeira e arremessando os braços para o ar. - Vou pedir ao perito para vir amanhã ver o que se passa.

Matilde conjecturou uma hipótese mas tinha algum receio em dizer-lá a Esteban. Ele notou o olhar dela de mistério, já aprendera a decifrar as expressões dela e incentivou-a a dizer.

- Diz, não tenhas receio. Já aguentei tanta coisa má, que será só mais uma.

- Então...cá vai. Parece-me que alguém substituiu os teus quadros originais, por cópias, sem tu perceberes. Parece um filme policial, ou que eu tenho imaginação a mais?

- Já não digo nada. Não me surpreende, mas só eu e outra pessoa sabíamos os códigos...oh céus!- e jogou as mãos à cabeça de novo.- Como é que eu pude ser tão burro durante tantos anos?

Com a face consternada aproximou-se dela e deu-lhe um abraço apertado e um beijo leve nos lábios.

- Vou fazer uns telefonemas. Espero-te para jantar. - e saiu apressado. Matilde ficou com dúvidas sobre o que ele iria fazer e até com algum receio que ele fosse aticar um ninho de vespas com a raiva com que

estava. O seu sexto sentido dizia-lhe que a tal Pilar devia estar implicada no assunto. Uma mulher rejeitada é capaz de tudo.

**

Por mais que ele tentasse disfarçar, Matilde notou-lhe o ar preocupado e de crispação quando se sentaram para jantar. Parecia outro homem, diferente do gentleman que ela conhecia. Estava cabisbaixo e pensativo.

Ver o orgulho masculino ferido com mentiras e trapaças, não era coisa que um homem aceitasse e, no fundo, ele não era muito diferente dos demais. Esteban pouco conversou durante o jantar e apenas respondia a questões do pequeno Juan. Matilde sentiu-lhe o olhar distante e carrancudo.

No final do jantar disse-lhe que iria ter com ela dali a uma hora para terminarem a conversa sobre as cartas e sobre os quadros. Só não lhe disse que também iriam falar sobre a prenda de casamento que ela tinha recebido do ex- noivo. Estava na hora de esclarecer tudo com ela, a Interpol que se lixasse e o asno do António também. Se o quadro já foi confiscado não havia motivo para esconder o assunto dela, ou ela era cúmplice da quadrilha e estava a enganá-lo? Estava a começar a duvidar até das pedras que pisava. Quando é que uma pedra se levantava do chão e lhe acertava na cabeça matando-o? Não era paranóico, mas tanto mistério era demais para ele.

Matilde entrou no anexo, vestiu o pijama e sentou-se no alpendre a fazer os telefonemas habituais. Não ficou surpreendida quando o pai lhe disse já ter entregado o quadro à polícia. Só estranhou António não ter sido preso ainda. Mas hoje ia revelar a Esteban o que sabia sobre a sua prenda de casamento e o desenrolar da situação.

Sentiu um arrepio de frio – levantara-se uma brisa marítima- e recolheu-se em casa. Ligou a televisão e começou a fazer um zapping na tentativa de encontrar algo que lhe interessasse.

Ouviu passos no exterior. Devia ser Esteban. Talvez tivesse despachado os assuntos mais cedo. A porta abriu-se de rompante e Matilde voltou-se esperando ver Esteban.

Encontrou um olhar transfigurado a chispar ódio e um corpo alto e hirtos empunhando uma faca enorme e pontiaguda na sua direcção. Ficou paralisada. Não se moveu um milímetro do local onde estava, nem gritou. O raciocínio correu rápido e àquela distância da casa principal, mesmo que

gritasse ninguém a ouvia. Só o cão podia socorrer-la. Mas nem o cão deu sinal de estranhos no jardim. Matilde viu a morte a vir buscá-la. Seria difícil escapar dali com vida. A faca era uma arma que não fazia barulho, estava apontada na sua direcção, não lhe deixava dúvidas da intenção da mulher. E se Esteban chegasse de repente? Mataria os dois?

Matilde sentiu as pernas a fraquejar. A mulher não estava ali para brincar. Pingas de suor caíram-lhe pela testa e as mãos começaram a tremer. Não era medrosa mas nunca se vira numa situação daquele tipo. Talvez o melhor – pensou – fosse entabular conversa com a mulher e empatá-la até conseguir chegar a algum objecto com o qual se conseguisse defender. Fora sempre avessa a violência mas uma vez dera uns estalos numa colega de escola por ter inventado uma mentira acerca dela. Mas isto era diferente. Antes de Matilde dissesse alguma coisa a mulher avançou para ela com a faca em riste, com os olhos a brilharem de loucura.

- Sonsa! Pensas que ele fica contigo? Ele matou a mulher dele, sabias? Enlouqueceu-a.

E avançou mais um passo na direcção de Matilde que foi recuado até bater as costas na pedra da lareira. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Seria verdade? Seria verdade que Esteban era um monstro?

- Ele é meu! Vai ser sempre meu. Só está um pouco confuso. Mas quando eu lhe contar que tu lhe roubaste todos os quadros e os substituístes por cópias, ele vai-te pôr na rua, mas antes...minha doce Krysten vou-te fazer um furo no ventre, nunca mais voltas do além, nem tens mais filhos,- e avançou encurralando Matilde entre a mesa de apoio e a lareira.

Matilde abriu a boca para gritar mas o som não saiu. Um frio gelado entranhou-se nos ossos e sentiu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. As pernas vacilaram e pendeu para cima da mesa. Sentiu-se a desmaiar de medo, mas fez um esforço para não cair. Não queria morrer. Não agora.

A figura vestida de negro e com o cabelo apanhado num coque apertado no alto da cabeça continuava a vociferar ameaças e a brandir a faca na direcção de Matilde, encurralada, com o traseiro encostado à lareira, mas, nesta altura já deixara de a ouvir, estava concentrada em reagir. Subitamente a luz da televisão incidiu na face da mulher e Matilde reconheceu-a: era Pilar, completamente enlouquecida.

Sacudi a cabeça e enrijeceu os músculos das pernas, na tentativa de se controlar. Disse com a voz a tremer:

- Acalme-se e explique-me o que quer. - pediu Matilde tentando ganhar algum tempo até arranjar uma solução para a neutralizar.

E Esteban que não aparecia.

Não surtiu o efeito que ela pensava, antes pelo contrário. Pilar voltou a bramir a faca na sua direcção e o discurso desconexo voltou.

- Sua cabra! Desta vez morres mesmo, não voltas para mo roubares. Ele é meu! Ele ama-me, sempre me amou, sua caçadora de fortunas! - gritava e espumava da boca, mas sem sair do lugar. A mulher parecia estar num estado catatónico, apenas mexendo a boca para falar, mas sem se mover.

Sem entender o que ela dizia, Matilde tentou encontrar algo que pudesse agarrar com rapidez e amassar-lhe à mão que empunhava a faca, para que ela a largasse. Pôs as mãos atrás das costas tentando tactear algo que pudesse agarrar - tinha uma vaga noção que o atizador da lareira estaria pendurado no estojo atrás dela – e, quando a mulher se precipitou na sua direcção, tentando saltar por cima da mesa de apoio, Matilde encontrou o atizador e, levantando-o ao mesmo tempo que se baixava na tentativa de se proteger do golpe da faca, arremessou-o em direcção ao braço de Pilar que, deu um urro com o embate do ferro forjado, agarrando-se ao braço com dor, mas sem largar a faca. Matilde aproveitou a trégua e tentou fugir em direcção à porta, mas, Pilar muito alta e ágil, espetou-lhe a faca no antebraço fazendo-a cair no chão de tijoleira com um estrondo enorme, derrubando a mesa e os objectos de porcelana chinesa pousados em cima dela. Com o braço a escorrer sangue e uma dor lancinante no braço, Matilde viu Pilar saltar-lhe em cima ao mesmo tempo que tentava espetar-lhe a faca no peito. Reagindo de imediato levantou a perna e espetou-lhe um pontapé na barriga quando a outra estava prestes a atirar-se em cima do seu corpo. Pilar deu um grito de dor e encolheu-se sobre si. Benditas aulas de defesa pessoal que lhe salvaram a vida por enquanto.

No exterior a cerca de cinquenta metros, Esteban ouvia o estrondo dos objectos a partirem-se e um grito feminino. Correu em direcção ao anexo e quando chegou à porta, aberta, viu um cenário dantesco. O chão ensanguentado, uma mulher encolhida sobre si, uma faca enorme no chão e Matilde toda ensanguentada.

- Mas que raio... - proferiu tentando entender o que se passava.

Pilar levantou a cabeça e, com ar de louca, pôs um sorriso nos lábios, levantou-se e aproximou-se de Esteban.

- Vamos acabar com ela de vez amor.- e tentou agarrar-se-lhe ao pescoço.

Esteban imobilizou-a prendendo-lhe os braços atrás das costas com a corrente onde pendurava as chaves e obrigou-a a sentar-se no sofá. Disse para Matilde.

- Vai buscar uma toalha lavada e enrola-a em volta do braço. Vou chamar a polícia. Mas de onde surgiu esta louca? Como é que ela passou pelos alarmes?

Dando uma gargalhada arrepiante Pilar fez estremecer Matilde e disse.

- Esqueces que conheço a tua casa melhor que tu?

Era verdade. Pilar conseguiu ao longo dos anos, trabalhar na sombra e manipular alguns aspectos da vida de Esteban. A raiva de ter sido preterida em relação a Krysten enlouqueceu-a e trouxe-lhe o desejo de vingança.

Matilde colocou o braço debaixo da torneira e verificou que não passava de um corte médio para seu alívio. Pela intensidade da dor pensou ter uma ferida profunda. Quando estava a enrolar a toalha no braço, para secar a ferida, já ouvia as sirenes da Polícia ao longe. A comoção surgiu vinda do nada e as forças nas pernas faltaram-lhe. Deixou-se escorregar arrastando as costas pela bancada até cair no chão. Um turbilhão de emoções invadiu-a e um tremor percorreu-lhe o corpo ao mesmo tempo que as lágrimas afluíam aos olhos. Encolheu-se sobre si própria, no chão de ladrilhos cinzentos e deixou fluir as lágrimas acumuladas. A única coisa que queria era fugir dali para bem longe. Não ia ficar nem mais um dia naquela casa e naquela ilha.

Matilde saiu da enfermaria com um penso a cobrir-lhe parte do antebraço, muito cansaço, desilusão e tristeza no olhar. Esteban, que quase já tinha gasto a sola dos sapatos de tanto andar de um lado para o outro, correu na sua direcção querendo saber como ela estava. Matilde percebeu-lhe a aflição e antes que ele perguntasse respondeu.

- Estou bem, foi apenas uma ferida superficial e umas equimoses leves. Podia ter sido pior e ter morrido.

Ele passou-lhe o braço pelos ombros, cingindo-a a si e deu-lhe um beijo na face enquanto caminhavam para o exterior do hospital.

- Desculpa. Não tenho palavras para expressar o que sinto, com esta situação.

Ela encolheu os ombros. Já pouco importava. O que quer que sentisse por ele, não podia continuar.

Esteban não ia suportar perder mais ninguém. Em poucos anos perdeu os pais, a esposa e, de seguida a grande amiga que julgava ter: Pilar. Foram golpes demasiado duros de suportar. Só conseguiu libertar-se quando conheceu Matilde naquela tarde em Palma. Nesse dia teve a certeza que conseguia amar outra vez.

Entraram no carro e ela deixou-se afundar no banco macio, sentindo um nó na garganta. Finalmente estava a cair em si, o pensamento voava para longe e a única ideia que lhe surgia era sair da ilha imediatamente e refugiar-se em casa dos pais durante uns dias. Precisava de colo. Com trinta e três anos era uma mulher feita, independente, mas não era de ferro e os acontecimentos do último mês tinham sido difíceis de gerir. A gota de água final foi este ataque suicida de Pilar.

Esteban receou que ela estivesse a pensar em partir. Matilde não proferiu palavra alguma durante o trajecto até casa, nem olhara para ele uma única vez.

- Desculpa, por te colocar nesta situação. Não imaginava até que ponto Pilar podia ir para se vingar de mim.

- Não sabes mesmo.

Ao ouvir a afirmação dela franziu o cenho em sinal de interrogação.

- Porque é que dizes isso?- perguntou Esteban.

- Descobri algumas coisas que te queria contar, mas não deu tempo, ela chegou primeiro que tu.

-Podes contar-me agora. - pediu com ar sério.

- Agora não. Quando chegarmos a casa conto-te tudo e...

E não acabou a frase, mais tarde iria dizer-lhe também que ia partir assim que conseguisse o primeiro avião para Madrid. Não queria continuar ali.

- Temos os dois algumas revelações a fazer, presumo.- disse Esteban, enquanto lhe apertava a mão e a levava aos lábios, num doce beijo. - Espero que estes acontecimentos não sirvam para nos separar.

Matilde não respondeu, mesmo perante a insistência do seu olhar. Limitou-se a encolher os ombros e ficou em silêncio. Na verdade não estava na disposição de ser apunhalada outra vez e, a última coisa que queria era ter que competir com as mulheres que se reuniam à volta dele. Não sabia se era amor o que sentia por Esteban. Durante anos pensou que o que sentia por António era um amor verdadeiro, mas ao ser enganada daquela forma, percebeu que não. A única coisa que sabia era que se sentia muito bem com Esteban, mas talvez o preço a pagar, fosse ter que competir com todas as mulheres que ele conhecia. Era um preço muito alto. Gostava da conversa dele, da forma simples com que ele a olhava e, sobretudo, da forma simples como fez amor com ela sem a fazer sentir que estava a ser avaliada numa performance de alto nível, tipo filme pornográfico. E adorava ser tratada de uma forma simples, como uma mulher normal. António colocava-a num pedestal quando estavam juntos – o que aliás era sempre pouco tempo – e fazia-a sentir uma rainha no trono, para depois desaparecer mais umas semanas em trabalho.

- Matilde?- disse ele desviando os olhos da estrada por breves instantes.

- Sim.

-Ouviste o que eu disse?

- Ouvi. Não te consigo responder. Não neste momento, em que tudo ferve na minha cabeça.

- Compreendo. Desculpa pressionar-te.

O portentoso carro entrou no jardim fronteiro à casa e Eugénia abriu a porta correndo até eles.

- Como está a Dona Matilde?

- Não se preocupe Eugénia. Sou rija. É preciso mais que uma louca para me derrubar. – disse tentando ter graça, mas sem o conseguir.

Dirigiram-se os três para o interior da casa e Esteban fechou a porta atrás de si, ligando o alarme novamente, mas desta vez mudou o código que tinha há anos.

- Obrigado por ter ficado Eugénia. O Juanito dorme?

- Sim, não se apercebeu do que se passou. Emília não saiu de perto dele e dorme calmamente.

- É melhor assim, ia ser difícil de explicar se ele tivesse assistido.- disse Esteban.

- Senhor, a polícia disse que voltava pela manhã para interrogar a Dona Matilde, e o senhor. De qualquer forma a dona Pilar está presa e vai continuar certamente

- É tarde, estamos todos muito cansados. Vamos dormir um pouco e pela manhã conversamos, quero saber qual é o segredo que eu desconheço e vocês parecem saber.

A governanta desculpou-se pela indiscrição e saiu para os seus aposentos na ala dos empregados. Não costumava pernoitar na casa, só em situações de emergência como a de hoje.

- E tu, minha menina, vais ficar comigo e esclarecer-me o que sabes de uma vez por todas.- e pegou-lhe no braço para que ela subisse as escadas em direcção ao quarto dele.

Matilde fez alguma resistência e ele parou no segundo degrau da enorme escadaria.

- Desculpa a minha rudeza. Eu não te toco se essa for a tua vontade, mas hoje não ficas no anexo. Não sei se existem mais loucos à solta e aqui estás mais protegida. Perto de mim. - Matilde deixou de oferecer resistência e subiu as escadas, no abraço apertado em que ele a envolveu e que a reconfortou de uma forma que há muito não sentia.

Esteban passou pelo quarto do filho e deu-lhe um beijo na face. Estava a crescer depressa demais mas ia sempre ser o seu menino. Cada dia que passava notava-se as feições do rosto a mudarem. Fechou a porta com cuidado, para não acordar a ama que dormia no quarto contíguo -

ligado por uma porta de comunicação - e pegou na mão de Matilde para a levar até ao seu quarto. Lugar onde ela nunca se atrevera a entrar, apesar de conhecer toda a casa. O quarto de um homem solteiro ou viúvo era o seu domínio e ela não se atreveu a entrar, mesmo quando ele não estava em casa durante dias.

Percorreram mais uns metros no corredor comprido e Esteban abriu a porta. Acendeu a luz e deu-lhe passagem na sua frente. Matilde não estava bem-disposta mas ainda conseguiu apreciar a decoração do quarto. Decoração minimalista. Uma cama extra larga em lacado preto com uma colcha cinzenta a enfeitar, um roupeiro espelhado embutido na parede e uma cómoda antiga – a única peça que destoava da decoração moderna – e, na parede, dois quadros de pintores modernos com bastante valor no mercado. Matilde olhou e questionou-se se ainda seriam os verdadeiros ou também teriam sido substituídos.

Voltou a olhar para os quadros e pensou que quase de certeza todos os quadros da casa foram substituídos por cópias perfeitas. Há uns anos ouviu falar a Allen de um falsificador que fazia cópias tão boas como os originais mas que tinha sido descoberto e preso. Quem substituiu estes tinha acesso à casa e conhecia um bom falsificador.

Esteban descalçou os sapatos ficando com as meias e indicou-lhe um sofá para se sentar enquanto abria o armário com portas de correr e retirava uma t-shirt sua e lha oferecia como pijama.

Um verdadeiro quarto de homem solteiro. Nem um toque feminino.

- Hoje vai ter que servir. Põe-te confortável que temos muito que conversar. Podes usar o quarto de banho.- disse com um sorriso e apontou para a porta à sua esquerda.

Finalmente sorriu. Pensou Matilde.

**

Duas horas depois Esteban estava arrasado com a revelação que Matilde lhe fez sobre a desconfiança das cartas, embora já não pudesse fazer nada. Pensar que uma amiga de adolescência, com quem trabalhou durante anos, que se tornou no seu braço direito, o tenha traído daquela forma ignominiosa era desolador. Iria fazer uma acusação formal contra Pilar, por mais que lhe custasse. Se ela foi culpada da morte de Krysten tinha que pagar. Parecia ter sido atropelado por um TGV em alta velocidade. Tentou disfarçar o que sentia para não magoar Matilde, ela era alheia ao assunto de Krysten, embora tivesse sido vítima de Pilar também.

Sentada na sua frente Matilde pegou-lhe nas mãos e disse-lhe.

- Tens noção que as mulheres próximas de ti ficam com um sentimento de posse em relação à tua pessoa e enlouquecem? Pilar deve ter sido apaixonada por ti a vida inteira. Não suportou a rejeição.

Esteban fez um ar de admiração.

- Mas nunca me passou tal coisa pela cabeça! Eram apenas as brincadeiras da minha mãe que dizia que eu devia casar ou com Pilar ou Irene. E Pilar sempre desvalorizou o assunto, chegando mesmo a ridicularizar a situação.

- Pois é Esteban, mas as mulheres são muito complicadas quando se trata de dar sinais de qualquer coisa. No fundo ela estava à espera que tu percebesses os sentimentos dela e declarasses que a amavas. Vinte anos a esperar e agora apareço eu, parecida fisicamente com a tua falecida esposa, e ela não aguentou. Enlouqueceu, pelo menos momentaneamente.

- Podias estar morta. - disse muito sério.

- Pois podia. Mas não estou. Também podia ter morrido de ataque cardíaco naquele dia em que apanhei o meu noivo aos beijos com outro homem na baixa de Lisboa e não morri.- deixou escapar arrependendo-se de seguida.

Esteban ficou boquiaberto.

-Foi por isso que o deixaste plantado no altar?

- Sim, não iria suportar saber que era uma segunda opção na vida do meu marido. Os nossos interesses não coincidiam. Ele queria uma família tradicional e ao mesmo tempo poder viver a sua homossexualidade. Tem todo o direito e aceito isso, mas não eu não quero dividir o meu marido com ninguém. Com ninguém. Não sou capaz. Primeiro a minha dignidade.

- Claro. Mas pareceu-me preocupado contigo quando me telefonou.- e agora foi a vez dele se descair com outro segredo.

- O António telefonou-te?!- exclamou. - Porquê?

- Para eu te proteger.

- Do quê? Só se for dele, uma vez que é um ladrão de quadros.- ripostou.

- As coisas não são bem o que parecem, mas eu não sei mais sobre o assunto. A polícia depois informa-te sobre tudo o que falta saberes.

Como é que lhe ia dizer que o ex noivo não era o que ela pensava? Não. Ele que lhe dissesse se assim o entendesse.

- Mas há um assunto do qual ainda não falamos.- disse Matilde.

Esteban olhou para ela com curiosidade e... desejo. Sentia um desejo enorme de a deitar na cama dele e de lhe fazer loucuras. E, por outro lado um forte instinto de protecção e respeito.

- Sobre nós? Quando é que definimos de vez o que se passa entre nós?
- adiantou Esteban na esperança que o assunto fosse esse.

- Detesto ser desmancha-prazeres, mas sabias que os teus quadros estão todos desligados dos alarmes. Foram cortados de propósito.

- Sei. Infelizmente sei. Anda. Vamos dormir. São quatro horas da madrugada e amanhã temo que o dia vá ser cansativo com interrogatórios.
- e puxou-a até à cama.

Matilde mergulhou para debaixo dos lençóis com cheiro ao perfume dele e deitou a cabeça na almofada. Um misto de sensações invadiu-a. Desejava-o de forma intensa, mas naquele momento estava demasiado cansada e dorida da luta com Pilar e, o que mais queria era dormir e esquecer aquele incidente louco. Tinha ainda uma suspeita, mas como não tinha certezas não disse nada a Esteban. Ia esperar pela investigação para confirmar a sua tese à Miss Marple portuguesa.

Esteban deitou-se a seu lado e abraçou-a. Beijou-a longamente nos lábios e enroscou-se nela dizendo-lhe.

- Dorme. Estamos os dois demasiado cansados. Porque se não estivéssemos não te deixava dormir de certeza, minha princesa.

Ao fim de alguns minutos em silêncio Matilde parecia ter adormecido. O seu respirar era lento e profundo.

Em surdina, enquanto chegava os lábios aos seus cabelos, disse.

- Descobri que te amo Matilde. Mas já não tenho idade para romances. Estou demasiado velho e cansado de infortúnios, minha querida. Não podemos continuar assim.

O som daquelas palavras na sua mente teve o efeito de um terramoto destruidor. Manteve-se imóvel e as lágrimas correram-lhe pela face.

O que é que ele queria dizer com aquilo?

A decisão estava tomada. Assim que a polícia a liberasse partia da ilha. Não podia ficar com um homem que não queria ficar com ela.

Mal os raios de sol apareceram no horizonte e entraram pelas frestas da pesada cortina da janela, Matilde levantou-se com imenso cuidado, fazendo os possíveis para ser silenciosa, vestiu-se e estava pronta para sair do quarto. Caminhou descalça até à porta e olhou para trás. Esteban dormia profundamente. Resignada à sorte que lhe calhou na vida- definitivamente não tinha sorte com os homens- ou as suas escolhas não eram as mais acertadas e, recaiam sempre em homens que a enganavam, desceu as escadas em direcção ao anexo. Pouco passava das seis e trinta da manhã e o sol começava a despontar. Foi até às escadas da praia sempre com Pablo a seu lado a desafiá-la para brincar e admirou o mar uma última vez. Era ali o seu paraíso, o seu jardim do Éden, mas não podia ficar. Despediu-se mentalmente dos bons momentos que passou com Esteban naquela manhã em que se amaram dentro de água, depois da primeira noite que passaram juntos, e rumou ao anexo para arrumar a mala, chamar um táxi e ir até à cidade.

Duas horas mais tarde estava sentada na sala de espera da polícia da cidade. Apresentara-se voluntariamente para prestar declarações. Quando o inspector a chamou sentiu um alívio enorme. Não queria ser encontrada por Esteban ali e sabia que todos na cidade o conheciam. Corria o risco que algum polícia que a reconhecesse lhe telefonasse a avisá-lo que ela estava ali.

Respondeu a todas as perguntas do inspector e perguntou se podia sair da ilha.

- Pode. Mas em breve vai ter que ir depor a Londres por causa do roubo do quadro. Por isso aconselho-a a ir para lá, ou a ficar por aqui e esperar que os meus colegas da polícia internacional cheguem, afinal era o previsto, nem sei se não estarão já na ilha.

- Mas o quadro já foi entregue e eu não tenho nada que ver com o roubo, sabe, foi o meu ex noivo que mo ofereceu dizendo-me que era uma

cópia perfeita. - defendeu-se.

- Sabe minha senhora, há coisas que ainda não foram esclarecidas consigo. Estamos a falar de crime organizado no roubo de obras de arte. Dentro de dias tudo ficará encerrado. Porque não fica por aqui? As suas declarações foram fundamentais para terminar a peça do puzzle que faltava.

Matilde imaginou que o homem estivesse a falar dos quadros de Esteban, mas, sinceramente já não queria saber mais sobre o assunto. Não estava disposta a sofrer e mais valia terminar agora algo que ainda nem tinha nome e sair com dignidade do que voltar a passar pela rejeição. Como é que um escritor de romances poderia estar velho para ter um romance? Ele nunca esquecera Krysten e só se aproximou dela pelas semelhanças físicas.

- Entendo – respondeu ao inspector-, mas por razões pessoais queria voltar a casa. Há alguma acusação em relação a mim?

- Não. Apenas vai ter que prestar declarações à polícia internacional. Mas pode ir. Será contactada em breve onde quer que esteja.

- Obrigado inspector.

Saiu do edifício e dirigiu-se ao táxi que a esperava à porta.

Destino: aeroporto. Dali a quatro horas estaria em Madrid e no final do dia em Lisboa. Acabara a aventura na ilha.

Pela janela do carro ia-se despedindo da paisagem plana do interior da ilha. Vales plantados de amendoeiras e figueiras, a perder de vista. O interior da ilha, no vale, era povoado por agricultores e, a orla costeira dedicada ao turismo. Mantinha a mente ocupada com estas observações para não pensar em Esteban e na falta que o abraço dele lhe fazia. E, se sentia a falta dele e ainda não tinha saído da ilha, era porque talvez fosse amor. Nunca sentira nada semelhante por António nem por qualquer dos namorados anteriores ao seu longo noivado. Não queria ser a sombra da outra. Ocupar o lugar de uma morta no coração de um homem que ainda estava ligado a ela, era demais para Matilde.

Partia com duas mágoas: ter-se enganado mais uma vez e abandonado o pequeno Juan. Tinha a certeza que a criança ia sentir a sua falta. Prometera-lhe ficar e não o devia ter feito. Juan estava a começar a ter uma relação de confiança, com ela, e o menino precisava disso. A vida não era perfeita, nem justa e se alguém pensasse o contrário estava muito enganado.

Todos iriam sobreviver a esta enorme tempestade de verão e continuar a sua vida. Talvez aproveitasse os convites de Marta e fosse trabalhar com ela. Há muito que Marta insistia que as duas podiam fazer uma pareceria na escrita. Marta escrevia e Matilde podia fazer as revisões e tratar de ser a sua agente. Era uma hipótese a considerar, ou embarcar numa missão humanitária para a África e desaparecer por uns tempos.

- Chegámos minha senhora. - disse o motorista parando na zona das partidas.

Pagou o serviço, saiu do táxi e entrou no aeroporto deslizando a mala de viagem atrás dela. No trajecto para o aeroporto mandou uma mensagem à mãe a avisar que ia regressar, e a Marta, a dizer que quando ela, Marta, regressasse a Lisboa, precisavam de falar.

Ambas responderam com entusiasmo mas Marta questionou-a sobre Esteban. Matilde não respondeu e, a partir dali desligou o iphone.

Vestida da forma mais casual que podia, com ténis, calções curtos verde água- a mostrarem as pernas bem torneadas e bronzeadas - e uma t-shirt branca com motivos florais, confundia-se com as pessoas que circulavam pelo aeroporto.

Faltava uma hora para o embarque e foi uma sorte ter conseguido um lugar tão em cima da hora. Apressou-se a ir para a fila do check in e esperou pela sua vez. Tinha umas vinte pessoas à frente e esperava não perder o avião. Sentia-se uma fugitiva, mas era isso mesmo que estava a fazer: a fugir. A fugir de Esteban e do medo de voltar a ser a segunda opção na vida de alguém.

Meia hora depois estava frente à funcionária da companhia low cost onde reservou o bilhete. Entregou os documentos e a mulher olhou de forma prolongada para o passaporte e depois para ela.

- Espere um momento por favor.- pediu-lhe.

No espaço de um minuto tinha outro funcionário a olhar para o passaporte e a dizer qualquer coisa à outra funcionária, que Matilde não percebeu.

Sentiu uma inquietação no estômago. Sinal que estava a ficar ansiosa.

- Passa-se alguma coisa com os meus documentos?- perguntou à funcionária.

Subitamente tinha dois polícias junto a ela a pedirem-lhe para os acompanhar. Um deles levava os documentos dela na mão e, o outro policia a mala.

- Mas eu tenho que apanhar o avião! Os senhores não percebem. Mas o que é que se passa?- estava a começar a ficar irritada e levantou a voz.

O polícia que parecia ser o mais graduado olhou para ela com um sorriso parecendo divertido.

Mas que raio de graça poderia ter ser presa num aeroporto? Imbecil.

- Calma minha senhora, precisamos apenas de fazer umas averiguações, há um mandato de prisão internacional em seu nome.

Ora merda! Só me faltava isto! António Mendonça se um dia te ponho as mãos em cima mato-te todinho!

- O quê? Mas deve haver algum engano, ainda há pouco estive na polícia de Porto Cristo e estava tudo bem.- reclamou.

- Garanto-lhe que não há engano nenhum.- disse o homem enquanto lhe abria a porta do gabinete da alfândega e lhe fazia sinal que entrasse na sua frente.

Na sala ao lado – uma sala de interrogatório com janela espelhada - Esteban andava de forma agitada de uma ponta à outra da pequena sala. Mais parecia um leão enjaulado e enfurecido. Ao observá-la através do vidro, vendo a polícia a revistar-lhe a mala, os remorsos começam a consumi-lo. Uma ânsia de desmentir a acusação que tinha feito contra ela apareceu-lhe de súbito. Nunca na vida lhe tinha passado pela cabeça denunciar a mulher que amava como ladra só para que ela não saísse da ilha.

Amava. Pela primeira vez admitiu para si próprio que o que sentia por ela só podia ser amor.

Esteban tinha acordado mais tarde que o habitual devido ao cansaço dos acontecimentos da noite anterior e, ao verificar que Matilde não estava no quarto, levantou-se num ápice e correu para o anexo. Pressentia que ela tinha partido e, ao abrir a porta teve a confirmação dos seus receios. O roupeiro estava vazio e não existia qualquer objecto pessoal que indicasse que ela ainda podia voltar.

Nem um bilhete, que procurou por toda a casa, justificava a razão da partida. Telefonou-lhe de imediato mas o iphone estava desligado. Mandou-lhe um email mas não sabia quando ela o iria ler. Não lhe restava alternativa. Se queria impedir que ela partisse só usando uma medida drástica: telefonou para a polícia e denunciou-a como tendo roubado uma escultura valiosa que possivelmente transportaria dentro da mala. Sentiu-se um canalha, mas se ela saísse da ilha não sabia se conseguiria encontrá-

la tão cedo. De seguida pegou no carro, deixou o filho na escola e dirigiu-se a toda a velocidade em direcção ao aeroporto. Numa hora estaria lá e dificilmente Matilde conseguiria passar pelo controlo de passaportes depois da denúncia feita.

A porta da sala de observação abriu-se e, um homem alto com porte atlético, entrou. O homem era impressionante e emanava uma segurança quase irritante. Esteban já estava tão irritado consigo próprio que não estava com paciência para aturar mais um pavão vaidoso. Sim, a palavra que definia a figura masculina na sua frente era essa: pavão vaidoso.

-Presumo que o é senhor Esteban De La Vega?- perguntou.

Esteban assentiu e ficou à espera.

O homem estendeu-lhe a mão para o cumprimentar num aperto de mão firme ao qual Esteban se limitou a participar.

- António Mendonça, inspector da Interpol.

-Ah.- ficou tão surpreendido que não lhe ocorreu mais nada que um simples «Ah» de admiração.

Então era este pavão o ex noivo de Matilde?

- Foi você que me telefonou há umas semanas para que eu protegesse Matilde. E é também...

- Sim sou.- confirmou António com um sorriso.

- Quando ela souber quem você é, na realidade, vai ter um ataque de fúria e sentir-se mais atraçoada ainda. Não fazia ideia que...

António não o deixava terminar as frases.

- O objectivo era esse, que ninguém soubesse que eu sou polícia. Conseguimos dismantelar a rede que operava quase em todo o mundo. Oito anos de investigações até lá chegarmos. – disse António com arrogância e desafio na voz. - Mas permita-me que lhe diga que ela também não lhe vai perdoar tê-la denunciado como ladra, para a impedir de sair da ilha.

Os dois homens estavam a digladiar-se de forma quase aberta.

- Vamos ver. – disse Esteban irritado.

- Voltando ao que interessa e me traz aqui – diz António com ar muito profissional -, os seus quadros foram todos roubados pela mesma rede de traficantes e falsificadores. Pilar fazia parte dessa rede nos dois últimos anos. Aos poucos, sem você se aperceber e usando a confiança que depositava nela assaltou-lhe a casa.

- Já suspeitava disso. Matilde tem um bom olho de investigadora e já me tinha alertado para o facto de os alarmes estarem desligados.

- É verdade. Ela daria uma boa investigadora. Quanto aos seus quadros, já sabemos onde estão alguns.

- Ótimo. Investi bastante dinheiro em arte e gostaria de recuperar aquilo que é meu. Permita-me que lhe pergunte uma coisa pessoal.

António assentiu com a cabeça. Tinha noção que os dois campos - profissional e amoroso – se misturaram pela intervenção de Matilde.

- Você aproximou-se dela para a usar na investigação?

António ficou sério.

- Não. Eu amava, corrijo, eu amo Matilde. Mas...

- Não quero saber mais. Queria ficar com a ideia que não era um canalha completo. Ela não merecia isso.

- Quando ela foi trabalhar connosco eu ainda não tinha certeza que o meu sócio era o chefe do grupo e, a leiloeira era apenas uma fachada legal. Só tínhamos suspeitas. Ela estava desempregada, eu apaixonei-me por ela e o resto, imagino que já sabe.

Esteban assentiu não fazendo ideia se haveria mais para saber. Tudo já lhe parecia tão... estranho.

- Creio que vocês gostam um do outro. Vou tentar que ela lhe perdoe, e se ela ficar, faça os possíveis para a fazer feliz. Ela merece.

- Sem dúvida. Concorro consigo.- e não lhe disse que ele era um sacana mentiroso porque não tinha nada que ver com isso, mas ficou com a frase colada à língua a fazer-lhe comichão.

António estendeu-lhe a mão e despediu-se com um aperto de mão caloroso. Era um homem interessante, pensou Esteban, mas ainda bem que era homossexual.

Riu-se sozinho. Nunca imaginou desejar isso para um homem, mas, este em particular, não lhe fazia concorrência.

Um dos polícias, o mais novo com ar simpático, informa-a que o inspector da Interpol vinha falar com ela dentro de alguns minutos, e que podia arrumar a mala.

Furiosa Matilde arrumou a roupa sem qualquer cuidado, apenas queria que a porcaria da mala se fechasse; começou a fazer pressão com os joelhos para terminar o que parecia estar a ser uma tarefa árdua, na esperança de que a deixassem ir embora, mas estava com dificuldades. Mas porque é que insistiam em demorá-la ali?

Afinal não encontraram o que procuravam. Mas afinal o que é que procuravam? – interroga-se.

A porta da sala abriu-se nas suas costas e Matilde nem se dá ao trabalho de se virar para ver quem entrou. Devia ser mais um problema, por isso ia ignorar. Continuou a brigar com a mala tentando desesperadamente trancá-la e estava prestes a ter um ataque de choro – coisa pouco habitual em si – quando ouve uma voz conhecida.

-Dava jeito ajuda?

Devia estar a ficar louca. Se não era a voz de António...virou-se subitamente, largou a mala que voltou a abrir-se com a roupa amontoada no meio e... era mesmo ele.

A raiva subiu-lhe à garganta fazendo-a sentir um nó. Foi com a voz embargada que disse.

- Ouve, não sei que estás aqui a fazer, mas já tenho problemas que cheguem e, a última pessoa que queria ver na minha frente és tu!- gritou-lhe. – Sai daqui, estupor! Não respondo por mim se te aproximares mais!

Estás a ter um ataque de nervos Matilde! Pareces louca! Acalma-te mulher.

- Calma Matilde. Preciso mesmo de conversar contigo.- e desceu o ecrã que tapava a visão a quem estava na sala de observação contígua, neste caso a Esteban que, do outro lado praguejou um palavrão para

António quando percebeu que ele o deixara ali, preso. Adivinhando o que ele o fizera sorriu interiormente. Mas não tinha como sair dali. A porta só se abria do exterior.

- Não temos nada que falar, só quero sair daqui e partir para o outro lado do mundo, onde não veja ninguém conhecido à minha frente, muito menos tu. Entendes?

Matilde começou a chorar e António abraçou-a. Conhecia tão bem aquele abraço reconfortante que relaxou, sentindo-se protegida. Era isso. Ele sempre a protegera e, foi esse sentimento que a manteve tantos anos, presa a ele.

- Não chores. Eu sei que tudo parece estranho, como se o mundo conspirasse contra ti, mas há uma explicação. Senta-te aqui – e puxou uma das cadeiras que estava em frente à secretária – que já te explico tudo.

Matilde limpou as lágrimas com a mão, sentou-se e baixou a cabeça. Estava a dar-se por vencida. António sentou-se na outra cadeira na frente dela e pegou-lhe nas mãos.

- Olha para mim, por favor – pediu - sei que deves ter pensado que eu era um ladrão mas eu... sou polícia. Quando me conheceste já era polícia. Pertencço à polícia de investigação internacional e, o quadro foi apenas uma cilada para apanharmos o chefe da quadrilha. O quadro que te ofereci era original e foi uma forma de apanhar os responsáveis mais altos do grupo organizado. Como queríamos, eles vieram atrás do quadro.

- Eu sei, mas pouco me importa o quadro. Sabes António, fizeste-me perder sete anos da minha vida contigo de uma forma desonesta. Eu julgava que te amava... agora, acho que não. Sabia-me bem a forma como me tratavas e protegias. Mas podias ter sido sincero comigo. Não te quero mal, mas não temos os mesmos objectivos no que diz respeito a uma relação amorosa.

- Pois não. Desculpa. Podes não acreditar mas eu ainda te amo. Amo os dois e não queria prescindir de nenhum.

- Acredito, mas eu não quero dividir o meu marido com ninguém, seja homem ou mulher. Quero ser única na vida do homem que amo.

- O escritor?- lançou António para o ar.- O teu actual patrão?

Ela ficou surpreendida com a sagacidade dele, mas não confirmou.

- Isso agora já não importa. Quero partir da ilha. És tu o inspector que vinha falar comigo?

- Sim, mas por um fio não te encontrava. Se não fosse Esteban ter urdido um plano para te reter...

-O quê?!- falou alto - Vocês conhecem-se?

- Há poucos minutos. Mas tive que falar com ele para te proteger. Lembras-te quando te pedi que voltasses a casa dele naquele fim-de-semana que foste para Valldemossa?

Ela anuiu.

- Pois bem, havia um homem a perseguir-te por causa do quadro.

- Stef.- disse ela com toda a certeza.

António anuiu.

- Havia qualquer coisa de sinistro nele que me assustou.

Mas não contou que até hoje não tinha noção do que acontecera na noite em que Stef a drogou e seria humilhação demais contar o que se tinha passado naquela noite.

- É perito em seduzir viúvas e mulheres sós, que possuam obras de arte valiosas em casa, e roubá-las. Allen fazia o resto. Assim que ele percebeu que não tinhas o quadro aqui voou para Lisboa.

- Marta.- disse Matilde.

Só podia ser o mesmo homem.

António confirmou de novo o raciocínio dela.

- Já está preso, bom como Allen e mais dois homens. E Pilar obviamente. Pilar deixou-se seduzir por ele e para se vingar de Esteban roubou-lhe todas as peças valiosas da casa.

- E quase me matava por ciúmes.

António sorriu-lhe. Sem querer ela estava a confirmar o seu envolvimento com o escritor.

- Bom, creio que estamos esclarecidos. Não há acusações contra ti, és livre.

- Posso partir já?

- Ainda não. Quero que fales com uma pessoa primeiro. Depois fazes o que quiseres.

António passou-lhe o braço pelos ombros, beijou-a na face e conduziu-a para fora da sala. Iria sempre ser a mulher da vida dele, mas ela tinha razão. Ele amava outra pessoa também e, por mais que lhe custasse, tinha que aceitar a decisão de Matilde.

O inspetor António Mendonça abriu a porta da sala de observação onde Esteban aguardava e fê-la entrar. Matilde olhou para ele com ar de

interrogação.

- Dentro de meia hora venho buscar-te.

Entrou e quando viu Esteban a surpresa foi enorme. Não esperava vê-lo ali e nem imaginava o que ele poderia querer dela. Sentiu-se mais parva e ridícula que nunca. Uma mulher da idade dela metida em confusões que mais pareciam um filme de série B.

- Não te roubei nada, não entendo porque me denunciaste. Não é justo. Disse com o ar mais frio que conseguiu, mas estava a derreter-se por dentro. Era ele que devia ter conhecido em vez de António, mas agora era tarde. Esteban não a queria.

- Não é justo, tens razão. Mas deves saber porque é que te denunciei? Matilde abanou a cabeça em sinal de negação. Cada vez entendia menos.

- Olha Esteban, deixa-me ir. Preciso de paz e já não temos nada que conversar. Tudo o que havia para ser esclarecido já foi. Já sabes que vais recuperar os teus quadros, Pilar está presa e vai ser julgada, está tudo esclarecido e foi apenas um acaso, o nosso encontro.

Esteban ouvia-a pacientemente e olhava-a com um ar que já a estava a irritar. Se queria gozar com a cara dela já chegava.

- Deve ter sido o acaso mais feliz da minha vida, embora ficasse com as calças estragadas.- disse a rir. -Vem cá minha tonta.

E abriu os braços para a receber, mas Matilde manteve-se estática. Não estava para jogos. Esteban pegou-lhe na mão e puxou-a para si abraçando-a.

- Não percebes que fiz isto para impedir que partisses. Não tinha maneira de te impedir que embarcasses.- e tentou cingi-la mais a ele.

Matilde plantou as palmas das mãos no peito dele e não o deixou aproximar-se mais.

- Mas porquê? Eu ouvi-te dizer ontem de noite que não tinhas idade para romances. Para mim significou que não me querias. Por isso parti de manhã.

- Felizmente, tenho amigos na polícia. Assim que chegaste à esquadra avisaram-me que já tinhas testemunhado, e ias partir da ilha. Foi a única coisa que me ocorreu. É estúpido, mas resultou. Estás aqui.

- Já percebi essa parte – disse com um sorriso na cara e colada ao peito dele. – Mas porque é que não tens idade para romances?

- Porque quero uma relação a sério. Quero-te na minha vida para sempre. Eu e o Juanito.

- Chantagista.- proferiu Matilde, enquanto se aconchegava no abraço dele.

- Não faz mal ser chantagista, se der resultado. – riu-se. - Matilde. Sou feliz ao teu lado. Ainda não percebeste? Gosto de quase tudo em ti.

- Quase tudo? O que é que não gostas?

- Não sei, mas ainda vou descobrir. - disse a rir, olhando-a profundamente a espelhar o amor que tinha para lhe oferecer.

Esteban aproximou os lábios dos dela e beijou-a com intensidade. Matilde correspondeu e uma sensação de excitação e bem-estar invadiu-a. Subitamente lembraram-se do local onde se encontravam e recompuseram-se.

- Isto vai parecer estranho, sobretudo por estarmos numa sala de interrogatório do aeroporto, mas queres casar comigo?

De súbito a porta da sala abriu-se e António surgiu a tempo de ouvir o pedido.

- Posso ser o padrinho?- perguntou.

- Não!- responderam em uníssono Matilde e Esteban.

- Não te vou responder aqui – disse Matilde – mas se já pudermos ir, vamos fazer isto como deve ser.- e olhou para António.

António anuiu.

Estava liberta de tudo. Até dele.

Matilde pegou na mão de Esteban e dirigiu-se à saída. Mas, ao passar por António largou a mão de Esteban, levou as mãos ao rosto do homem que tinha sido o seu noivo e o melhor amigo de sempre, deu-lhe um beijo na face e disse.

- Sê feliz, meu querido.

António abraçou-a com amor, com Esteban a olhar de soslaio e disse.

-Tu também.

E deixou-a ir em direcção a Esteban. Os dois homens cumprimentaram-se com o olhar, em sinal de respeito, e o casal saiu porta fora a correr para a saída do aeroporto como dois adolescentes. Tinham muito que falar e planear o resto da vida dos dois para tentarem conquistar uma felicidade real e possível.

Esteban recostou-se na cama e olhou para Matilde. Passaram quatro meses sobre aquele dia atribulado, no aeroporto, e estava na altura de oficializarem a união. Mas, antes, tinha uma tarefa a cumprir e precisava deslocar-se a Madrid, sozinho.

Recordava-se como se fosse hoje, de saírem a correr do aeroporto, de mão dada, como se fossem dois garotos adolescentes, e nem se sentiu ridículo. Quando o amor toca alguém, retrocede à juventude, mesmo que já tenha passado dos quarenta. Almoçaram no restaurante onde Matilde entornou o vinho nas calças de Esteban e enquanto esperavam pela comida, pediu-lhe licença para se ausentar quinze minutos, entrou numa ourivesaria que conhecia ao virar da rua, em direcção à Plaza Mayor e comprou o primeiro anel de que gostou. Sabia de cor o tamanho dela e ali estava a jóia, enfiada no dedo anelar da mão esquerda, a simbolizar o compromisso de amor.

Quando lhe entregou a caixa e lhe pediu que a abrisse, Matilde ficou emocionada. Era o anel mais simples e bonito que já vira. Um pequeno diamante incrustado em ouro branco. Dissera-lhe que os diamantes eram eternos, tal como o amor que sentia por ela.

- Que foi?
- Estás linda, já te disse hoje?
- Mil vezes.
- Nunca é demais.
- Amor?
- Sim.
- Vou a Madrid amanhã... sozinho. Quero que fiques aqui e confies em mim.
- Amor. Não sou do tipo que se descabela aos gritos porque o homem da minha vida tem um segredo qualquer que não quer que eu saiba. –

ironizou. – Mas faço um escândalo se aquela Irene aparecer por aqui e se pendurar a ti.

Esteban deu uma gargalhada. Imaginou Matilde a dar uns abanões em Irene e a cena pareceu-lhe engraçada.

- É segredo durante cinco dias.

- O tempo que falta para o nosso casamento – disse -, e agora vou até à cidade. Quero tratar pessoalmente da cerimónia. Se a minha mãe sonha que vamos casar aparece cá e toma conta de tudo. Só vai saber quando chegar. Dona Manuela é um furacão.

- Mas tu não deixavas, pois não? – e mordiscou-lhe a orelha escorregando até aos lábios dela, com sabor a hortelã da pasta de dentes.

Matilde riu-se e deixou que ele a derrubasse na cama pela terceira vez. Sempre que fazia uma tentativa de se levantar não conseguia. Ele não permitia.

- Não. Não deixava. – disse ela sem saber bem ao que estava a responder.

Esteban tirou-lhe a camisola de seda branca, puxando-a através da cabeça e ficou a olhá-la com devoção.

- Sinto que te conheço de toda a minha vida. Que nos conheço. Se um dia eu me esquecer de te amar, lembra-me.

- Não vou deixar que isso aconteça. – respondeu ela.

E, num ápice rolou debaixo dele e fugiu do quarto a rir, sabendo que Esteban a apanharia caso quisesse. O dia era curto e havia muitas providências a tomar para a cerimónia, além de outros afazeres.

Esteban regressara ao fim da tarde e enfiou-se no escritório com uma caixa de cartão debaixo do braço. Abriu o cofre de ferro com mais de cem anos e guardou a caixa. Matilde não podia ter acesso ao conteúdo.

Desde que ela decidiu ficar que fizeram o contrato de Matilde trabalhar nos livros de Esteban. Há vários dias que terminara a revisão do último romance e não via entusiasmo da parte dele para o enviar à editora. Estava sem trabalho e entretinha-se a escrever pequenos contos, um bom exercício para se aventurar em algo maior. Há algum tempo que pensava em começar a escrever também.

Dali a dois dias iria entrar na igreja, pelo braço do pai, pela segunda vez, e tornar-se a esposa de Esteban. Esperava que fosse para sempre, enquanto o amor dos dois durasse e a vida também. Imaginava-se a viver com ele muito velhinha e com os netos a correrem por ali, no jardim.

Amanhã chegava a sua família e algumas amigas, e os irmãos de Esteban, Rocio, e Pedro que Matilde não conhecia. Uma inquietação começou a dar conta dela à medida que o tempo para o dia da cerimónia se esgotava. Desta vez era apenas uma festa familiar com a presença de amigos mais próximos, muito longe do aparato que a mãe tinha organizado para o seu casamento com António, mas tinha receio que algo não corresse como previsto. Esteban incluiu António na lista de convidados e ela agradeceu-lhe. Afinal António tornara-se num amigo com quem falava frequentemente. António estava finalmente a viver com o seu cantor e contou aos pais. Segundo eles, os pais sorriram, um sorriso amarelo e disseram-lhe «preferimos não tomar conhecimento» e, entraram em negação fingindo não ter percebido o que o filho lhes comunicara. Apesar de ficar magoado entendeu que era impossível os pais, com a mentalidade fechada que tinham, aceitar algo que consideravam doença. Matilde lamentou por ele que mais uma vez fosse obrigado a esconder-se da sociedade, mas António garantiu-lhe que isso não voltaria a acontecer. Tiveram duas longas conversas ao telefone e ele confessou-lhe que a amava para sempre, mas que esse amor não era no plano sexual. Matilde perdoou-lhe e agradeceu-lhe a sinceridade e, afinal só encontrou Esteban porque não tinha casado com ele.

**

Saía vestida de noiva do anexo. O mais parecido com a sua casa de solteira, nos últimos tempos. Marta estava a ajudá-la a vestir-se e o pai esperava-a na entrada do Castillo com um carro alugado, para a levar à igreja.

- Pedi à minha mãe que fizesse uma daquelas rezas antigas, para que tudo dê certo desta vez. – disse Marta.

Matilde abriu a boca e fez cara de espanto.

- Só tu mulher! Acreditas nisso?

- *Yo no creo en las brujas, pero están ahí.* – disse Marta a rir.

E caíram as duas na gargalhada.

Marta acabou de lhe retocar a maquilhagem, colocou-lhe a pequena grinalda de flores no cabelo e disse:

- Está linda, vamos embora, antes que ele mude de ideias. – brincou.

Matilde riu-se do humor negro da amiga. Marta tinha essa particularidade de brincar com coisas sérias e ultimamente Matilde ria de tudo e nada. A felicidade tornara-a alegre e jovial.

- Antes de irmos, quero contar-te um segredo, ainda é segredo. – fristou.

- Estás grávida!

- *Bruja!* Mas Esteban ainda não sabe. Vou dizer-lhe hoje depois da cerimónia. É a minha prenda de casamento.

Marta sorriu. Também ela iria receber uma prenda de casamento dele.

**

A igreja pequena e moderna estava completa com a família e os amigos dos noivos, que aguardavam a sua chegada. Juan estava no altar segurando uma almofada de cetim com duas alianças, ao lado do pai. Sorria. Esperavam Matilde.

Alguém fez sinal que a noiva chegara e as cabeças voltaram-se para a porta. Os olhos de Esteban brilhavam e Juan imitava o pai.

Matilde entrou na igreja e sorriu para todos os conhecidos. Marta, a irmã, António que tinha uma lágrima no olho, e a mãe, que preferia mil vezes que ela casasse com António, apesar de tudo. Pobre mãe. Era sempre tão ridícula nas suas escolhas.

A música conhecida soou, e uma voz, familiar, entoava a *Avé Maria* de Schubert. Matilde avançou até ao altar e o pai entregou-a a Esteban. O tenor continuava a entoar a oração à virgem e estendeu o braço na direcção dos noivos, sorrindo. Desta vez sabia que era para ela. Sorriu-lhe e disse obrigado em surdina. Os dois – ela e o tenor- estavam agradecidos e felizes.

O padre Xavier iniciou a cerimónia e Matilde aconchegou-se a Esteban. Agora sabia o que era a felicidade de amar e ser amada.

Uma hora depois, já estavam casados e, quando os convidados esperavam que os noivos descessem a nave da igreja até à saída, Esteban pediu a atenção de todos provocando a curiosidade geral.

Marta já estava a postos com a caixa embrulhada em papel dourado e com um laço enorme na tampa. Passou-a a Esteban.

- Matilde, meu amor. – disse alto com a voz forte. - Quero que a nossa união fique registada da forma mais original que consegui. – e olhou-a com devoção.

A devoção a que Matilde já se habituara e adorava. Estava finalmente no paraíso.

- Deus é testemunha que passei horas a escrever às escondidas, nos últimos meses, e Marta fez-me o favor de rever tudo o que escrevi e sugerir alterações. Esta é a tua prenda, dedicado a ti, a nós, e ao nosso amor. E estendeu-lhe a pequena caixa.

O silêncio imperava, podia-se ouvir alguma mosca mais atrevida que por ali voasse. Até o padre ficou à espera de ver o que saía da caixa. Os pescoços estenderam-se na direcção dos noivos. Matilde deu o bouquet de peónias a Marta para ela segurar, e pegou no presente dourado. Desfez o laço, abriu o papel e revelou uma caixa decorada com papel vintage. Com as palmas das mãos a suar e as pernas a tremelicarem, abriu o objecto rectangular, estreito, abriu muitos os olhos e a boca, fez um «Oh» e, incrédula com o que via, tapou a boca com a mão esquerda para refrear um grito de alegria. Lá dentro estava um livro. Matilde pegou nele, retirou-o da caixa e mostrou aos convidados. As lágrimas corriam-lhe pela face e Esteban limpava-lhas com a mão.

- É o primeiro livro impresso do meu novo romance. Dediquei-o a Matilde. “A prenda da Noiva”. – e levantou o pequeno livro no ar para que todos vissem. – Por enquanto é cópia única.

Na capa, simples e alva, para além do nome do autor e do título, apenas uma imagem de um bouquet de peónias rosa claro.

Esteban escreveu um romance fora do seu género habitual, mas estava feliz pelo que ele significava para os dois.

Matilde lançou as mãos ao pescoço dele e Esteban estreitou-a a si, enquanto o livro passava de mão em mão.

- Amo-te tanto que chega a doer. Sabias? – disse-lhe ele ao ouvido.

- Eu também.

Matilde elevou-se um pouco mais e, encostou os lábios ao ouvido dele.

- Estou grávida de dois meses.

Apertou-a mais contra si e deixou as lágrimas correrem-lhe pela face. Limpou-as com a costa da mão e agradeceu-lhe com um beijo, o primeiro depois de casados.

Esteban olhou em volta à procura de Juanito e quando o viu, com ar de quem não percebia o que se passava à sua volta, chamou-o. O menino correu para ele, deixando a mão da tia e saltou-lhe no colo.

- Está tudo bem meu querido. O pai está feliz. Vamos. Vamos os quatro para casa.

- Pai, enganaste-te, somos só três. – proferiu o menino.

E quem ouviu Juan proferir a frase em voz alta, soube do que ele falava. Alguns sorriram, outros cochicharam com o vizinho do lado.

Esteban saiu da igreja com Matilde e Juan pela mão.

Eram uma família que em breve iria aumentar.

- Matilde?

- Sim amor?

- Quanto tempo vamos amar-nos?

- Para sempre. – respondeu Juan em vez de Matilde.

E os três, dentro do BMW, onde ninguém os podia ouvir, riram à gargalhada da resposta do garoto, que também mostrava a sua felicidade.

Esteban ligou a ignição e arrancou suavemente com o carro, em direcção ao Castillo, onde os esperava um banquete no maravilhoso jardim da casa.

Tudo está bem, quando todos estão felizes. Todos não. Manuela Vidal chorava o bom partido, e o homem lindo que a filha tinha preterido. António continuava a ser o genro de sonho.

- Porque não casas com ele? – perguntou o marido visivelmente irritado.

- Porque ele não quer. - e olhou desafiadora para o marido. – Porque eu queria.

- Que ridículo!

- Ridículo é um velho como tu, querer rejuvenescer à conta das jovens que engatas.

Manuela voltou costas ao marido e procurou uma bandeja com vinho.

Marta e Rosamaria riam agarradas à barriga e com o rímel a escorrer pela cara. Nunca a mãe fora tão assertiva com o pai e tivera tanta graça.

Vasco Vidal que se cuidasse, o seu reinado estava a acabar.

Três horas depois, dois empregados da empresa de catering, transportavam um enorme bolo – o bolo da noiva – mas com um formato diferente.

Todos correram a ver o bolo.

Um bolo em formato de livro – uma cópia perfeita de “ A Prenda da Noiva – foi colocada em cima da mesa oval.

Uma salva de palmas ecoou pelo espaço e, Esteban enlaçou Matilde pela cintura e procurou os seus lábios selando o amor que os unia.

OBRIGADO POR LER O MEU LIVRO!

Caro leitor,

Vou pedir-lhe um grande favor. Gostaria que deixasse uma crítica honesta na amazon quando terminar de ler o livro, no caso de o desejar fazer. Se o fizer ficarei muito grata.

Muito obrigado por ter lido o meu livro e por ter despendido algum do seu tempo comigo.

Sempre grata

A AUTORA

Os livros de Lúdia Craveiro combinam romance, mistério, drama, erotismo, crime e até uma boa dose de humor.

A autora vive em Portugal. Em criança viveu em França durante um tempo e tem uma grande ligação emocional ao país. Publicou o seu primeiro livro em 2013 e, por várias vezes os seus livros já estiveram no TOP 100 da amazon Brasil.

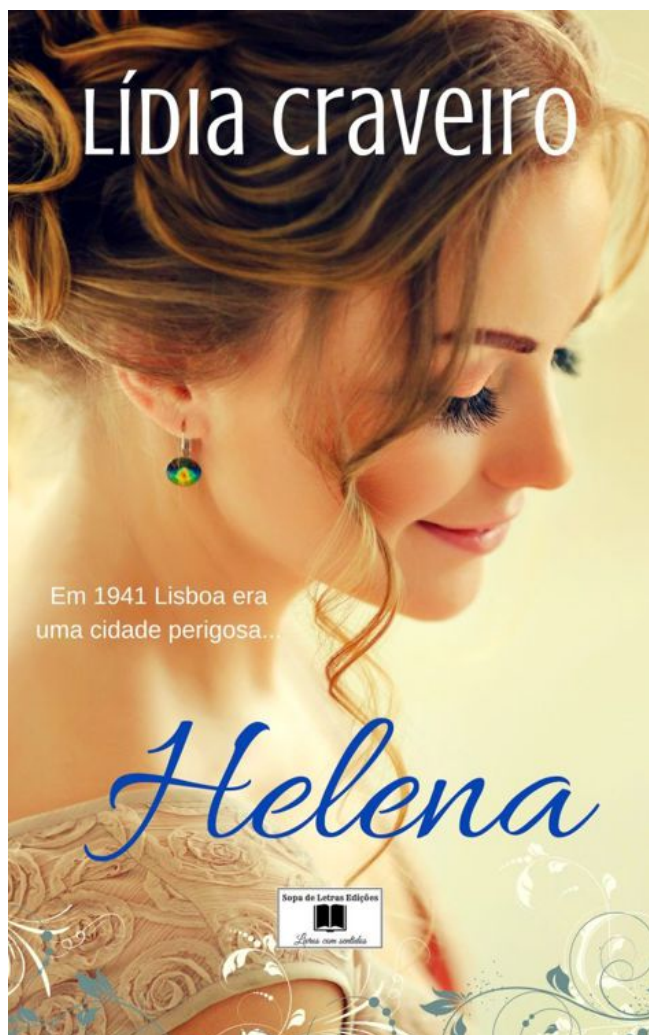
A autora possui uma licenciatura em psicologia clínica e especializou-se em psicoterapia. Divide o tempo entre o consultório, uma escola para crianças inadaptadas e a escrita.

Para acompanhar a autora visite o seu blog pessoal.

www.perolasparaaalma.com, no Goodreads, no Facebook ou no Twitter.

Pode encontrar outros títulos da autora na amazon.

Outros Títulos



Capítulo 1

Lisboa, 1941

- É um homem muito... muito garboso, não acha minha querida? – disse a condessa Carmina entre dentes, ao seu ouvido.

Helena pensou em cavalos. Garboso é uma palavra que se aplicava a um cavalo. Só mesmo a velha condessa faria semelhante comparação. Não deu uma gargalhada porque a madrinha não lhe perdoava a falta de decoro e de educação, portanto, sufocou o riso colocando a mão em frente à boca,

num pequeno trejeito como se fosse tossir a um qualquer engasgo accidental.

- É Ricardo que a faz sorrir assim... com esse ar tão...tão... luminoso? Dava dez escudos pelos seus maus pensamentos! – disse Carminda em voz alta. Descrição não condizia com a sua real pessoa.

A condessa estava tão maquilhada que mais parecia uma pintura burlesca e Helena estremeceu, não de frio, mas com receio de não segurar o riso com a ousadia da mulher naquele ambiente tão seletos.

Seria assim tão transparente? Ou a velha condessa Carminda Vilhena, era demasiado perspicaz?

- A senhora quer embarçar-me? Lá tenho idade para esses ditos pensamentos! – ripostou para disfarçar.

- Ora, minha querida! Não se faça desentendida. Cá entre nós, são esses ditos pensamentos, que dão sabor à vida. Os pensamentos maus, percebe? – e deu-lhe uma palmadinha na mão fazendo soar a quantidade de pulseiras de ouro que ostentava no braço, qual guizo de cobra cascavel. – Todos os que estão aqui sentados nesta longa mesa, pautam por serem santos e apostava as minhas pulseiras de ouro puro – chocalhou-as no braço de novo -, em como estão a fazer conjecturas acerca do que existe entre Ricardo e a viúva sentada ao lado dele, mas sabe uma coisa?

Helena olhou-a tentando decifrar o que a nobre criatura enrugada queria insinuar. Ficar sentada à mesa junto a Carminda era sempre uma aventura no mundo da bisbilhotice e da intriga de salões.

- Ele é o único verdadeiro aqui. Todos os outros são uns hipócritas. Acredite em mim. Conheço-os a todos. Ele não esconde que se deita com quem quer. Todos os outros...bem...não vamos falar dos outros agora – e debruçou-se sobre o que tinha no prato, através do óculo assente no nariz.

Tendo em conta a fama de alcoviteira e língua viperina, Helena não duvidou que ela soubesse tanto sobre a vida das pessoas com quem privava.

Ricardo Cabral de Santana estava sentado ao lado de Isabel Carmona, a viúva jovem e, a madrinha Catarina fuzilava o filho com o olhar. Catarina Santana queria vê-lo casado, mas não com uma mulher naquele estado civil. Isabel era uma perdida, tolerada pela sociedade e protegida pela condessa. Ninguém se atrevia a desafiar a condessa talvez com medo do uso que ela poderia dar ao que sabia sobre eles, algo que Helena nem imaginava o que fosse, mas também porque a maioria lhe devia favores

que não tinham paga, nomeadamente, quantias avultadas de dinheiro e proteção em situações delicadas. Desde criança que Helena sabia que Carminda era muito amada e odiada ao mesmo tempo pela burguesia lisboeta.

Helena atreveu-se a erguer o olhar para o outro lado da mesa e, os seus olhos embateram nos dele. Ricardo cumprimentou-a com um aceno de cabeça e ela respondeu sem conseguir evitar um rubor na face. Ricardo não a reconheceu. O padrinho esqueceu-se dela. Mas era o homem mais bonito daquela festa e, não fosse por ele, não valia a pena aguentar aquela gente de nariz empinado que apenas falava de frivolidades.

- Tome cuidado, minha querida. Não se apaixone por ele. É um destruidor de corações. Mas é um homem – suspirou – com tudo no sítio, desde o exterior ao interior. Se eu fosse mais nova... – e não concluiu a frase deixando Helena intrigada e incomodada pelo teor da conversa. A alusão ao sexo, em público, era algo que apenas Carminda se permitia e, não falava propriamente baixo. Por vezes até usava a desculpa de ouvir mal. As senhoras da sociedade não ousavam sequer pensar em tal coisa, na presença de outrem, não fosse alguém ler-lhes a mente. Sexo era tabu entre as pessoas de bem, e coisa de prostitutas. Os tempos eram de recato e perseguições. A moral vigente era dura com os prevaricadores.

Helena levantou os olhos do prato e dispôs-se a apreciar Ricardo pela mira da velha condessa. Se ela dizia que ele era tudo isso, então ia verificar: rosto quadrado e bem definido; estrutura óssea harmoniosa; lábios cínicos e bonitos; nariz aquilino, fronte alta, e uns olhos castanhos mel que quase incendiavam a mulher com quem conversava. Isabel Carmona estava derretida e quase raiava a falta de decoro. Não fosse ela a dama de companhia da condessa e Helena quase apostava que a madrinha nunca a receberia em sua casa, de tão ordinária que a mulher era.

Sim, admitia que o padrinho Ricardo era um homem muito interessante. Ricardo conversava com a viúva com o maior dos interesses. Ficou a olhar para o par sem conseguir despegar os olhos e uma inquietação súbita, desconhecida, fez-lhe disparar o coração em taquicardia por segundos. Ele era apaixonado por aquela mulher, teve a certeza.

- Disfarce minha querida, disfarce - aconselhou a condessa.

- Dona Carminda, a senhora hoje só fala por enigmas. Não entendo onde quer chegar!

- Enigmas? Ora! Ora! Já lhe ouvi chamar nomes mais... impróprios.

Helena franziu o sobrolho e, pensou que a velha - apesar de divertida, por vezes estava a ficar esclerosada e inconveniente. Ou se afastava dela, ou ainda ficaria muito embaraçada perante as senhoras amigas de Catarina Santana.

Uma hora depois, as senhoras terminavam a sobremesa de lampreia de ovos e, os homens, preparavam-se para passarem a outra divisão da casa para conversas mais recatadas sobre política e economia, tudo no mais absoluto sigilo, como diziam.

José Luís Santana estava agitado. Os seus setenta anos, já lhe pesavam o bastante para ficar nervoso em situações que há dez anos ainda dominava com poder.

O velho comendador Santana levantou-se e propôs um brinde ao regresso do filho Ricardo a Portugal. Com o avançar da idade, gostava de ter a família por perto -os filhos especialmente- e, sempre que os reunia, brindava ao fato.

Observaram-se uns sorrisos cínicos entre os presentes. Uns porque sabiam das tendências políticas do filho mais velho do casal Santana e outros porque há muito ouviam o boato da distância amorosa entre o comendador e a esposa, muito mais jovem que o marido e que nunca mostrara sinais de o amar. Catarina casara por influência da família e por ambição.

Ricardo agradeceu em voz alta, numa voz timbrada que se fez ouvir em toda a sala e ergueu o copo. Helena imitou os convivas e quando todos brindaram, do outro lado da mesa, ele ergueu o copo na sua direção olhando-a como mulher - com...desejo e admiração. Helena não baixou a guarda e retribuiu, mas por dentro abanou como um pudim de gelatina. Afinal, ele era o padrinho mais novo, fora assim que se habituara a vê-lo ao longo da sua meninice e, não era decente olhá-lo como uma mulher olha um homem. De uma coisa tinha quase a certeza, ele não se recordava dela. Não dava sinais disso. Para Ricardo, Helena era apenas mais uma das mulheres presentes no salão, tão apetecível como qualquer outra e tão disponível para ser conquistada como as outras.

- Então minha querida, já percebeu?

- Não Dona Carminda – mentiu.

A velha senhora tinha percebido o seu mal-estar. Seria transparente, ou a condessa era mais astuta que uma raposa velha acostumada a ir ao

galinheiro sem ser apanhada.

Não queria admitir que viu lascívia no olhar de Ricardo. Foi um erro não lhe ter revelado a sua identidade quando percebeu que não fora a reconhecida. Mas ele não perguntou e ela adorava enigmas, jogos de sedução e um bom mistério à volta da sua pessoa, sempre que algum jovem rico pensava que ela era da família e se atrevia a namoriscá-la.

Era assim que conseguia quase tudo dos padrinhos: sempre conseguiu seduzir Catarina Santana com o seu olhar atrevido.

Se o conhecia bem, se Ricardo ainda fosse o mesmo homem que partiu dali quando ela tinha doze anos, em breve ele iria para o Alentejo e ela ficava em Lisboa. Ricardo era um espírito inquieto. Não haveria mais hipóteses de convívio. A madrinha ia obrigá-la a permanecer na capital enquanto necessitasse da sua companhia e lá se ia o único motivo de interesse que a fazia permanecer naquela casa.

- Sempre foi muito má a mentir querida – disse-lhe ao ouvido a condessa Vilhena.

Helena sobressaltou-se e quase pulou na cadeira, mas reagiu de imediato.

- Devo ter aprendido com a senhora – respondeu insolente.

Conhecia Carminda Vilhena muito bem e, por vezes até a considerava uma espécie de avó emprestada. Apelidada de “A Condessa” por ter herdado o brasão de família, era a figura mais insólita de Lisboa. Já ninguém se vestia daquela forma extravagante, com plumas e penas, folhos e folhinhos como se vivesse no século passado. Carminda era o emblema do Príncipe Real, e podia bem ser a mascote das marchas populares.

- Ainda bem que lhe ensinei alguma coisa, detesto mulheres palermas. A menina tem fibra, mas tem que aprender a defender-se, caso contrário torna-se uma dessas tontas que estão aí – e apontou com displicência para um grupo de jovens mulheres que davam risinhos e olhavam para Ricardo à socapa.

Catarina deu a refeição por terminada, convidou as senhoras a passarem ao salão de chá e os homens à sala de jogos para disfrutarem de charutos cigarros e cognac.

Helena aproveitou o momento para se esgueirar para o jardim nas traseiras do palacete. As conversas das amigas da madrinha aborreciam-na de morte e, não raras vezes, dava consigo a pensar o que é que aquelas

mulheres tinham dentro da cabeça para além de mexericos e modelos das revistas femininas trazidas de França a chegarem à capital cada vez com menos frequência, por causa da guerra.

Gostava de Lisboa pela descoberta e oportunidade de aprender coisas novas, mas as obrigações sociais não eram do seu agrado, era como se a lançassem aos tubarões em pleno alto mar. Apesar de ter estudado e convivido com outras jovens de meios mais abastados que o seu, continuava a ter dificuldade em conviver com a classe social dos Santana. Era filha de gente pobre, muito pobre – serviçais - e, dificilmente iria ultrapassar esse patamar porque não era aceite como membro da família e sim como uma criada com privilégios. A filha dos caseiros, era apenas tolerada nos salões, por ser a dama de companhia de Catarina, ouvia dizer às amigas de Catarina, vezes sem conta e, sempre nas suas fuças, para que ela não tivesse ideias de se agradar do filho de alguma delas.

Percorreu o corredor até à porta que dava acesso direto às escadas até ao jardim frondoso e, antes de sair, espreitou para o salão de jogos onde os homens jogavam bilhar, cartas, e discutiam política de forma velada que os tempos eram de ditadura. Um passo em falso poderia custar a vida a qualquer um, embora ali, todos fossem apoiantes incondicionais de Salazar como estavam sempre a repetir não fosse alguém ter dúvidas. Um deslize, uma critica, um reparo mal feito ao regime, seria fatal a qualquer um deles. A policia politica estava infiltrada em todos os lugares e o presidente do conselho não era homem de perdoar uma traição.

A Helena era-lhe vedada o acesso à sala dos homens, mas os temas de conversa eram mais interessantes que chapéus, vestidos, casamentos e intrigas mundanas.

Quando era criança, Helena escondia-se no salão da casa da herdade, atrás dos cortinados de veludo pesado -ao ponto de abafarem o som-, a ouvir as falas do padrinho José Luís com os filhos e os amigos, sobre política e negócios. Também os saraus de jogo no Outono, depois de um dia de caça, traziam sempre à baila assuntos que lhe interessavam: uma possível guerra na europa, os avanços de Hitler, a cumplicidade de Salazar com Hitler Franco e Mussolini, a posição dos estados unidos e da Inglaterra face ao conflito; assuntos falados apenas entre amigos de confiança, no recato da herdade no Alentejo e, mesmo assim, em surdina, não fosse alguém acusá-los de conspiração e, ninguém, mas ninguém mesmo, desconfiava do interesse que a afilhada dos Santana tinha em

assuntos ditos de homens. Mulheres não discutem esses assuntos, dizia-lhe a madrinha quando ela fazia alguma pergunta mais ousada acerca do que se passava em Portugal. Catarina dizia-lhe muitas vezes que não a tinha mandado apender inglês e francês para ela falar de coisas de homens e comentar o que lia nos jornais que José Luís recebia em casa.

Desceu as escadas com a elegância de uma jovem da alta sociedade. Por milagre - dizia a mãe - Helena deixara os modos arrapazados e tornara-se numa mulher capaz de virar a cabeça aos homens, quase de um dia para o outro. Só não abdicava de querer ser advogada, para desespero de Alda, que tentava demovê-la de semelhante loucura a cada dia que passava e Helena repetia as suas intenções sempre que se reuniam os três à mesa. A mãe dizia-lhe que ela devia dar-se por feliz por ter feito o liceu. Nenhuma rapariga, filha de criados, se poderia gabar de saber falar estrangeiro e saber escrever. Ela era uma rapariga de sorte, na opinião da mãe, do pai e da madrinha Catarina.

Pois sim! Era. Tinha imensa sorte de ter estudado e de privar com a madrinha nos seus salões, mas isso não era o suficiente para ficar cega ao ponto de ignorar o que se passava à sua volta.

À medida que percorria o jardim até aos seus fundos, pensava que deveria ter vinte e cinco anos ao invés dos seus vinte anos, feitos há pouco tempo. Sairia do país rumo a Nova Iorque na América, a terra de oportunidades como ouvira falar. Não se atrevia a partilhar os seus sonhos com ninguém, nem mesmo com a mãe. A pacatez com que percorria a casa e a vida, não dava a demonstrar o furação que vivia dentro daquele corpo de mulher, que os homens veladamente olhavam com cobiça. Ninguém ficava indiferente aos olhos verdes acastanhado, à postura ereta, ativa, e àquela pele de pêssego sedosa e brilhante.

A imagem que os vidros da estufa de inverno lhe devolveram agradou-lhe imenso, gostava de se admirar. Transformara-se num cisne de um dia para o outro, algo que nunca julgou possível. Há uns tempos quando se observava ao espelho só tinha pernas longas e ossos saídos da carne. Naquela época odiava o seu corpo, mas hoje, sabia o valor da sua imagem.

Se não fosse filha da empregada já a teriam casado com algum homem de posses. Figura não lhe faltava, e estudos também não. Faltava-lhe berço e, para além disso, dinheiro, aquilo que comprava tudo, mesmo o amor.

Caminhou até à pérgula formada pelas rosas de cheiro e sentou-se ao fundo no banco de granito. Era ali, naquele recanto, escondida, que dava largas aos seus devaneios.

A sonhar acordada, cruzava o oceano juntamente com os refugiados da guerra, montava o seu próprio negócio de padarias, e defendia os direitos das pessoas nas barras dos tribunais. Não queria ser escrava dos padrinhos como os pais o foram toda a vida. Estava agradecida pelo que fizeram por ela, embora não entendesse o motivo do privilégio, quando existiam outras crianças igualmente filhas de criados, e nem por isso eram tratadas como ela; mas, apesar de todos as benesses que os Santana lhe davam, sabia reconhecer a realidade da sua família: eram pobres, criados para todo o serviço e nunca passariam disso mesmo. Jamais se iria esquecer.

Então, para quê continuar ali, naquela família, que não era a sua, mas que ela considerava como tal a maior parte do tempo, mesmo sabendo que um dia seria dispensada?

Lá em baixo, já a pisar o pedrisco do jardim, ainda ouvia as risadas dos homens vindas do salão através das janelas abertas e a música ténue da sala de chá; sabia bem qual era o teor das conversas das senhoras e das suas filhas. Tão lindas e palermas. Os temas das conversas das senhoras, não lhe interessavam o suficiente para que se dedicasse mais do que alguns segundos a pensar neles. Eram assuntos demasiado triviais para quem tinha que se preocupar em pôr comida na mesa. A madrinha e as suas amigas só falavam de moda. Jamais falaria sobre política, literatura ou história como os homens presentes no salão de bilhar, pois, foram educadas para não pensar a não ser no governo da casa, no bem-estar dos maridos e dos filhos.

**

- Ricardo, meu filho, porque não vai até ao salão e faz companhia ao seu pai?

Catarina enfiou o braço no do filho e incitou-o a ir naquela direção.

- A mãe sabe que não partilho da opinião dos cavalheiros ali presentes. A minha visão do mundo e da nossa sociedade não é bem...- e não terminou a frase desenhando-se do braço dela com um afago de mão.

Catarina detestava que o filho fosse contra o governo. Criara-o com tanto esmero para ele depois se virar para o lado dos párias e

desclassificados do país. Não suportava aquela tendência de Ricardo. Jamais aceitaria um filho que não fosse fiel ao seu país. Ou Ricardo mudava ou teria que partir em breve para a fazenda de África. Não ia permitir que envergonhasse a família outra vez.

-É preferível manter-me afastado, evito problemas. – respondeu Ricardo dando um abraço na mãe e desviando-se para as escadas do jardim.

Chegara a Lisboa naquela manhã e para dizer a verdade já estava saturado das pessoas. Ansiava pela liberdade de África, era mais feliz na selva, lá não tinha que se confrontar com a maldade humana como na metrópole. Não era de todo um homem solitário e, embora não o confessasse tinha saudades da família nos anos em que esteve ausente. Saudades da teimosia da mãe, do falar calmo e assertivo do pai, do irmão e da pirralha de olhos doces que vivia dentro de casa como se fosse da família. Com a possibilidade de um início da guerra começou a recear o que pudesse acontecer a Portugal, um lugar estratégico e cobiçado por todos. Lisboa, com o seu porto marítimo facilitava o trânsito dos barcos pelo oceano Atlântico e a troca de informações pelos ingleses, americanos, franceses e alemães. Todos estavam na cidade pelo mesmo motivo: espionagem.

Já Ricardo pisava o último degrau, quando a mãe o chamou e lhe disse, do alto da varanda que permitia o acesso ao frondoso éden particular da família.

- Meu filho! Quanto a guardares as tuas opiniões para ti, acho acertado, mas não podes deixar de te mostrar em sociedade. Tantos anos nessa fazenda fizeram de ti um bicho-de-mato? – perguntou Catarina.

Ricardo sorriu e lançou o olhar para o infinito.

- Talvez mãe. Preciso do meu canto e não sei se será aqui. Por mim voltava para África agora. Lá sou livre, até para pensar. Não há nada pior para um homem que ver cortada a sua liberdade.

Não disse que em África era anónimo, mais um branco entre tantos que por lá viviam, e que o seu propósito de lá permanecer, nada tinha a ver com o cultivo de café. Se Catarina soubesse tinha um desmaio, e desta vez não seria fingido como muitas vezes quando a contrariavam.

Ricardo afastou-se da mãe a sorrir e desapareceu por detrás dos jacarandás que desprendiam flores violeta, dando um ar exótico ao chão.

Estaria por Lisboa um par de dias e depois rumava a Vale de Marias. O Alentejo era o seu refúgio. Seguramente não era um homem citadino, tinha perfeita noção disso. Era a cultivar a terra e a cuidar dos seus cavalos que se sentia feliz, para além da outra atividade que todos desconheciam, aí sim era o melhor. Era conhecido entre os seus congéneres por ser intrépido e eficaz nas suas funções sigilosas, foi por isso que Alex o recrutara, depois de confiar inteiramente nele.

Os cheiros do jardim lembraram-lhe a infância. Corria por ali, com António, escondendo-se da mãe. Cheirava a rosas. O aroma mais intenso, vinha do caramanchão onde passou muitas tardes a ler livros de ação quando era adolescente.

À medida que se aproximava do seu recanto preferido o aroma dos jasmims e do alecrim entravam-lhe pelas narinas numa orgia de cheiros. Ia sentar-se a fumar um cigarro até que os convidados se fossem embora. Não pretendia ter dez raparigas solteiras e respetivas mães, a insinuarem serem um bom partido. Não estava à venda e não tinha grande interesse em casar-se quando o mundo estava repleto de mulheres lindas e disponíveis com quem se deitar sem ter que casar com alguma.

Helena ouviu passos pesados em direção ao caramanchão e sobressaltou-se. Acabara-se o sossego do seu retiro.

Oh, raio! Quem se lembraria de invadir o seu momento de reflexão? Esticou o pescoço e viu-o. Recolheu-se de imediato à segurança do emaranhado de troncos finos e verdes, enfeitado com rosas pequenas abertas, antes que ele a visse.

Ricardo deu mais uns passos e estacou. Lá estava ela. A misteriosa jovem cujos olhos lhe pareciam familiares, mas não deixava de ser uma intrusa e, isso irritava-o de sobremaneira.

Tinha uns olhos que ofuscavam qualquer homem, ao ponto de o levar a cometer uma loucura, como roubar-lhe um beijo de repente, ou deitá-la na relva macia e fornicá-la ali mesmo, mas, tirando isso era igual às outras: uma gaiola para o apanhar.

Ah! Era também proprietária de um belo par de pernas e um busto razoável – pensou a sorrir interiormente. Podia bem deitar-se com ela agora, mas só isso, depois, queria-a longe de si.

- Boa tarde senhorita – cumprimentou sem sequer mostrar os dentes.
- Boa tarde senhor...

Corou ligeiramente perante aquela figura alta e imponente e atreveu-se a olhá-lo de frente. Por pouco não deixava escapar o nome dele.

Há mais de oito anos que não o via. Era criança quando ele partiu, mas Ricardo já levava feições de homem feito, ao passo que ela, só crescera a partir dessa data. Aos doze anos era uma pirralha desengonçada e ele não se lembrava dela seguramente.

- É agradável este lugar, não é? – perguntou Ricardo, com um ar de irritação na voz.

- Sim. É o meu lugar favorito. – respondeu ela em jeito de provocação.

Também era o dele.

Sabia o quanto ele gostava de sentar-se ali horas a fio a ler quando era jovem. Recordava-se de o ver no caramanchão a ler, durante as temporadas que passava em Lisboa, quando a madrinha a levava com a família. Ficava a espiá-lo detrás de alguma sebe e a imaginar que quando fosse grande ia casar com ele.

Ricardo concordou com a cabeça. Ela roubou-lhe o lugar. Mas reconhecia que a ladra era bem...torneada, e pelos vistos de poucas falas.

- Então até mais tarde – disse com a firme intenção de encontrar outro lugar, já que não ficava bem a um cavalheiro expulsar uma jovem de um caramanchão.

- Há lugar para dois – e Helena apontou para o banco em frente com todo o atrevimento que conseguiu arranjar.

Helena lembrava-se bem do padrinho Ricardo – como o tratavam Alda e Josué – um jovem que passava todas as férias escolares no Alentejo e que além de brincar com ela, lhe instigara o gosto pela leitura.

Ela aparecia sorrateira na biblioteca sabendo que de tarde o encontrava a ler. Ricardo sentava-a no sofá, e lia-lhe histórias dos livros empilhados nas prateleiras e, quando aprendeu a ler, o seu lugar preferido era a biblioteca da casa grande, livre só para si durante grande parte do ano quando os Santana não estavam. A família passava muito tempo em Lisboa, a madrinha dizia que o clima era mais ameno, mas a mãe não acreditava, sabia que a patroa, Dona Catarina, era pouco dada a lidas campestres. Tinha horror de bichos e sempre que algum filho dos criados surgia com um lagarto ou com uma cobra de água, fechava-se em casa e não aparecia até ter a certeza que o marido fizera desaparecer o bicharoco.

Ricardo sorriu e deu dois passos em frente. Ela tinha razão, havia outro banco. Porque não?

- Aceito.

Ricardo não a reconhecia, Helena confirmou-o naquele instante. Quem se iria lembrar de uma miúda escanzelada e de cabelo meio enleado que andava pela herdade de Vale de Marias aos saltos?

- Desculpe não me apresentar. Ricardo Santana – e estendeu-lhe a mão.

- Muito prazer, senhor Ricardo. Também não gosta de festas?

- Destas não. As conversas são...ligeiras – disse ele, não querendo entabular conversa com uma estranha.

- Fúteis, quer dizer – rematou Helena olhando-o com frontalidade.

Ricardo deu uma gargalhada. Ora ali estava uma mulher que sabia o que dizia e que partilhava da sua opinião. Pelos vistos, para além de espirituosa era bonita e inteligente, coisa rara entre as mulheres que a mãe convidava para os seus salões, cujas únicas preocupações eram as festas da alta sociedade e os mexericos sobre a vida alheia.

Helena viu-o rir e lembrou-se das brincadeiras da infância. O mesmo riso. Achou-o bonito. Nunca pensou num rapaz dessa forma, mas, Ricardo não era um rapaz da sua idade, era um homem adulto e interessante. Helena reparou nos olhos castanho mel, no cabelo castanho-escuro penteado com brilhantina e no corpo atlético e queimado do sol. Queimado do sol de África - pensou.

Devia ter alguma mulata por sua conta e uns quantos filhos por lá - divagou. Noémia a cozinheira da herdade, passava a vida a afirmá-lo.

- Estou a ver que chama as coisas pelos nomes sem problemas. – concluiu ele.

- Nem sempre. Só completei o seu pensamento.

- E muito bem, apesar de ser um tanto à frente dos tempos que correm. O que pensa sobre os chás de caridade?

Helena foi apanhada de surpresa, mas agiu com cautela. Não ia destravar a língua como fizera há pouco.

- Para dizer a verdade...-hesitou e mudou rapidamente-acho que a madrinha é uma excelente pessoa.

- Madrinha?

- Dona Catarina. É assim que me refiro a ela.

- Ah! Curioso. A menina fez-me lembrar alguém...

- Alguém como? Não me diga que...

Helena teve esperança que fosse ela, mas ele não deu sinal de a reconhecer.

- E também acho que a menina é ótima a fugir aos assuntos, para além de ser exímia a argumentar – disse interrompendo-a enquanto tirava um cigarro da cigarreira de prata.

Acendeu-o e ofereceu-lho. Helena aceitou como se fosse a coisa mais natural do mundo, um homem oferecer-lhe um cigarro aceso.

Ricardo acendeu outro para si e, por entre as espirais de fumo olhou-a com insistência. Aqueles olhos eram-lhe familiares – voltou ele a pensar.

Mas estava a fazer confusão com alguém. Conhecia tanta mulher que já as confundia.

- Imagino que fuma escondida – observou.

- Claro. Como muitas mulheres da minha idade. Se aquelas amigas da madrinha me vissem com um cigarro na mão desmaiavam. A única mulher que tem audácia para o fazer em público é a condessa.

Ricardo anuiu com um sorriso malicioso. A condessa. A sua madrinha Carmina.

Madrinha Carmina, madrinha Catarina...tanta madrinha- pensou ele. Quem seria aquela afilhada da mãe que ele não conhecia? Não era rica. O vestido que usava era simples e feio.

- Ainda não me disse o seu nome...

- Pois não. Não perguntou – e compôs o cabelo enrolando-o atrás da orelha, coquete, onde um botão de rosa repousava fazendo contraste com o castanho dos fios soltos do cabelo, mas sem dar mais explicações. Aprendera aquele gesto num filme que vira no cinema.

E resultava. Se resultava!

De repente sentiu-se uma tonta a tentar impressionar um homem. Oh que raio de ideia mais parva! Tudo aquilo que abominava nas outras raparigas da sua idade, que faziam qualquer coisa para caçar um homem de posição, ela estava a repetir. A partir dali ia comportar-se se não queria arranjar sarilhos para o seu lado.

De repente, um vento frio de fim de tarde, levantou-se fustigando as flores e arrancando pétalas de rosa que voaram pelo ar. Helena ergueu-se, apagou o cigarro, guardou a ponta escondida na palma da mão e passou pela frente de Ricardo, esfregando os braços com frio e estugando o passo para se desviar dele o quanto antes.

- Tenho que ir. Até um outro dia senhor Ricardo. – E afastou-se em passo apressado em direção a casa deixando-o ali plantado, a olhar para ela e sem mais explicações.

Helena sorriu quando se afastou. Mal podia esperar para ver a cara dele quando soubesse quem ela era.